



UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MARCOS ANTONIO PEREIRA NETO

**MOBILIDADE ESPACIAL DE ROMEIROS NEGROS
NORDESTINOS NO NORTE DO TOCANTINS**

Transmigração, geossímbolos e quilombos



GOIÂNIA
2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Marcos Antonio Pereira Neto

3. Título do trabalho

“Mobilidade espacial de romeiros negros nordestinos no Norte do Tocantins: Transmigração, geossímbolos e quilombos”.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio Pereira Neto, Usuário Externo**, em 14/02/2026, às 23:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alecsandro Jose Prudencio Ratts, Professor do Magistério Superior**, em 15/02/2026, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5951600** e o código CRC **C718DA8F**.

MARCOS ANTONIO PEREIRA NETO

**MOBILIDADE ESPACIAL DE ROMEIROS NEGROS
NORDESTINOS NO NORTE DO TOCANTINS**
Transmigração, geossímbolos e quilombos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Área de concentração: Natureza e Produção do Espaço.

Linha de pesquisa: Dinâmica socioespacial

Orientador: Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts

GOIÂNIA
2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pereira Neto, Marcos Antonio

Mobilidade espacial de romeiros negros nordestinos no Norte do Tocantins: Transmigração, geossímbolos e quilombos / Marcos Antonio Pereira Neto. - 2026.
165 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Alecsandro José Prudêncio Ratts

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2026.
Ilustrações. Apêndice. Bibliografia.

Inclui: siglas, mapas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

Ilustração capa: Ale Matteo

1. Mobilidade. 2. Transmigração. 3. Bandeiras Verdes. 4. Geossímbolos. 5. Quilombos.

I. Ratts, Alecsandro José Prudêncio, orientador. II. Título.

CDU 911.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº **66/2025** da sessão de Defesa de Tese de **Marcos Antonio Pereira Neto** que confere o título de Doutor em **Geografia**, na área de concentração em **Natureza e Produção do Espaço**.

Aos **trinta dias do mês de janeiro do ano dois mil e vinte e seis**, a partir das **09:00** horas, por meio de **videoconferência**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada **“Mobilidade espacial de romeiros negros nordestinos no Norte do Tocantins: Transmigração, geossímbolos e quilombos”**. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor **Alecsandro Jose Prudencio Ratts (PPGEO/IESA)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Kênia Gonçalves Costa (UFNT)**, membro titular externo; Professor Doutor **Dernival Venancio Ramos Júnior (Universidade Federal do Norte do Tocantins)**, membro titular externo, Professora Doutora **Juliana Ramalho Barros (PPGEO/IESA)**, membro titular interno; Professora Doutora **Paula Regina de Oliveira Cordeiro (Universidade Federal Fluminense)**, membro titular externo. Durante a argüição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do **trabalho**. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Alecsandro Jose Prudencio Ratts**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, **Aos trinta dias do mês de janeiro do ano dois mil e vinte e seis**.



Documento assinado eletronicamente por **Dernival Venancio Ramos Júnior**, **Usuário Externo**, em 03/02/2026, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alecsandro Jose Prudencio Ratts**, **Professor do Magistério Superior**, em 03/02/2026, às 22:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kênia Gonçalves Costa**, **Usuário Externo**, em 03/02/2026, às 22:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paula Regina de Oliveira Cordeiro**, **Usuário Externo**, em 04/02/2026, às 07:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Ramalho Barros**, **Professora do Magistério Superior**, em 04/02/2026, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5952487** e o código CRC **9387942F**.

*Ao volante do caminhão que percorreu estradas,
a agulha que borda o amor.
Aos meus pais que, sob o forte sol, fizeram-me chegar até aqui, à sombra.*

Dedico também esta tese a todas as pessoas cujos sonhos foram adiados pela falta de acesso à educação, um direito universal. A única diferença entre a minha trajetória acadêmica e a delas foi a oportunidade. Que esta pesquisa seja uma homenagem a essas vozes silenciadas, com a esperança de um futuro em que todos possam transformar suas vidas por meio da educação.

Agradecimentos e afinidades

- A **Deus**, que permitiu o início, o percurso e o encerramento desta pesquisa.
- **Mãe**, que me guiou desde pequenininho, segurou minha mão ao atravessar a rua da vida, me incentivou a estudar e me apoiou em cada decisão, querendo sempre o melhor para mim. **Pai**, que, tão jovem, não mediu esforços para termos o necessário, pelas noites não dormidas para nos sustentar e manter na escola, pelo apoio incondicional em cada momento, em cada mudança, em cada necessidade financeira. Amo vocês. Essa tese não teria acontecido sem vocês dois. Vocês me ensinaram o trabalho, a honestidade, o compromisso, a devoção e qualquer outra coisa que um filho pudesse levar além do que é material.
- **Wanna, Thalyson**, meus irmãos, sempre me apoiaram na decisão dos meus estudos, nas perguntas e preocupações a cada viagem. Uma pequena frase — “está precisando de alguma coisa aí?” — representa cuidado, afeto e amor.
- Minha cunhada **Sandy**, que foi muitas vezes o local de escape e o apoio no “vamos fazer isso”, sempre pronta para ajudar. Meus sobrinhos **Hellen, João e Luiz**, vocês são minha luz! Minha alegria! Vocês são meu acalento neste mundo, minhas preciosidades, e quero, um dia, apoiá-los na vida acadêmica da mesma forma que tive o apoio dos seus avós e pais.
- **Alex**, orientador, amigo, conselheiro, psicólogo. Um pai acadêmico. Toda sua experiência, bondade, acesso e confiança — principalmente à sua biblioteca —, cada conversa, cada viagem de campo, cada aula, cada brincadeira, cada livro ou vídeo. Ser orientado por você me levou a outro patamar na geografia da diferença. Você me fez professor, pesquisador e um geógrafo que jamais imaginei ser lá em 2014, no início da minha vida nesta ciência. Ensinou-me o que considero o maior aprendizado da pós-graduação: entrar e sair das comunidades.
- **Kênia**, você um dia me disse: “você vai fazer mestrado com o Alex lá em Goiânia”, e eu nem acreditava em mim; você acreditou primeiro. Apresentou-me o campo, as comunidades, o mapa, a trajetória socioespacial. Ensinou-me muito. Hoje sou um geógrafo que vê a diferença no espaço porque fui incentivado por você. Todo o apoio não foi só seu, mas também de toda sua família: Seu **João**, Dona **Maria**, seus irmãos e sobrinhos, que sempre me receberam com carinho. Sou muito grato por isso.
- **Izarete** [Iza], seu coração é tão grande que, quando te conheci, você me acolheu nele; a cada dia eu me sentia mais e mais abraçado. Que mulher incrível. Que mãe. Que professora. Que pesquisadora. É muito lindo e privilégio ser seu amigo. Você me recebeu tão bem na universidade, no PIBID, na sua casa; tua família — filhos e esposo — é também reflexo dessa sua bondade. Identifiquei-me com teu sorriso, que de forma alguma é leve; ele é como uma onda que muda qualquer estado de espírito. Forte, sua risada quebra qualquer barreira e nos

deixa vaporosos. Obrigado. Essas palavras ainda são poucas para expressar qualquer sentimento que carrego.

- **José Ricarto [Zé]**, um amigo que, do nada, chegou, ficou e não exige muito. Você é aquele que sempre está presente, mesmo sem nos vermos com frequência, a quem não precisamos conversar toda hora para não perder o elo. Um elo forte, porém flexível, que só ouve e apoia, nunca muda, sorri sempre. Carrego uma profunda admiração pela forma como você enxerga e leva a vida.

- Todo o pessoal do **LaGENTE**: Matheus, Evelin, Winicius, Mariza, Ana Paula, Fernando, Joedson, Gabriel, Igor e todos os que aqui não mencionei. Nosso lugar de portas sempre abertas, de trocas magníficas, de saber e de transformação, como bem dizemos para cada um que chega: “LaGENTE — laboratório de gente; entra aqui, sai diferente.” Diferente porque ali somos melhorados como geógrafos para pensar nessa diferença étnica, de gênero e racial que qualifica o espaço.

- Às professoras e aos professores do **IESA/PPGeo**, em especial Adriano, Denis Castilho, Eguimar e Celene. Também à professora **Juliana Ramalho**: primeiro, uma amiga, antes mesmo de eu chegar à UFG; depois, professora e parceira, com conselhos, conversas e ajuda sempre que precisei. Meu coração te guarda com muito afeto.

- Agradeço, de modo muito especial, aos membros da banca examinadora, **Profa. Dra. Paula Regina, Profa. Dra. Juliana Ramalho, Profa. Dra. Kênia Costa e o Prof. Dr. Dernival Ramos**, pela leitura atenta, pela generosidade intelectual e pela postura profundamente sensível com que acolheram este trabalho. Sou imensamente grato pela disponibilidade, pelas contribuições valiosas. Mais do que apontamentos acadêmicos, levo deste momento a experiência de um diálogo humano, gentil e encorajador, que certamente marcou de maneira muito positiva minha trajetória. Recebam meu sincero reconhecimento e gratidão.

- A todo o **Quilombo Dona Juscelina**, muitas pessoas me ajudaram naquele lugar que, para mim, é aconchego a cada vez que era recebido. Foi lá, pelos circuitos de consagração social, que senti um frio ao ser chamado de “Professor”. Foi lá que aprendi muito do que está aqui de forma academicizada. As pessoas que me receberam com carinho, cuidado e afeição: **Dona Juscelina** [em memória], **Manoel Filho**, um apoiador e parceiro para a pesquisa; **João Filho**, com a mais incrível receptividade; **Dona Cícera** e Seu **Dadá** [em memória], grãos que deixaram seus saberes ensinados aos jovens; **Dona Rosa Mirtis, Dona Maria Bartolomeu, Seu dos Santos**, que, com conversa e música, mantêm viva a história; **Ludimila**, a jovem forte; **Amária, Yarlla, João Antônio, João Manoel, Monaliza, Sofia** e todos os jovens da comunidade que mantêm viva a história e a trajetória de Dona Juscelina.

- A todo o **Quilombo Pé do Morro**, que me recebeu e aceitou aberto à pesquisa: **Andreia**, a jovem que está sempre à frente, cuja presença fortalece a comunidade. Todos os romeiros que me receberam: **Seu Raimundo**, que mapeou com palavras os repertório do grupo em deslocamento e as primeiras moradias; **Seu Manoel do Bruno**, que me apresentou a força da devoção dos

romeiros; **Seu Adão, Dona Maria Mendes, Edimar da Baviera** e a **Débora**, minha amiga. Cada escrita da trajetória do grupo só existe pela disponibilidade de todos.

- Todos de Juazeiro do Norte e Crato, no Ceará, que me receberam de forma inigualável. Fizeram-me sentir em casa. **Telvira, Joedson, Dona Maria Isabel, Professor Diego**, que nos acompanhou ao Sítio Caldeirão, **Thiago Florencio**, professor da URCA, e as irmãs **Valéria e Verônica** me receberam em casa, me abraçaram e me disseram que eu era sensível — num ótimo sentido. Senti-me muito acolhido ali, na casa da serra.

- Todos os meus colegas de trabalho no CEPI Aeroporto em Uruaçu, **Dayguer, Dani, Laryssa, Grasi, Maria Lúcia [Tia Menina]**, e em especial minha coordenadora de área, **Leidianne**. Todos os dias eu agradeço por você ter sido a primeira pessoa com quem falei ao adentrar a escola, pela leveza ao me receber e por tudo que ocorre todos os dias. Você me ensina a ser um professor melhor e a compreender o processo escolar diário. É você também quem me faz rir nos momentos difíceis do trabalho e até fora dele. Agradeço por ter te encontrado. Obrigado!

- A **Universidade Federal de Goiás (UFG)**, o **Instituto de Estudos Socioambientais (IESA)** e o **Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo)**, juntamente com a **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**, pela oportunidade de estudar nesse programa, nessa instituição, com esses professores e com o apoio financeiro para a pesquisa.

- Agradeço profundamente ao meu psicólogo, **Raphael**, pela escuta sensível, pelo apoio constante e pela presença fundamental ao longo deste percurso. Em meio aos altos e baixos da construção desta tese, sua ajuda foi essencial, permitindo-me não apenas seguir adiante, mas também enxergar e compreender meus próprios processos. Sou especialmente grato pela forma cuidadosa com que me auxiliou a reconhecer e elaborar o que eu sentia. Seu acompanhamento foi parte indispensável desta trajetória.

- **Lucas**, meu pequeno e grande amigo. Que loucura a forma como nos conhecemos e como fomos moldando essa amizade. Só sei que hoje você é alguém que tenho admiração e o prazer de chamar de amigo, irmão, companheiro. A geografia me trouxe um lindo presente, e você é um deles.

- **Carlos**, amigo, você foi um dos encontros mais incríveis que poderia ter me acontecido, uma conexão incalculável, um irmão (de aniversário, de trabalho, de viagens, de vida). Obrigado por tanto: por cada escuta — e eu falei muito —, por cada conselho, por cada risada, por cada companhia. Você me entendeu, às vezes até mais do que eu mesmo. Leu-me, me sentiu. Sente meus sentimentos, se preocupa, cuida, liga. Cuida de novo, se preocupa de novo, liga de novo. Acolheu-me, me inspirou a ser melhor. Admiro muito tua força, tua inteligência e o quanto se entrega por quem tem afeição. Você tem um coração lindo, um sorriso cativante e um abraço acolhedor. Aprendi e ainda aprenderei muito contigo.

- Elaine [**Laine**], **MY PERSON**. A denominação “minha pessoa”, que tiramos da série que gostamos, não é à toa. Nossa relação nasceu sem que eu soubesse como. Parece tanto tempo — esses mais de 10 anos — que não me lembro de mim mesmo antes de você. O eu de hoje não existe sem você. Que mulher — como diria nosso amigo João Pedro, “um mulherão da porra”. Foi você quem me ouviu, muitas vezes, mais de uma vez, sobre tudo: trabalho, doutorado, família, os garotos que eu estava gostando, o cotidiano, a vida. Eu também te ouvi. Cai contigo na tua perda, me senti longe por não poder te abraçar. Quantas vezes você me acolheu sem me julgar, e quantas vezes me julgou — todas necessárias. Disse quando eu errei e me incentivou a ser um homem melhor num mundo machista, me ensina até hoje. Nossa relação não pode mais ser medida por denominação. Por isso sou teu “mi persona” e você é “my person”.

*Quando nós falamos tagarelado
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinado
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é porque estamos errando
É porque não fomos colonizados*

Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo)

Pereira Neto, Marcos A. **Mobilidade espacial de romeiros negros nordestinos no Norte do Tocantins: transmigração, geossímbolos e quilombos**. Tese – Doutorado em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, 165 f. Goiânia, 2026.

Esta tese estuda os processos de mobilidade de romeiras e romeiros negros, devotos do Padre Cícero, que, a partir da década de 1950, migraram de diferentes partes do Nordeste rumo ao norte do estado do Tocantins — especialmente para os atuais municípios de Aragominas-TO, Muricilândia-TO e Santa Fé do Araguaia-TO — em busca das chamadas “Bandeiras Verdes”: terras férteis situadas além dos grandes rios, evocadas em visões e narrativas. Trata-se de uma mobilidade marcada por experiências coletivas de devoção, resistência e construção territorial negra, cuja memória permanece viva nas comunidades quilombolas formadas ao longo desse percurso. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, articulando geografia, história, estudos culturais e saberes quilombolas, e se ancora em uma cartografia das mobilidades que foi construída a partir de uma abordagem qualitativa-interpretativa, na qual os mapas são compreendidos como construções analíticas derivadas das narrativas dos sujeitos. As trajetórias representadas expressam não apenas deslocamentos espaciais, mas experiências, memórias e significados associados ao espaço vivido. A noção de transmigração é central na análise e refere-se a um deslocamento que ultrapassa a dimensão geométrica do espaço. Trata-se de um processo no qual sujeitos e grupos se deslocam levando consigo práticas culturais, referências simbólicas, crenças e memórias identitárias, que são continuamente reelaboradas nos novos territórios. Os geossímbolos correspondem a elementos que adquirem forte valor simbólico e identitário no espaço geográfico. Eles expressam sentidos culturais, devocionais e históricos, sendo territorializados pelos grupos sociais como marcas de pertencimento, memória e sacralização do território. Ao analisar as narrativas das comunidades, as festas religiosas, os símbolos de devoção e os repertórios de lugares, a tese demonstra como os romeiros não apenas atravessaram os limites geográficos de uma região, mas também desafiaram fronteiras epistemológicas, afirmando uma geografia negra e quilombola profundamente conectada à devoção e à ancestralidade. Este trabalho contribui para uma leitura crítica da formação territorial do norte do Tocantins e do Brasil, ao propor uma geografia das diferenças, comprometida com o reconhecimento de trajetórias historicamente silenciadas e com a valorização das formas negras de ocupar, nomear e significar o território.

Palavras-chave: Mobilidade; Transmigração; Bandeiras Verdes; Geossímbolos; Quilombos

Pereira Neto, Marcos A. **Mobilité spatiale des pèlerins noirs nord-estins dans le nord du Tocantins : transmigration, géosymboles et quilombos**. Thèse de doctorat en géographie, Institut d'Études Socio-Environnementales, Université Fédérale de Goiás, 165 p., Goiânia, 2026.

This thesis examines the mobility processes of Black female and male pilgrims, devotees of Padre Cícero, who, from the 1950s onward, migrated from different parts of Brazil's Northeast toward the northern region of the state of Tocantins—especially to the present-day municipalities of Aragominas-TO, Muricilândia-TO, and Santa Fé do Araguaia-TO—in search of the so-called “Green Banners”: fertile lands located beyond the great rivers, evoked in visions and narratives. This mobility is marked by collective experiences of devotion, resistance, and Black territorial formation, whose memory remains alive in the quilombola communities established along this route. The research adopts a qualitative and interdisciplinary approach, bringing together geography, history, cultural studies, and quilombola knowledge, and is grounded in a cartography of mobilities developed through a qualitative-interpretive perspective, in which maps are understood as analytical constructions derived from the subjects' narratives. The represented trajectories express not only spatial displacements but also experiences, memories, and meanings associated with lived space. The notion of transmigration is central to the analysis and refers to a form of displacement that goes beyond the geometric dimension of space. It describes a process in which subjects and groups move while carrying with them cultural practices, symbolic references, beliefs, and identity-based memories, which are continuously reworked in new territories. Geosymbols correspond to elements that acquire strong symbolic and identity value within geographic space. They express cultural, devotional, and historical meanings and are territorialized by social groups as markers of belonging, memory, and the sacralization of territory. By analyzing community narratives, religious festivals, symbols of devotion, and repertoire of places, the thesis demonstrates that the pilgrims not only crossed the geographic boundaries of a region but also challenged epistemological boundaries, affirming a Black and quilombola geography deeply connected to devotion and ancestry. This work contributes to a critical reading of the territorial formation of northern Tocantins and Brazil by proposing a geography of difference, committed to recognizing historically silenced trajectories and valuing Black ways of occupying, naming, and giving meaning to territory.

Keywords: Mobility; Transmigration; Green flags; Geosymbols; Quilombos

PEREIRA NETO, Marcos A. **Mobilité spatiale des pèlerins noirs nord-estins dans le Nord du Tocantins : *transmigration, géosymboles et quilombos***. 2025. 165 p. Thèse de doctorat (PhD) – Programme doctoral en géographie, Institut d'études socio-environnementales, Université fédérale de Goiás, Goiânia, 2025.

Cette thèse étudie les processus de mobilité des pèlerines et pèlerins noirs, dévots du Padre Cícero, qui, à partir des années 1950, ont migré depuis différentes régions du Nord-Est du Brésil vers le nord de l'État du Tocantins — en particulier vers les actuelles municipalités d'Aragominas-TO, Muricilândia-TO et Santa Fé do Araguaia-TO — à la recherche des dites « Bannières Vertes » : des terres fertiles situées au-delà des grands fleuves, évoquées dans des visions et des récits. Il s'agit d'une mobilité marquée par des expériences collectives de dévotion, de résistance et de construction territoriale noire, dont la mémoire demeure vivante au sein des communautés quilombolas constituées tout au long de ce parcours. La recherche adopte une approche qualitative et interdisciplinaire, articulant la géographie, l'histoire, les études culturelles et les savoirs quilombolas. Elle s'appuie sur une cartographie des mobilités élaborée à partir d'une perspective qualitative-interprétative, dans laquelle les cartes sont comprises comme des constructions analytiques dérivées des récits des sujets. Les trajectoires représentées expriment non seulement des déplacements spatiaux, mais également des expériences, des mémoires et des significations associées à l'espace vécu. La notion de transmigration occupe une place centrale dans l'analyse et renvoie à un déplacement qui dépasse la dimension géométrique de l'espace. Elle désigne un processus par lequel des sujets et des groupes se déplacent en emportant avec eux des pratiques culturelles, des références symboliques, des croyances et des mémoires identitaires, continuellement réélaborées dans les nouveaux territoires. Les géosymboles correspondent à des éléments qui acquièrent une forte valeur symbolique et identitaire dans l'espace géographique. Ils expriment des significations culturelles, dévotionnelles et historiques, et sont territorialisés par les groupes sociaux comme des marques d'appartenance, de mémoire et de sacralisation du territoire. En analysant les récits communautaires, les fêtes religieuses, les symboles de dévotion et les répertoire de lieux, la thèse démontre que les pèlerins n'ont pas seulement franchi les limites géographiques d'une région, mais qu'ils ont également défié des frontières épistémologiques, affirmant ainsi une géographie noire et quilombola profondément liée à la dévotion et à l'ancestralité. Ce travail contribue à une lecture critique de la formation territoriale du nord du Tocantins et du Brésil, en proposant une géographie des différences, engagée dans la reconnaissance de trajectoires historiquement réduites au silence et dans la valorisation des manières noires d'occuper, de nommer et de signifier le territoire.

Mots-clés : Mobilité ; Transmigration ; « Bandeiras Verdes » ; Géosymboles ; Quilombos

Lista de Figuras

Figura 1 - Beata Maria de Araújo	41
Figura 2 - Croqui da Vila Joaseiro nos primeiros anos de Padre Cícero	43
Figura 3 - Morros vistos da rodovia TO-222 próximo a Aragominas.....	51
Figura 4 - Croqui da Vila Pé do Morro (hoje Aragominas) nos seus anos iniciais.	52
Figura 5 - Placa de indicação da APA Pé do Morro.....	56
Figura 6 - Romaria do 2 de novembro no alto do morro em Aragominas	56
Figura 7 – Cruzeiro do Morro na Romaria do 2 de novembro em Aragominas.....	57
Figura 8 - Preceitos Ecológicos do Padre Cícero gravados na parede	63
Figura 9 - Poço d'água do Sítio Caldeirão.....	66
Figura 10 - Vista do relevo da região do Sítio Caldeirão.....	67
Figura 11 - Capela e Cruzeiro do Sítio Caldeirão.....	68
Figura 12 - Jazigo do Beato José Lourenço no Cemitério do Socorro em Juazeiro do Norte.....	69
Figura 13 - Senhor Manoel do Bruno frente ao seu altar em Aragominas-TO.....	93
Figura 14 - Cruzeiro no alto do morro em Aragominas-TO	108
Figura 15 - Estandarte dos Penitentes do Caldeirão da Santa cruz do Deserto, Crato-CE.....	108
Figura 16 - Ruínas de construção nas proximidades do morro	111
Figura 17 - Máquinas na abertura da rodovia Belém-Brasília em Araguaína.....	124
Figura 18 – Dona Juscelina no altar de sua casa em Muricilândia (2018).....	134
Figura 19 - Celebração do dia do Romeiro [27 de julho] em Aragominas	138
Figura 20 - Penitência ao Divino Pai Eterno em julho de 2023.....	141
Figura 21 - Seminário de Cultura Afro-brasileira e Quilombola de 2024.....	144
Figura 22 - 51º Festejo da Abolição do Quilombo Dona Juscelina de 2024.....	145

Lista de Quadros

Quadro 1 - Quadro síntese com os dados de criação administrativa	53
Quadro 2 - Romeiros que chegaram ao Pé do Morro em 1952.....	82
Quadro 3 - Romeiros que chegaram ao Pé do Morro em 1954.....	83

Lista de Mapas

Mapa 1 - Localização dos Municípios em estudo	21
Mapa 2 - Mobilidade dos romeiros na narrativa das Bandeiras Verdes	23
Mapa 3 - Localização do município de Juazeiro do Norte	40
Mapa 4 - Área de Preservação Ambiental Pé do Morro em modelo de altitude....	55
Mapa 5 - Geossítio do Horto em modelo de altitude.....	59
Mapa 6 - Caminhos dos romeiros e romeiras para o morro.....	107
Mapa 7 - Imagem de satélite do primeiro agrupamento às margens do morro ...	110
Mapa 8 - Município de Filadélfia – 1956.....	122
Mapa 9 - Percurso Dia do Romeiro, Aragominas	142

Lista Abreviaturas e Siglas

APA	Área de Preservação Ambiental
AVC	Acidente Vascular Cerebral
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPI	Centro de Ensino em Período Integral
COVID	<i>Corona Of Virus Infectious Disease</i>
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
FCP	Fundação Cultural Palmares
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IESA	Instituto de Estudos Socioambientais
LaGENTE	Laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-raciais e Espacialidades
Max.	<i>Maximilien [Sorre]</i>
Naturatins	Instituto Natureza do Tocantins
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPCDQ-TO	Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e Queimadas do Estado do Tocantins
PPGCult	Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território
PPGeo	Programa de Pós-graduação em geografia
SIG	Sistema de Informações Geográficas
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TO	Tocantins
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
URCA	Universidade Regional do Cariri

Sumário

APONTAMENTOS INICIAIS	20
Um delinear de noções e pressupostos.....	31
1. LUGARES DOS ROMEIROS E ROMEIRAS NO CEARÁ E NO TOCANTINS..	37
1.1 Espacialidades dos romeiros e romeiras no Cariri cearense e no norte tocantinense.....	38
1.2 As condições ambientais e culturais no Cariri cearense e no Norte do Tocantins.....	53
1.3 Caldeirão do Beato José Lourenço.....	64
2. BANDEIRAS VERDES: UM MOVIMENTO TRANSMIGRATÓRIO E UMA NARRATIVA ESPACIAL.....	70
2.1 Uma narrativa de deslocamento.....	71
2.2 Devoção romeira: um impulsionador de mobilidades	80
3. ADENTRAR AS MATAS DO ARAGUAIA: MOBILIDADE ESPACIAL, DEVOÇÃO E DESLOCAMENTO.....	85
3.1 Mobilidade espacial, devoção e deslocamento.....	86
3.2 Adentrar as matas e fixar moradia nas Bandeiras Verdes	102
4. FORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E ESPACIAL DO ANTIGO NORTE DE GOIÁS (TOCANTINS)	117
4.1 O antigo norte de Goiás até 1950	118
4.2 A formação de vilas, cidades e comunidades a partir de 1950	126
4.2.1 Comunidades Quilombolas: devoção e expressões culturais.....	139
APONTAMENTOS FINAIS.....	147
Um encontro comigo mesmo	150
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	153
Apêndice.....	158

APONTAMENTOS INICIAIS

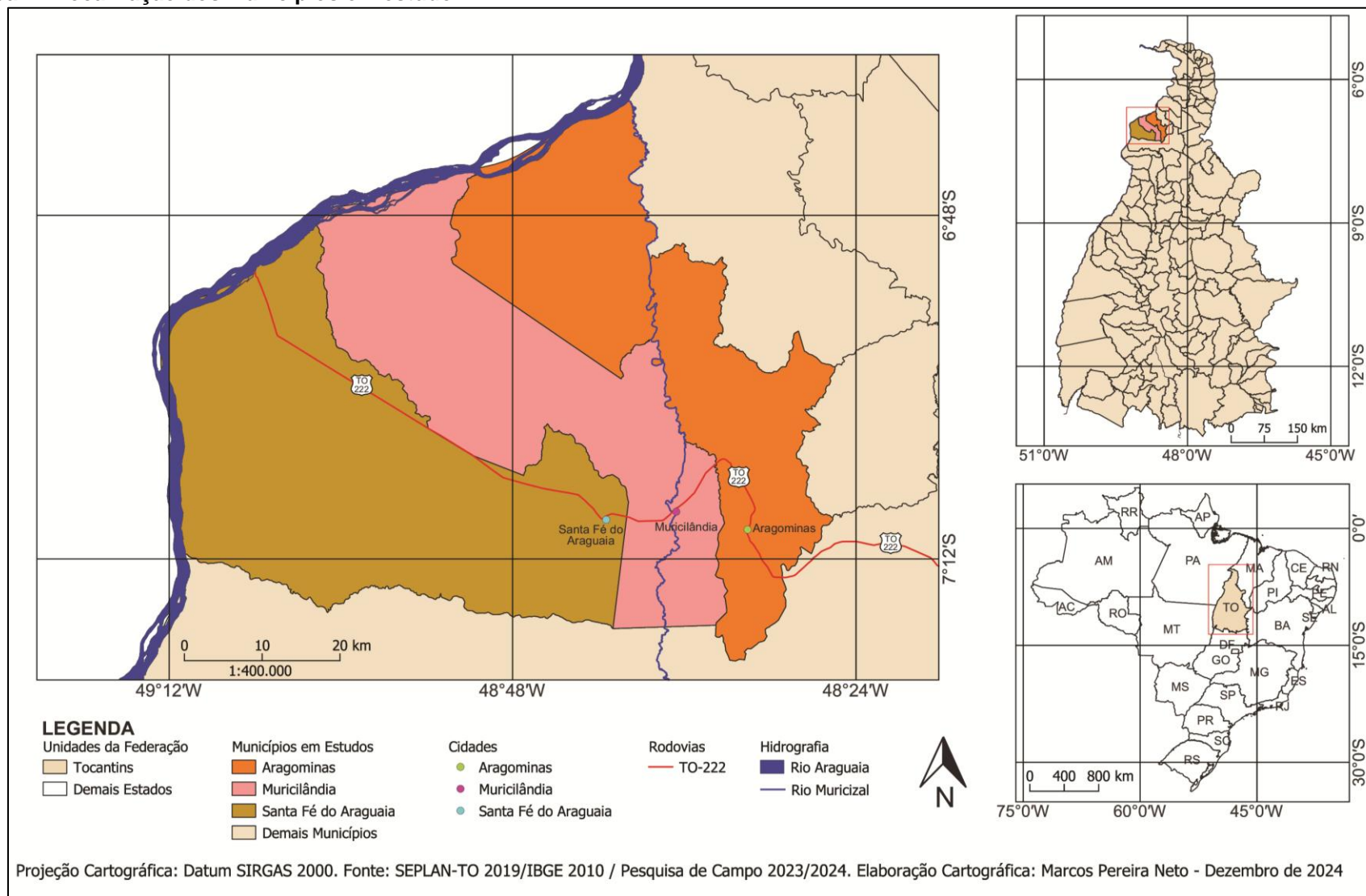
No norte do estado do Tocantins, mais precisamente nos municípios de Aragoimas, Muricilândia e Santa Fé do Araguaia, há comunidades quilombolas que, em narrativas orais, têm uma procedência e uma territorialidade comum: a migração, no início da década de 1950, de locais situados nas regiões Nordeste e Norte, em busca das Bandeiras Verdes – terras férteis; a oeste; depois dos grandes rios – animadas por profecias do padre Cícero Romão Batista (24 de março de 1844 – 20 de julho de 1934) e conduzida por pessoas reconhecidas como beatas e beatos¹.

A pesquisa dirige-se a este grupo de romeiras e romeiros negros situados no norte do Tocantins. A partir de um processo de mobilidade, oriundo de parte do Nordeste, essas romeiras e esses romeiros buscaram as Bandeiras Verdes – narrativa espacial de romeiros que orienta a migração rumo a terras livres e férteis além dos grandes rios. Constitui um imaginário devocional-territorial que dá direção e sentido à mobilidade no Norte e Nordeste do Brasil – e se estabeleceram na área que hoje corresponde aos municípios de Aragoimas, Muricilândia e Santa Fé do Araguaia, no Tocantins (Mapa 1).

A mobilidade se realiza em temporalidades e espacialidades distintas, combina-se na busca pelas Bandeiras Verdes — locais de matas amazônicas, preferencialmente às margens dos grandes rios — que serviam como áreas de moradia e cultivo para o sustento. Esses locais eram considerados ideais para a sobrevivência. Esse movimento tem como principais protagonistas romeiros e romeiras negras, devotos do Padre Cícero. Em relatos, alguns afirmam que viam o padre em sonhos, nos quais ele lhes dizia para explorarem a mata além dos grandes rios, em direção ao sol poente, rumo às Bandeiras Verdes. (Vieira, 2001).

¹ Trata-se de homens e mulheres que, embora não integrassem a hierarquia oficial da Igreja Católica, assumiam votos de castidade e renúncia e exerciam funções espirituais e sociais fundamentais nas comunidades, como conduzir orações, novenas e procissões, visitar enfermos e enterrar os mortos.

Mapa 1 - Localização dos Municípios em estudo

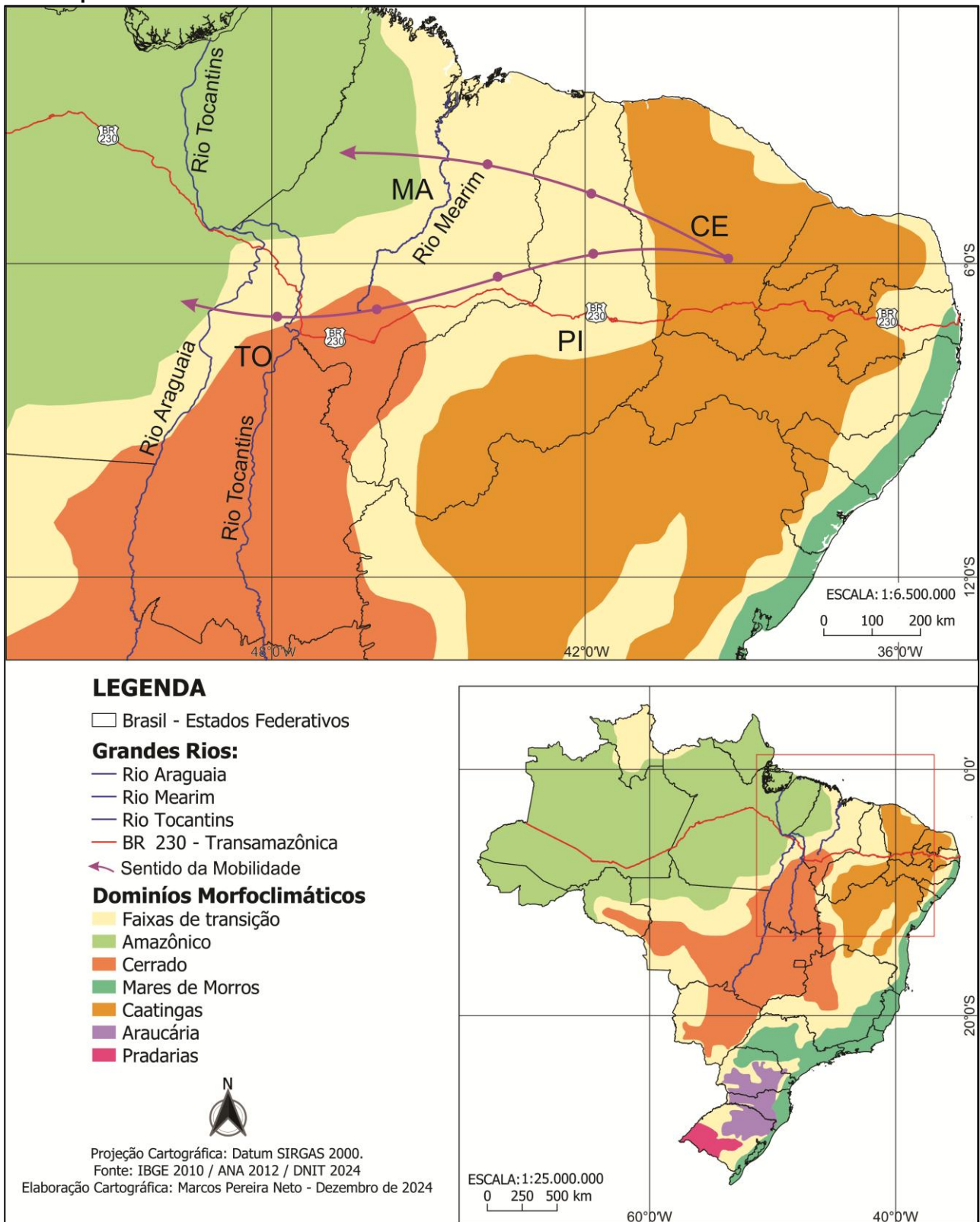


Realizo um estudo que conjuga trabalho de campo, desde a pesquisa anterior (Pereira Neto, 2021) e uma análise da mobilidade desses romeiros (Mapa 2), que conecta a região Nordeste — especialmente os estados do Ceará, Maranhão e Piauí — ao Norte do país, na região amazônica (representada em verde), situada além dos grandes rios Araguaia e Tocantins. A espacialidade articula-se com a temporalidade das décadas de 1950 a 1970, segundo as narrativas dos próprios romeiros com os quais conversei.

Capelas, cruzeiros, morros, imagens do Padre Cícero e de santos, rezas, danças, festas do Divino Espírito Santo e de Santos Reis compõem a ligação dos interlocutores com os lugares — partes do Nordeste e do Norte do Tocantins — e com a memória/trajetória individual e coletiva no catolicismo popular dos romeiros e romeiras devotos do Padre Cícero, nas áreas das Bandeiras Verdes. Trata-se de uma trajetória negra, constituída na transmigração e nos geossímbolos.

O Mapa 2 também apresenta uma variedade de deslocamentos, destacando o traçado da rodovia BR-230, a Transamazônica, que cruza a região de leste a oeste. Essa rodovia serve direta e indiretamente à ampla região de origem dos romeiros e romeiras — centro-sul cearense, Piauí e Maranhão. Construída na década de 1970, com o intuito de facilitar o fluxo rumo à Amazônia, a Transamazônica se conecta à BR-153, formando grandes artérias que, na época dos governos militares brasileiros, levariam o “progresso” à região (Valverde; Dias, 1967). Parte desse caminho havia sido anteriormente “aberto” pela frente de expansão dos nordestinos em busca das Bandeiras Verdes, além dos grandes rios que, no Tocantins, Pará e Maranhão, são, respectivamente, os rios Tocantins, Araguaia e Mearim.

Mapa 2 - Mobilidade dos romeiros na narrativa das Bandeiras Verdes



O mapa também mostra a direção da migração, do leste para o oeste, indicando o sentido desse fluxo em parte do país, assim como os estados e suas regiões intermediárias de origem ou por onde, em seus repertório de lugares, esses romeiros e romeiras passaram. Além disso, o mapa apresenta a divisão dos domínios morfoclimáticos brasileiros segundo o geógrafo Aziz Ab'Saber, com o intuito de demonstrar a transição do domínio da caatinga para o amazônico ao longo do percurso do deslocamento.

A Amazônia, considerada a última fronteira do século XX na perspectiva do desenvolvimento capitalista (Martins, 1997), vivia um período em que grupos adentravam essa região, que, a partir disso, viria a se tornar uma frente de expansão. Minha hipótese é que as Bandeiras Verdes, assim como a devoção dos romeiros e das romeiras ao Padre Cícero, impulsionaram a mobilidade em busca de um lugar melhor para viver, junto com a vontade de migrar para uma terra “sem dono”, onde pudessem trabalhar; essa mobilidade foi propiciada por esses fatores. No deslocamento, a transmigração de suas culturas — católica e negra — influenciou de forma decisiva suas identidades territoriais e modos de vida. A devoção, os geossímbolos e a construção das vivências com os lugares, a partir da resistência, fizeram com que parte do grupo permanecesse até os dias atuais na região, criando vilas, cidades e comunidades quilombolas.

Na pesquisa de mestrado que realizei entre os anos de 2019 e 2021, (Pereira Neto, 2021) delineei as trajetórias da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia. Nela, destaquei a formação territorial do quilombo, tendo como base a trajetória da própria matriarca, com foco no repertório de lugares e na construção do seu arcabouço cultural, que resultou na formação identitária da comunidade.

A motivação para a realização desta pesquisa nasce com as histórias silenciadas e com as territorialidades construídas a partir da mobilidade de sujeitos negros no Brasil. Ao longo da minha trajetória de pesquisador, observei o quanto narrativas de deslocamento, especialmente aquelas protagonizadas por romeiras e romeiros negros devotos do Padre Cícero, ainda são pouco

visibilizadas nos estudos sobre a formação territorial da Amazônia e sobre os processos de resistência cultural e religiosa. Esta tese pretende, portanto, lançar luz sobre um movimento histórico: a mobilidade em direção às "Bandeiras Verdes", impulsionada pela devoção, que resultou na formação de comunidades negras, muitas delas hoje reconhecidas como quilombolas, no norte do estado do Tocantins.

Entendo que estudar essa mobilidade é fundamental para compreender os modos de vivências no território brasileiro. São os próprios sujeitos – neste caso, romeiros e romeiras negras – que forjaram os caminhos, construíram referências espaciais e instauraram geossímbolos que articulam devoção, memória, ancestralidade e resistência. A devoção ao Padre Cícero, que orienta os deslocamentos rumo à mata e aos rios, não apenas informa o movimento geométrico dos corpos, mas também estrutura as vivências espirituais e comunitárias dos sujeitos em trânsito.

O recorte espacial que compreende os municípios de Aragominas, Muricilândia e Santa Fé do Araguaia se dá não apenas pela presença concreta dessas comunidades, mas também por sua centralidade nos relatos orais e nas experiências de territorialização narradas pelas/os romeiras/os. A partir da década de 1950, o deslocamento de grupos nordestinos negros para essa região, atravessando fronteiras de biomas e políticas – como a caatinga, o cerrado e a floresta amazônica –, constitui um dos muitos capítulos da história da Amazônia como fronteira habitada e disputada, e não como um vazio a ser ocupado.

Além disso, esta pesquisa se insere em uma perspectiva interdisciplinar que alia geografia, narrativas de romeiras e romeiros, estudos em leituras historiográficas, antropológicos e sociológicos e saberes quilombolas, dialogando com autores e autoras que compreendem que na mobilidade está atrelada a algo mais que somente um deslocamento espacial. Acredito que contribuir para o reconhecimento dessas narrativas e dos sujeitos que as protagonizam é também contribuir para uma geografia das diferenças, mais plural, crítica e comprometida com as comunidades e com o direito à memória.

Dessa forma, a tese tem relevância não apenas pela atualidade do tema, mas também por sua urgência social, racial e política, ao valorizar trajetórias históricas que desafiaram o apagamento e reafirmaram, nos caminhos da devoção e da luta, um modo de vida coletivo profundamente enraizado na terra, na fé e na resistência negra. Embora já existam estudos que abordam as comunidades aqui pesquisadas, bem como as práticas devocionais e os deslocamentos populacionais que as constituem, esta investigação se diferencia ao promover uma leitura relacional e comparativa entre lugares historicamente conectados — Juazeiro do Norte (CE) e Aragoimas (TO). Ao justapor esses espaços, a tese propõe uma nova roupagem para a noção de migração, compreendendo-a não como movimento linear ou ruptura definitiva, mas como processo contínuo de circulação simbólica, territorial e religiosa, no qual a devoção, a memória e os vínculos comunitários reconfiguram o sentido do deslocamento e produzem territorialidades negras que atravessam escalas regionais.

Esta tese tem como objetivo identificar e compreender as mobilidades das romeiras negras e dos romeiros negros devotos do Padre Cícero no norte do Tocantins, a partir da década de 1950, destacando o papel desses deslocamentos na formação de comunidades negras que transmigram práticas culturais, religiosas e territoriais ao longo de suas trajetórias.

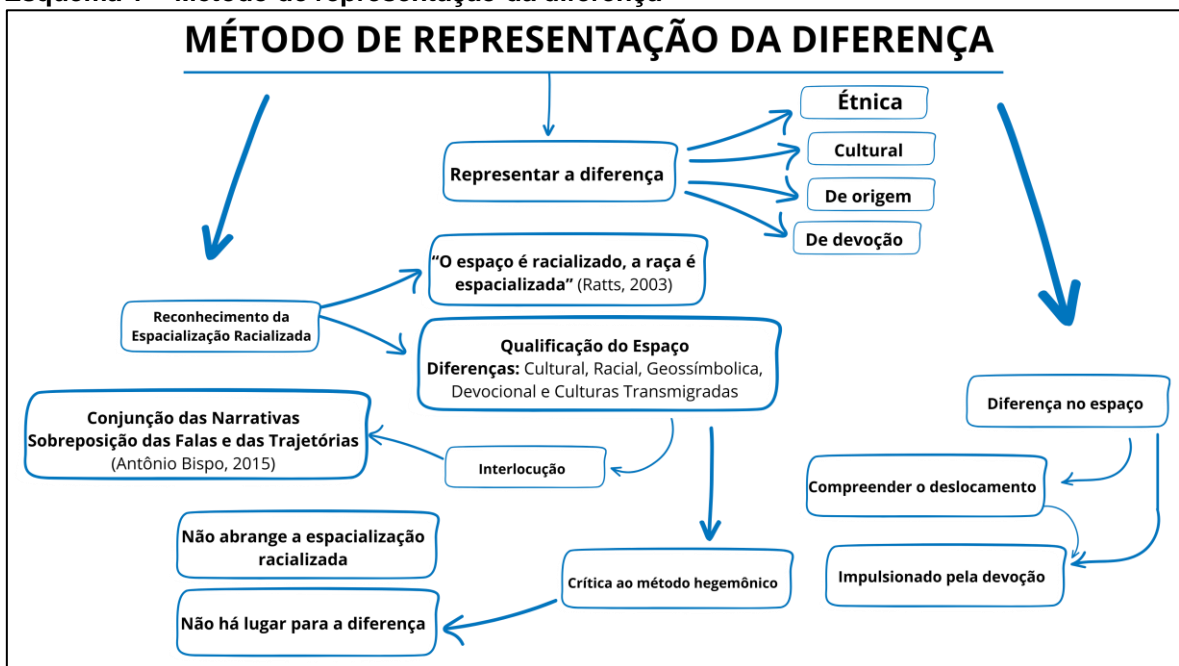
De forma mais específica, almejo compreender a narrativa espacial das chamadas "Bandeiras Verdes" enquanto símbolo impulsionador dessas mobilidades, articulado à devoção ao Padre Cícero. Além disso, proponho refletir sobre a cultura católica popular, negra e quilombola, fundamentada na transmigração, expressa na mobilidade dos sujeitos e dos geossímbolos. Por fim, objetivo compreender as territorialidades resultantes desses deslocamentos, com ênfase na constituição de cidades, vilas e comunidades quilombolas no norte tocaninense, revelando os vínculos entre mobilidade, fé, cultura e resistência.

Abordando a questão de forma qualitativa e interdisciplinar, proponho um método que represente a diferença — étnica, cultural, de origem e de devoção (esquema 1) — que este grupo específico abriga. Essa diferença no espaço será

o norteador para compreender como a devoção impulsionou o deslocamento. Pensar essa diferença étnica e cultural é reconhecer que o espaço é racializado e que a raça é espacializada (Ratts, 2003).

Os romeiros e romeiras, por meio de suas marcas geossimbólicas, qualificam os espaços que ocupam ao neles exercerem suas práticas culturais, as quais foram transmigradas. Essa compreensão dialoga com Ratts (2003), para quem as diferenças étnicas se expressam no uso do espaço segundo dimensões culturais específicas, conferindo-lhe sentidos que vão dar ao espaço geográfico uma qualificação.

Esquema 1 – Método de representação da diferença



Os métodos comumente utilizados na geografia humana não abrangem essa espacialização racializada; ou seja, não há lugar para a diferença. Essa diferença cultural, racial, geossimbólica, devocional e de culturas transmigradas é o que qualifica o espaço em estudo, dando forma à territorialidade presente. Com uma tentativa de interlocução entre os romeiros e romeiras, nos preceitos de Antônio Bispo dos Santos (2015), realizei a conjunção das narrativas atribuídas às áreas pesquisadas, promovendo uma sobreposição de falas e trajetórias.

Nos procedimentos metodológicos, utilizo levantamento bibliográfico, análise de livros, artigos, dissertações, teses e obras que abordam o tema no

âmbito das ciências humanas, especialmente na geografia, nas ciências sociais e na história; trabalho de campo; entrevistas semiestruturadas; além da organização e análise das narrativas dessas entrevistas.

O trabalho de campo permitiu a construção de proximidade com os romeiros e romeiras quilombolas, bem como a realização das entrevistas semiestruturadas. As narrativas sobre a mobilidade, extraídas dessas entrevistas, compõem uma cartografia resultante nos mapas que mostram a mobilidade desses romeiros e romeiras, tanto na mobilidade do Nordeste para além dos grandes rios, como no deslocamento do grupo em direção ao morro, em Aragominas.

O trabalho de campo foi realizado de modo a acompanhar momentos do calendário das comunidades — festas, eventos e datas comemorativas — e também conforme o cronograma de execução da tese. Algumas visitas foram feitas de forma individual e intencional — como a ida ao morro ou a visita à Dona Maria. Em outros momentos, houve uma imersão na área, durante a qual, por mais de quinze dias, fiquei transitando entre os locais, casas e comunidades.

O retorno a Muricilândia, após a pesquisa de mestrado, ocorreu agora com uma perspectiva mais ampla, incluindo também a chegada a Aragominas e ao Morro. Muricilândia mostrou-se, como sempre, muito receptiva e acolhedora com as pesquisas. Participei de eventos, seminários, encontros de Griôs da Comunidade Dona Juscelina em Muricilândia, e reuniões, sempre convidado pelas associações quilombolas.

Em Aragominas, a aproximação inicial se deu por meio da presidência da associação. A pesquisa foi bem recebida, e fui convidado a apresentá-la durante a reunião mensal da associação em junho de 2023, para o conhecimento de todos os presentes, passando a ser reconhecido como o professor/pesquisador. A partir desse momento, a recepção à pesquisa, as entrevistas e os convites para eventos e reuniões foram se intensificando. Participei de romarias ao Morro no dia 2 de novembro, da penitência do Divino Pai Eterno e da celebração do Dia do Romeiro, em julho.

Esses laços, além de contribuírem para a tese, fortalecem vínculos de confiança e segurança com os interlocutores e as interlocutoras, conferindo à pesquisa maior solidez metodológica e respaldo junto às comunidades.

Essas narrativas foram traçadas de acordo com o caminhar e a aproximação com cada sujeito, respeitando o tempo de cada um, suas mistificadas e devoções. As conversas, livres, porém direcionadas, conduziram ao relato da mobilidade e favoreceram o desenvolvimento da pesquisa.

A construção cartográfica das mobilidades fundamentou-se em uma abordagem qualitativa-interpretativa, na qual compreendo os mapas não como espelhos objetivos da realidade, mas como construções analíticas e narrativas. As trajetórias representadas derivam das entrevistas e depoimentos, que assumo não apenas como fontes de informação espacial, mas como expressões de experiências vividas, memórias, percepções e significados atribuídos aos deslocamentos.

Inicialmente, analisei as narrativas buscando identificar elementos espaciais recorrentes — lugares mencionados, percursos, pontos de inflexão, interrupções, permanências e sentidos atribuídos aos movimentos. Esse processo não teve como finalidade apenas extrair localizações, mas compreender a lógica experiencial das mobilidades, reconhecendo que o deslocamento, enquanto fenômeno geográfico, é também simbólico, afetivo e relacional.

Posteriormente, realizei a tradução dessas narrativas para uma linguagem cartográfica por meio do Sistema de Informações Geográficas (SIG), utilizando o software QGIS 3.22.14. Essa etapa não foi tratada como mera operacionalização técnica, mas como um momento interpretativo, no qual decisões cartográficas — seleção de elementos, generalizações, ênfases visuais e formas de representação — foram orientadas pela intenção de preservar os sentidos expressos pelos sujeitos.

A cartografia produzida aproxima-se da perspectiva da cartografia humanista, especialmente nos termos propostos por Jörn Seemann, ao compreender os mapas como dispositivos capazes de articular espaço, tempo e

memória. Nessa concepção, as trajetórias cartografadas não representam apenas deslocamentos métricos, mas inscrições gráficas de experiências que recuperam o tempo no espaço e o espaço no tempo.

Esse procedimento parte do entendimento de que a escala, a precisão geométrica e as coordenadas não esgotam o fenômeno geográfico. Cartografar mobilidades, nesse contexto, implica incorporar dimensões subjetivas, contextuais e geossimbólicas, reconhecendo que os mapas operam como reduções e interpretações da realidade, jamais como sua reprodução integral.

Desse modo, compreendo a cartografia como prática dialógica: não apenas represento deslocamento, mas busco comunicar experiências, tornando visíveis diferenças, singularidades e racionalidades espaciais que frequentemente escapam às abordagens estritamente quantitativas. A representação da mobilidade é, portanto, assumida como uma prática interpretativa que procura expressar a complexidade das vivências espaciais, e não simplesmente medir deslocamentos.

Para tanto, os procedimentos podem ser divididos em etapas:

Primeiramente, estabeleci contato e apresentei a pesquisa, constituindo contatos com os interlocutores – que em alguns casos, vêm da pesquisa de mestrado – e com as instituições que desenvolvem trabalhos na área estudada, destacando a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) — por meio do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult), que realiza atividades na área pesquisada. As visitas de campo ocorreram conforme as atividades de cada comunidade.

Ressalta-se que, durante essas atividades, foram utilizados recursos de registro fotográfico e gravação de áudio — este último para a realização das entrevistas, utilizando a oralidade como meio para a compreensão das mobilidades e dos lugares dos sujeitos. Para tanto, foi necessário o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assegurando a preservação, privacidade e confidencialidade dos dados dos participantes, garantindo a

liberdade e o consentimento para a participação na pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)².

Foram realizadas entrevistas com os interlocutores para compreender o processo migratório que envolve as mobilidades socioespaciais e, assim, entender os repertórios de lugares desses sujeitos.

A partir das observações e das narrativas de cada entrevistado(a), tornou-se possível construir uma espacialização desses deslocamentos e dos repertórios de lugares. A construção desta tese, em momento oportuno e previamente agendado, será devolvida à comunidade local.

Um delinear de noções e pressupostos

Início aqui um trabalho de aproximação com noções e categorias que compõem esta tese. Opto por tratá-las como noções, e não como conceitos ou categorias definidas/fechadas, pois procuro mantê-las próximas da experiência dos interlocutores. Essa escolha busca garantir maior flexibilidade às interpretações, evitando reduzir os grupos a categorias pré-estabelecidas.

As noções, portanto, não são entendidas como pensamentos fechados sobre um determinado tema. Por esse motivo, esta seção apresenta as noções que considero relevantes para esta tese: a noção de *Bandeiras Verdes*, entendida como uma forma particular de *deslocamento*; as noções de *migração* e *mobilidade*; e, nesse contexto, a *transmigração*, que carrega consigo *geossímbolos*, e a *qualificação dos espaços* para onde os grupos se deslocam, contribuindo para a formação de quilombos.

Trata-se, portanto, de uma sucessão de noções que se encadeiam, uma levando à outra, compondo o arcabouço interpretativo desta pesquisa.

O entendimento de *Bandeiras Verdes* se dirige a uma narrativa espacial (Pereira Neto, 2021) construída pelos romeiros e romeiras do Padre Cícero. Do

² Certificado de Apresentação para Apreciação Ética: 57466622.7.0000.5083

Cariri cearense, ela espalhou-se por outros lugares do nordeste, especialmente Maranhão e Piauí, onde no relato dos romeiros, o padre haveria dito em visões que o sertanejo nordestino poderia sair em migração rumo ao sol poente, e depois dos grandes rios, encontrariam um lugar onde a terra era sem dono e haveria chuva.

De início, o entendimento dos grandes rios se estima aos rios Tocantins e Araguaia, no Tocantins e Pará, e ao rio Mearim, no Maranhão, conforme reafirmam os próprios romeiros nas narrativas e nos estudos de Vieira (2001), Martins (1997), Höffler (2004). Estes estão sobre as áreas de transição dos biomas e dos domínios climáticos, geológicos e geomorfológicos gerais do Brasil, conforme apresenta o mapa 2.

As Bandeiras Verdes foram alvo de escuta de alguns autores em suas pesquisas na área. José de Souza Martins (1997) na margem do rio Araguaia identificou camponeses com a narrativa envolta ao processo de mobilidade que os levaram até ali. Vieira (2001) estudou grupos religiosos que justamente procuravam as Bandeiras Verdes em romaria. Sader (1986) as identificou nos relatos de seus entrevistados na luta pelo espaço agrário na região do Bico do Papagaio, definindo-as como movimentos religiosos, Sader passou a ver que a migração de camponeses nordestinos para a área em estudo passava pelo crivo da narrativa.

Penso nas Bandeiras Verdes como uma narrativa espacial por possuir uma direção, um rumo, mesmo sem um ponto de coordenadas exato. Cada grupo de romeiros tem em mente a localização a se chegar. A chegada de cada grupo vai revelar a necessidade e a significação, individual e coletivamente. Há grupos no Tocantins, no Pará e no oeste do Maranhão, cada um respeitando sua espacialidade em relação à narrativa das Bandeiras Verdes.

A migração é abordada aqui no sentido de deslocamento por algum motivo, por alguma razão específica como um processo espacial e social. As noções de migração e deslocamento estão interligadas. Max. Sorre³ (1955) refletiu sobre a

³ O termo “Max.” refere-se a Maximilien Sorre, sendo utilizado como forma abreviada ao longo do texto, assim como em seus escritos.

mobilidade geográfica do ecúmeno, entendido como a extensão da presença humana na terra e as obras construídas sobre esse espaço.

Para o autor francês, se o ecúmeno representa a terra e a relação das obras humanas com ela — “Ce que porte la Terre? Les hommes avec leurs œuvres” (“O que a Terra carrega? Homens com suas obras”) (p. 11) —, então a mobilidade do ecúmeno pode ser, ao mesmo tempo, indispensável para sua constituição. Assim, a mobilidade de um grupo previamente estabelecido em determinado território pode resultar no que proponho nesta tese como transmigração: a transmigração das “obras” que esse grupo produz sobre a terra. Essas obras não se referem apenas a bens materiais, mas, sobretudo, a símbolos — ou geossímbolos — e à cultura construída na identidade individual e coletiva.

Para Sorre, a mobilidade é uma condição sem a qual não há fixação, estabilidade e formação do ecúmeno. Assim, compreende-se que, antes mesmo da consolidação do ecúmeno, se manifesta o exercício da migração. Em outras palavras, como afirmou Amélia Damiani (1992), o povoamento não pode ser concebido sem a mobilidade.

A proposta de compreender os deslocamentos dos romeiros e romeiras parte do entendimento de que, na mobilidade, ocorre a transmigração da cultura de seu local de origem, ou daqueles adquiridos ao longo dos percursos e no repertório de lugares por onde passaram. Dessa forma, a mobilidade se dá juntamente com a transmigração de culturas.

Os geossímbolos são pensados como uma construção espacial na identidade do grupo. Assim, a partir do pensamento do geógrafo francês Jöel Bonnemaison (2002), compreendo os geossímbolos como lugares e itinerários que expressam a visão de mundo de uma cultura específica. Esses elementos não apenas representam práticas, cosmovisões ou cosmologias e valores coletivos, mas também funcionam como marcos que delimitam territórios simbólicos, carregados de significados históricos, afetivos e identitários. Nesse sentido, os geossímbolos ultrapassam a dimensão física do espaço, tornando-se referências culturais que orientam a vivência, o pertencimento e a mobilidade dos grupos sociais.

O conteúdo dos geossímbolos é múltiplo, profundamente enraizado no universo da cultura e estreitamente relacionado ao processo histórico de formação territorial. Tais elementos funcionam como marcos da apropriação simbólica do espaço, contribuindo para a constituição dos territórios (Bonnemaison, 2002). Segundo o autor, os geossímbolos integram o sistema cultural de um grupo, sendo organizado a partir de crenças — como mitos de origem —, memória, representações, conhecimentos, técnicas e da própria relação com o espaço.

O entendimento sobre quilombo, nesta tese, não pretende retomar toda a historicidade conhecida e registrada por diversos pesquisadores e pesquisadoras. Compreendo quilombo como um pensamento que esteve implícito em sua noção desde o Brasil Colônia e que, nos quilombos contemporâneos, expressa-se de maneira cautelara, consciente e articulada. O quilombo é pensado aqui como uma trajetória que parte da África em direção ao Brasil, sendo moldado na travessia atlântica.

O que seria, então, esse quilombola? O quilombo é uma representação cultural de um grupo; é a manutenção — em resistência — de uma cultura transmigrada de um continente para outro. Trata-se da afirmação da identidade de um povo que é atlântico, cuja ancestralidade está enraizada na travessia forçada e na permanência. Hoje, é um grupo que reconhece em África a sua origem e referência.

Beatriz Nascimento⁴ (1982) chamou esse processo de continuidade histórica. Quando chegaram ao Brasil as populações africanas, carregavam consigo outras trajetórias e repertórios que iam além do Atlântico. Suas culturas, agora transmigradas, passaram a marcar o território brasileiro, criando símbolos — ou, mais precisamente, geossímbolos — que contribuiriam para a constituição da identidade do negro e quilombola no Brasil.

⁴ Maria Beatriz Nascimento (1942–1995) foi uma historiadora, escritora, poeta e ativista negra de grande relevância no Brasil, realizou estudos sobre os quilombos enquanto espaços de resistência e de afirmação da identidade negra.

A transmigração ocorre no próprio ato da travessia do Atlântico — de África ao Brasil. Para Beatriz Nascimento, o que houve foi a transmigração de um modo de viver. De um continente a outro, o modo de vida e a identidade desses povos foram trazidos e preservados como forma de resistência.

Internamente, os grupos com origens africanas continuam a transmigrar suas culturas diante da necessidade de migrar. Por isso, migração e cultura estão entrelaçadas: os interlocutores em questão realizaram uma migração em direção às Bandeiras Verdes, levando uma carga cultural e geossimbólica, sendo a transmigração o agente desencadeador do processo de transferência espacial.

Esses interlocutores — os grupos sociais e suas marcas geossimbólicas — qualificam, de maneira muito assertiva, os espaços que ocupam. Essa noção de qualificar o espaço tem origem em Ratts (2003), ao afirmar que as diferenças étnicas desses grupos imprimem ao espaço geográfico uma nova dimensão, pois nele praticam – de forma diária e coletivamente – suas culturas, uma cultura, como mencionado, transmigrada.

A tese está dividida em apontamentos iniciais, quatro capítulos e apontamentos finais.

No **primeiro capítulo**, exploro as diferentes espacialidades, com ênfase nos centros rurais e urbanos presentes no contexto analisado da mobilidade dos romeiros. Discuto também os eventos que influenciaram ou transformaram a configuração dessas áreas. Um elemento central abordado é a relação dos romeiros com a natureza — vista por eles como sagrada e digna de preservação — além da forma como vivem em harmonia com o ambiente natural, utilizando a terra de maneira respeitosa, especialmente para fins agrícolas.

No **segundo capítulo**, analiso as Bandeiras Verdes como uma narrativa espacial, nas quais elas funcionam como sinalizadores de direção e percurso, sem, no entanto, indicar uma localização geográfica precisa. Essa localização simbólica está ancorada na figura do Padre Cícero e é intensificada pela fé dos romeiros. O deslocamento dos fiéis ocorre impulsionado pela devoção e pelo seguimento de uma direção espiritual — rumo ao sol poente. Abordo ainda a

devoção dos romeiros às Bandeiras Verdes como um elemento central que estimula essa mobilidade. Para compreender esse movimento, considere tanto as dimensões individuais quanto coletivas do deslocamento, analisando o processo migratório e a origem dos interlocutores ou grupos envolvidos.

No **terceiro capítulo**, abordo como a devoção atua como força propulsora da mobilidade. Essa escolha é interpretada como uma resposta à narrativa atribuída ao Padre Cícero, que orientava seus seguidores a buscar um lugar desconhecido. Neste capítulo, as narrativas de romeiros e romeiras revelam os motivos que os levaram à viagem, bem como as espacialidades envolvidas nesse processo.

No **quarto** e último **capítulo**, apresento um panorama do norte goiano, desde meados do século XVIII até 1950, com ênfase nas áreas contempladas pela pesquisa. O recorte temporal está relacionado à mobilidade do grupo que chega ao morro, sendo fundamental para a análise. Abordo a formação dessas vilas, que, ao longo do tempo, se transformaram em cidades e deram origem às comunidades quilombolas. Esse processo se deu por meio de práticas espaciais e culturais, tanto individuais quanto coletivas, que desempenharam papel fundamental na construção de identidades locais singulares.

Por fim, apresento os apontamentos finais, não como uma conclusão, mas como um fechamento desse processo. Detenho-me em lembrar cada passo, cada caminhada da pesquisa como um todo, e não apenas o texto escrito. Por último, compartilho um encontro entre a pesquisa, o eu pesquisador e o eu pessoal — uma trajetória a partir de um repertório de lugares familiares que tangenciam a tese e que influenciaram de modo assertivo, seu desenvolvimento e sua escrita.

Olha lá no alto do orto
Ele tá vivo
O padin' não tá morto
Olha lá no alto do orto
Ele tá vivo
O padin' não tá morto
Viva o meu padin'
Viva o meu padin' Ciço Romão
Viva o meu padin'
Viva também Frei Damião
Viva o meu padin'
Viva o meu padin' Ciço Romão
Viva o meu padin'
Viva também Frei Damião
Eu, todos os anos
Setembro, novembro
Vou ao Juazeiro
Alegre e contente
Cantando na frente
Sou mais um romeiro
Vou ver meu padin'
De bucho cheio
Ou barriga vazia
Ele é o meu pai
Ele é o meu santo
É minha alegria
Olha lá no alto do orto
Ele tá vivo
O padin' não tá morto
Olha lá no alto do orto
Ele tá vivo
O padin' não tá morto
Viva o meu padin'
Viva o meu padin' Ciço Romão
Viva o meu padin'
Viva também Frei Damião
Viva o meu padin'
Viva o meu padin' Ciço Romão
Viva o meu padin'
Viva também Frei Damião

Viva Meu Padim. Luiz Gonzaga, 1986.

1. LUGARES DOS ROMEIROS E ROMEIRAS NO CEARÁ E NO TOCANTINS

Neste capítulo, abordo a questão das espacialidades, destacando os centros rurais e urbanos envolvidos no contexto da análise realizada sobre a mobilidade dos romeiros, além dos acontecimentos que geraram ou alteraram a formação urbana e rural nas localidades. Um aspecto importante tratado neste capítulo é a questão da natureza, preservada e sacralizada pelos romeiros, e, em outro ponto, como eles vivem em sintonia com ela e utilizam a terra para a plantação. Um exemplo disso é o terceiro item do capítulo, que trata do Sítio Caldeirão, no Ceará.

A sacralização da natureza e o exemplo do Sítio Caldeirão se relaciona com a realidade recortada do grupo de romeiros no Pé do Morro. A preservação do local prometido, os trabalhos de mutirão e a sincronia entre oração e trabalho.

1.1 Espacialidades dos romeiros e romeiras no Cariri cearense e no norte tocantinense

A espacialidade geográfica do grupo, ao utilizar/qualificar um determinado espaço, revela os conjuntos geossimbólicos presentes nele. É preciso, antes de qualquer coisa, observar a escala e o procedimento de observação: olhar para os lados, olhar para o que não pode ser visto, mas que o geógrafo e a geógrafa, na perspectiva cultural, precisam observar.

O espaço no contexto da devoção a Padre Cícero, tanto em Juazeiro do Norte quanto em Aragominas, exibe uma diferenciação geográfica em relação à formação e ao entorno, o que marca, de certa forma, o contexto local e o espaço em uso na romaria. Isso significa que os espaços constituídos e utilizados pelos romeiros e romeiras em devoção contêm uma espacialidade urbana única, que, além de ser visível, faz parte da qualificação social do espaço em uso e está intrinsecamente aliada aos símbolos por eles utilizados.

Considerando Juazeiro do Norte e Aragominas a partir da espacialidade romeira, atentarei à questão espaço-temporal, fazendo um breve histórico da formação espacial dessas duas localidades. Juazeiro do Norte possui uma

história muito mais longa em seu espaço-tempo, com arcabouços bibliográficos que auxiliam na interpretação dos fatos. Isso deve-se também ao século XIX.

Juazeiro do Norte (Mapa 3), no ano de 2026, completa 115 anos de emancipação, quando ainda era uma vila denominada Tabuleiro Grande. Seu marco inicial é datado de 1827, com a construção da Capela de Nossa Senhora das Dores, localizada na estrada real que ligava as cidades de Crato a Missão Velha, duas importantes localidades do Cariri cearense naquele século.

Padre Cícero, de nome completo Cícero Romão Batista, nasceu em 1844, na cidade de Crato, no vale do Cariri – fundada em 1762 e posteriormente conhecida como a "Pérola do Cariri" – e foi um dos protagonistas, junto com a Beata Maria de Araújo (Figura 1), do milagre da hóstia, ocorrido em 1889.

Trabalharei aqui com dois autores: Ralph Della Cava⁵, que, em seu livro *Milagre em Joazeiro*⁶ (1976), escreveu sobre as questões sociais e políticas de Juazeiro do Norte após um longo período de imersão em documentos eclesiásticos e pesquisas no Ceará; e Lira Neto⁷, em seu livro *Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão* (2009), resultado de mais de 10 anos de pesquisa sobre a vida de Padre Cícero.

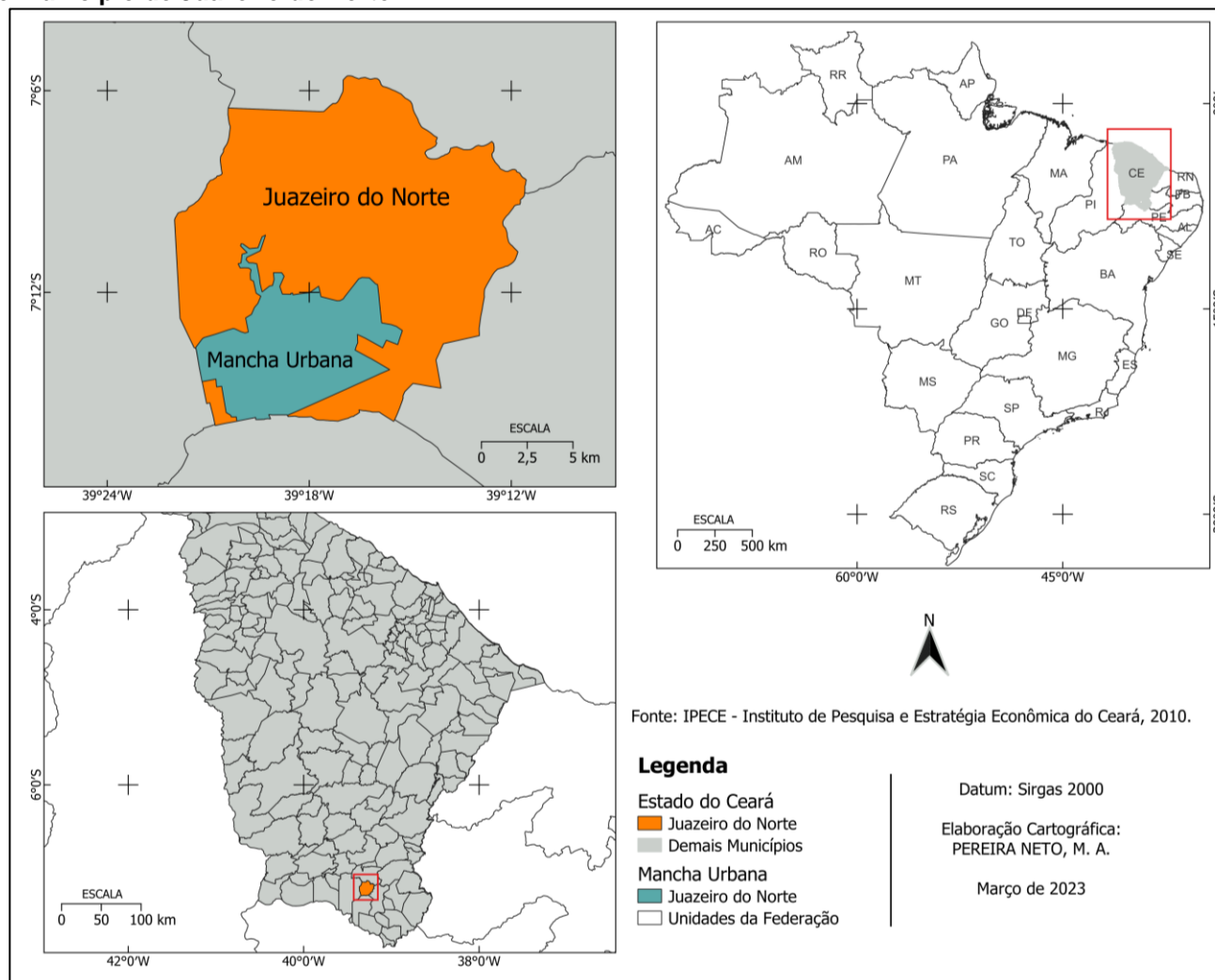
Cícero teve sua formação inicial em sua cidade natal, Crato. Aos 16 anos, foi estudar em Cajazeiras, na Paraíba, onde recebeu educação formal dos padres até os 18 anos, quando seu pai faleceu e ele teve que retornar ao Cariri para amparar sua família. Em 1865, ingressou no Seminário da Prainha, em Fortaleza, da Diocese do Ceará, onde cursou diversas disciplinas, desde

⁵ Ralph Della Cava é pesquisador e professor emérito de história da Queens College da City University, de Nova Iorque. É especialista em história do Brasil contemporâneo, tendo passando um período no Ceará pesquisando sobre a vida do padre Cícero.

⁶ Raph Della Cava em todo o livro usa a denominação "Joaseiro", escrita está como era em seu primeiro nome após a mudança de Tabuleiro Grande. Passa a chamar-se Juazeiro do Norte, devido à cidade de Juazeiro na Bahia.

⁷ Lira Neto é um jornalista e escritor brasileiro, nascido em Fortaleza, Ceará, escreveu biografias de figuras históricas, como a do padre Cícero.

Mapa 3 - Localização do município de Juazeiro do Norte



filosofia até direito canônico e canto gregoriano. Personalidades nacionais e internacionais que se encontraram com Padre Cícero em Juazeiro do Norte afirmam que ele era um homem dotado de sabedoria cultural, além de aspectos historiográficos e políticos (Della Cava, 1976).

Figura 1 - Beata Maria de Araújo



FONTE: Reprodução, G1: <https://acesse.one/Aniversario-da-beata-Maria-de-Araujo>

Della Cava, no primeiro capítulo de seu livro, intitulado "*As origens sociais do milagre*", descreve com detalhes a chegada do Padre Cícero ao vilarejo, em abril de 1872. O padre rezou missa na rústica capela de Nossa Senhora das Dores, construída em 1827. Ele ministrou a comunhão e ouviu as confissões dos moradores da localidade no distante santuário rural. A falta de vontade do padre em ali estar não era percebida, assim como a capela, que, dois decênios depois, seria o cenário onde ele e a beata se tornariam protagonistas de um milagre (Della Cava, 1976).

Segundo o autor, Cícero jamais esperava estar naquele local longínquo como capelão. Um jovem padre de apenas 28 anos, que visava retornar ao Seminário da Prainha, em Fortaleza, onde estudara em 1865 e fora ordenado, mas agora como professor, teve seu plano alterado por um sonho. Nesse sonho, Padre Cícero parecia presenciar uma disposição do quadro *A Última*

Ceia, de Leonardo da Vinci, com treze homens vestidos com trajes bíblicos, como escreve Della Cava (1976):

De acordo com o relato desse sonho, Cristo apareceu na escola tal como no retrato litúrgico popular do século XIX, que se encontrava em quase todos os lares piedosos da época. Nesse quadro, o coração do Nazareno, visivelmente exposto, está representado de maneira simbólica como se incendiado de amor pelos homens e, ao mesmo tempo, despedaçado e sangrando por causa das feridas infligidas pelos pecados da humanidade e pela indiferença à fé. Conhecido pelo nome de Sagrado Coração de Jesus, [...].

No momento em que o Cristo imaginário levantava-se para dirigir a palavras as seus apóstolos, um bando de camponeses miseráveis entrou, de repente, na escola. Carregando seus parcos pertences em pequenas trouxas sobre os ombros, estavam os homens e mulheres vestidos de farrapos, e as crianças nem isso tinham. Davam a impressão de vir de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inumeráveis ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração. Prometeu fazer um último esforço “para salvar o mundo”, mas, caso os homens não se arrependessem depressa, poria fim ao mundo que ele mesmo havia criado. Naquele momento, apontou para os pobres e, voltando-se de repente para o jovem sacerdote estarecido, ordenou: “E você, Padre Cícero, tome conta deles”. (p. 56-57)

Em Lira Neto (2009), o sonho do jovem sacerdote é representado, assim como em Della Cava (1976), a partir do quadro da Última Ceia. Lira é acurado no início de seu texto ao afirmar que a imaginação coletiva, que percorre toda a narrativa da vida do padre, encarregou-se de atribuir uma origem sagrada ao protetor dos romeiros. Com pequenas variações, a história é transmitida de boca em boca, de geração em geração, e igualmente reforçada pela mais autêntica expressão literária nordestina: os folhetos de cordel.

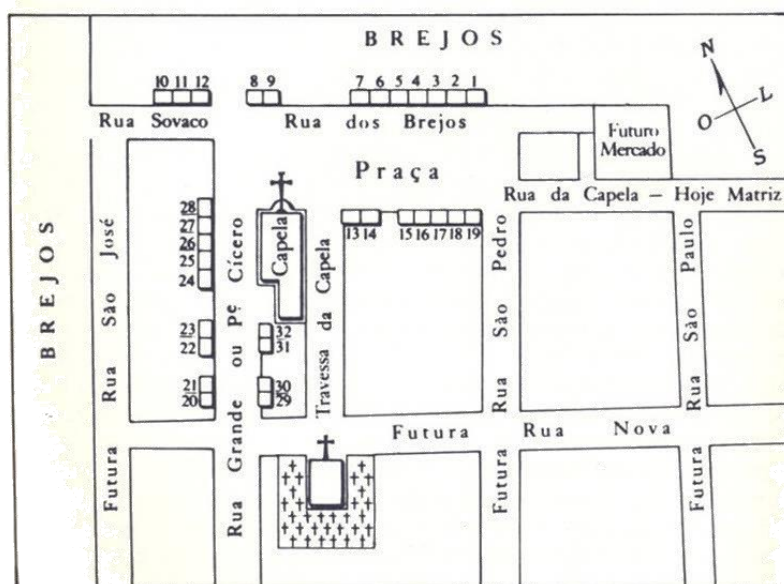
O jovem sacerdote Cícero resolveu obedecer à ordem, juntou seus pertences no Crato e mudou-se para Juazeiro com sua mãe e irmãs. Padre Cícero chegou a Juazeiro instruído a por a ordem à vila. De seu tamanho pequeno, o padre com seus 1,60 metros de altura “não hesitava em levantar seu temido cajado em direção aos pecadores” (Della Cava, 1976, p. 62). O bispado, em Fortaleza, iniciou uma missão no Cariri, então, por seis meses a sede da diocese do Ceará ficou na cidade do Crato, nesta ocasião, o Bispo autorizou a construção do Seminário do Crato (Lira Neto, 2009).

[...] o tal sonho com Jesus e os doze apóstolos, [...] viria a lhe mudar inteiramente os planos. Ficaria por ali mesmo, no povoado. Cuidaria

daquela gente, conforme sugerira o Jesus do sonho. Levaria consigo a mãe, Dona Quinô, e as irmãs Maria Angélica e Angélica Vicência. [...]. Foi assim que Cícero passou a morar naquele vilarejo que mal constava no mapa: Juazeiro, ou Joaseiro, conforme a grafia da época (Lira Neto, 2009, p. 43).

O lugarejo, segundo Lira Neto (2009), continha duas ruas, a capela e mais de 30 casas (Figura 2). Dessas moradias, poucas eram de telhas e tijolos. A maioria dos cerca de quatrocentos habitantes organizava-se em casas de taipa com cobertura de palha. O desenho da figura 2, é um croqui de Juazeiro em 1875, executado por Octávio Aires de Menezes a pedido de Ralph Della Cava (1976).

Figura 2 - Croqui da Vila Joaseiro nos primeiros anos de Padre Cícero



Fonte: Ralph Della Cava, 1976

Padre Cícero estava sempre vigiado pelo bispado, tendo sido um aluno indisciplinado no Seminário da Prainha, Dom Luiz, primeiro bispo do Ceará, nada tinha a reclamar do trabalho do sacerdote Cícero nos primeiros anos em Juazeiro – de 1872 a 1889. Tudo muda no ano em que os acontecimentos envolvendo a Beata Maria de Araújo fazem com que Padre Cícero se torne considerado transgressor na diocese cearense.

Pelo menos até ali, dom Luiz não tinha motivo para queixas. [...]. E, de mais a mais, dentro dos limites de sua igreja, ele também contribuía com o objetivo supremo do bispo, o de moralizar cada

rincão da província: o cajado do capelão do Juazeiro continuava a enfrentar os valentões, os desordeiros e as mulheres perdidas com a mesma veemência dos primeiros dias (Lira Neto, 2009, p. 48).

O “milagre da hóstia”, em 1889, mudaria completamente o olhar do bispado cearense sobre Juazeiro e sobre Padre Cícero. As informações inquietantes de que Padre Cícero Romão e a beata Maria de Araújo haviam protagonizado um milagre irritaram dom Joaquim que escreveu a Cícero :

Escrevo às pressas para aproveitar o correio que deve partir daqui a poucas horas. Refiro-me ao boato que por aqui corre com relação à beata Maria de Araújo. Em 1886 Vossa Reverendíssima referiu-me alguma coisa acerca de certas maravilhas praticadas por esta devota. Guardei reserva, esperando que o tempo viesse esclarecer o negócio de modo a não deixar dúvida. [...] Com franqueza lhe digo: não gostei da história, porque esses fatos só devem sair à luz quando bem averiguados. Agora, porém, o negócio tomou uma feição muito séria (Lira Neto, 2009, p. 57).

Maria de Araujo foi uma das beatas que moraram na casa sacerdotal junto a padre Cícero, sua mãe e sua irmã. Com os acontecimentos do milagre, ao contrário de Cícero, sua imagem foi apagada da sociedade do Cariri cearense. O processo de invisibilidade que silenciou o protagonismo da Beata Maria de Araújo foi uma construção deliberada e orquestrada por autoridades eclesiásticas e sociais, fundamentada em preconceitos de gênero, raça e classe social.

Para Priscila Diniz (2021), que estudou a invisibilidade da beata em Juazeiro do Norte, o silenciamento foi facilitado pelo fato de Maria de Araújo ser uma mulher negra, pobre, analfabeta e nordestina. Em um contexto de romanização da Igreja (eurocentrismo), as autoridades não aceitavam que um milagre pudesse ocorrer nos "confins do Ceará" através de uma mulher com essas características. Enquanto o Padre Cícero (homem, branco e padre) conseguiu manter visibilidade através da política, Maria de Araújo foi empurrada para o regime noturno do imaginário, associado à sombra, ao silêncio e ao ocultamento. Movimentos sociais, coletivos artísticos e acadêmicos na recente reabilitação da imagem de Maria de Araújo. Diniz (2021) conclui que a figura da beata transita agora para um regime de

visibilidade, sendo ressignificada como um símbolo de resistência e ancestralidade no Cariri.

Na primeira sexta-feira da Quaresma de 1889, após uma longa noite inteira de vigília em honra ao Sagrado Coração de Jesus, as beatas foram tomar a comunhão ao amanhecer. Maria de Araújo, ao receber a hóstia na boca das mãos de Padre Cícero, percebeu algo estranho, como discorre Lira Neto:

Com os olhos fechados, ela foi a primeira a se postar diante do padre e entreabrir a boca, contrita. Contudo, quando a hóstia lhe tocou a língua, a beata abriu e revirou os olhos espantados. Parecia ter entrado em estranho transe. E foi então que se deu o fenômeno: segundo chegariam a jurar sobre a Bíblia as testemunhas ali presentes, a hóstia na boca de Maria de Araújo mudou de forma e de cor. Transformou-se, inesperadamente, em sangue vivo.

O fio de sangue desceu dos lábios da mulher e, como ela tentasse contê-lo, este lhe banhou o dorso da mão esquerda. Depois, escorreu ao longo do braço, até cair no chão da capela, que ficou respingado de vermelho. Com ar aflito, a beata mirava e mostrava ao padre uma toalhinha branca dobrada nas mãos, tingida pelas manchas rubras que haviam transbordado da boca e que ela depois procurara enxugar. Foi um alvoroço sem par. Quando os primeiros raios de sol aqueceram a alvenaria da fachada principal do templo, a notícia já corria pelo povoado: na branca capela de Nossa Senhora das Dores, entre os lábios da beata Maria de Araújo, a hóstia consagrada pelo padre Cícero havia se materializado no corpo, na carne e no sangue divino de Jesus (Lira Neto, 2009, p. 59-60).

O evento do milagre também foi retratado por diversos cordelistas. Esses poetas têm uma característica única na rima. Originários do Nordeste brasileiro, eles eram e são muito comuns no Cariri cearense e, por muitas vezes, contaram as histórias desse lugar. Raul Poeta, no cordel *Megalografia de uma Cidade: Juazeiro do Norte* (sem data), conta o milagre como chave de mudança no vilarejo:

[...]

(1889 milagre da hóstia e primeira romaria)

Antes de sua fundação
no ano mil e oitocentos
e oitenta e nove, atentos
os fiéis em oração
e o Padre Cícero Romão
elevavam a fé sensata

seis de março foi a data
isso é verdade, não manguê,
uma hóstia virou sangue
na boca de uma beata.

Um milagre extraordinário,
Padre Cícero então entrou
para história e se tornou
um santo áureo e lendário
virou assim um cenário
de fé, então Tabuleiro
Grande, e veio o romeiro
visitar no mesmo ano
muita gente tinha plano
de fé num chão verdadeiro.

Outro cordelista, o poeta acariense, Raimundo Bezerra de Moura, no cordel, *Nascimento, Vida e Morte do Padre Cícero Romão Batista e suas profecias em 1934* (sem data), retrata o acontecimento do milagre:

[...]

A 6 de março 1889
foi a grande confusão
a beata Maria de Araújo
na hora da comunhão
a hóstia em sua boca
ficou em transformação.

A hóstia virou sangue
chamou o povo atenção
ensanguentou uma toalha
no meio da multidão
quando ela comungava
com o Padre Cícero Romão.

O Bispo da Diocese
foi logo o sabedor
Dom Joaquim José Vieira
escreveu ao seu pastor
que enviasse por escrito
de tudo que se passou.

O acontecimento do milagre provocou uma reviravolta no lugarejo. Juazeiro passou a receber uma quantidade de pessoas de todos os sertões

nordestinos, de Alagoas ao Maranhão, para tentar as personagens ou até presenciar o ato. Sempre que Padre Cícero entregava a hóstia na boca da beata Maria de Araújo, ela sangrava. Esses acontecimentos causaram um conflito com a igreja institucionalizada e romanizada. Mas o movimento popular estava fortalecido, e era impossível controlá-lo.

As repetições do acontecimento da hóstia sangrar na boca de Maria de Araújo somente poderiam resultar em uma corrente coletiva: acontecera um milagre. Juazeiro torna-se chão sagrado. Deslocamentos espontâneos de moradores das localidades vizinhas eram atraídos pela narrativa. Em sete de julho do referido ano, Juazeiro viu dez vezes mais pessoas do que sua população. Mais de três mil pessoas se amontoaram na capela de Nossa Senhora das Dores para ver a hóstia tornar-se sangue na boca da beata (Lira Neto, 2009).

Em *Migrations et Mobilité de L'Œkoumène* (1955), Max. Sorre traz a noção de deslocamento. Um de seus tipos, o que aqui pode se colocar como mensuração destes realizados pelos romeiros a Juazeiro do Norte são os deslocamentos rituais. Estes podem ser apresentados como movimentos de diversas familiaridades subjetivas, inclusive religioso-devocionais.

O recebimento de peregrinos na vila de Juazeiro iniciou um movimento local, pois alguns desses fixaram moradia no lugar. O crescimento populacional trouxe Juazeiro para um contexto diferenciado dentro do Vale do Cariri. Entre 1890 e 1898, a população de Juazeiro ultrapassou cinco mil habitantes, e em 1909 chegou a 15 mil habitantes. Em 1911, quando Juazeiro recebeu, por lei estadual, a emancipação com o desmembramento da cidade de Crato, a população local era o dobro da cidade sede (Della Cava, 1976).

As peregrinações, que eram mobilidades sob o aspecto da devoção, ocorreram em espacialidades e temporalidades diferenciadas. No seu auge, desde os acontecimentos do milagre e a condenação romana de 1894, foram motivadas na própria região do Vale do Cariri, principalmente por padres que "acreditavam no milagre". Peregrinos iam até Juazeiro para fazer ou pagar promessas.

Para Francisco Reges Ramos (2014), o evento da hóstia na boca da beata Maria de Araújo atraiu um fluxo interminável de sertanejos que buscavam contato com essa manifestação extraordinária, fundamentando o território como um lugar escolhido por Deus para a salvação. A transformação de Juazeiro em um território sagrado é o resultado de uma complexa "urdidura de vivências" dos devotos, que converteram o espaço físico em um lugar de profundo significado religioso e social. Essa sacralidade não é uma abstração, mas uma experiência concreta construída a partir de múltiplos fatores, que tem como ponto de partida o milagre.

Todo esse percurso da história de Juazeiro do Norte tem como objetivo mostrar como a constituição da cidade se deu, ainda que de forma resumida, pois uma cidade com mais de 198 anos de existência não é simples. Isso se torna ainda mais complexo diante dos diversos acontecimentos espaciais em Juazeiro: a construção da Capela de Nossa Senhora das Dores em 1827, a chegada e o estabelecimento de Padre Cícero a partir de 1872, o prelúdio do milagre em 1889, e todas as peregrinações até 1911, com a emancipação política e a ascensão de Padre Cícero ao cargo de primeiro prefeito da localidade. A guerra de 1914 e as grandes secas desde 1877 também marcaram esse processo. A morte do sacerdote em 1934, no entanto, deu um novo impulso às romarias, assim como a "construção do Horto" como local de peregrinação, com a construção da estátua do patriarca, inaugurada em 1969, como Raul retrata em seu cordel:

[...]

(1969 inauguração da estátua de Pe. Cícero no Horto)

Em sessenta e nove veio
a obra mais importante
daqui, e a mais constante
pra quem traz a fé no seio,
que mantém o Horto cheio
de romeiros todo o ano
que estampa o desengano
e renova a esperança
do adulto e da criança
concretizando seu plano.

A estátua do Padim Ciço

lá na colina do Horto
para muitos traz conforto
e contorna o “sacrifício”
da vida, há um compromisso
de esforço, fé e vitória
ponto turístico na história
que torna o Juazeiro
o mais válido celeiro
de fé, e terra de glória.

Pode ser complexo compreender como os agentes atuam no processo de qualificação do espaço urbano, assim como entender seus interesses e contradições. Visivelmente, Padre Cícero foi um protagonista na “construção” de Juazeiro do Norte. Compreendo a cidade de Juazeiro de outra forma e concordando com Cláudio Soares (2014), que discorreu sobre a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte entre 1870 e 1930, ao pensar a estruturação da cidade em múltiplas dimensões, e, no caso de Juazeiro do Norte, partindo da religiosidade e da fé. Pensar Juazeiro de outra forma, sem afastar a questão da religião, mas, nas palavras de Soares (2014, p. 3), “[...] queremos é tirar o fenômeno urbano de trás das ‘sombras da cruz’, ou, para ser mais preciso, das ‘sombras da estátua’”.

Isso não é aqui colocado como um insulto, uma vez que a história da cidade se confunde com a vida do sacerdote. É comum ouvir que *“Padre Cícero construiu Juazeiro e ela não seria o que é sem ele”* ou que *“sem as romarias, a cidade acabaria”*. É compreensível que, em um determinado período histórico de Juazeiro, o poder do sacerdote e a figura masculina tenham influenciado o crescimento da cidade. Contudo, também é importante lembrar que o acontecimento do milagre, que fortificou as romarias, e a imagem da beata, também devem ser reconhecidos. Durante uma visita em campo, em outubro de 2022, observei que os romeiros reconhecem a beata como uma figura importante no acontecimento do milagre, mas ela não era mencionada espontaneamente, apenas quando questionado por mim. Como coloca Cláudio Soares (2014), essa questão religiosa teve um papel importante em determinado período, mas não o é mais desde as décadas de 1960/1970.

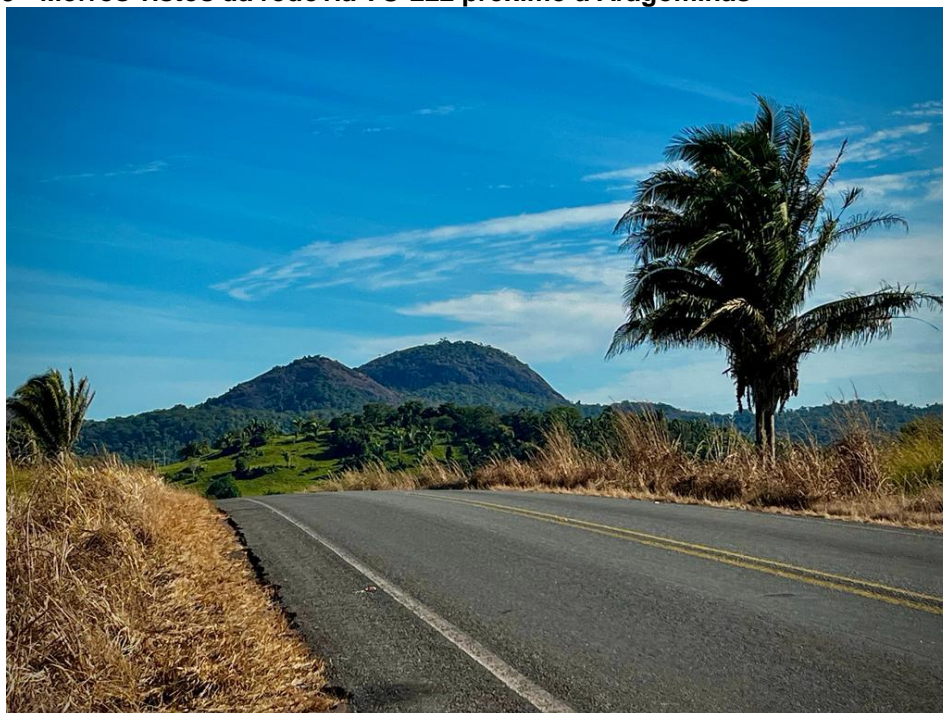
Compreender hoje o espaço urbano de Juazeiro e entender a mobilidade dos romeiros exige lembrar que a cidade é a segunda maior do estado do Ceará, abriga diversos empreendimentos e tem uma população superior a 286 mil habitantes. Os romeiros mudaram, assim como mudou a forma de chegar à cidade e ao Horto. Alguns deles, muito idosos, nem sequer conseguem mais ir.

A cidade de Juazeiro diverge bastante de Aragominas, no norte do Tocantins, em tamanho, população, idade e história. No entanto, a trajetória dos romeiros que constituíram o então povoado Pé do Morro, que, tempos depois, se tornou um município, tem muita relação com as romarias do Cariri cearense e com Padre Cícero.

O processo histórico do local se inicia na década de 1950, com o deslocamento do primeiro grupo de romeiros. O movimento foi impulsionado pela vinda da beata Antônia Barros de Sousa, que veio a pedido de Padre Cícero, após ele tê-la ordenado em uma visão durante um sonho. Ele a instruiu a vir para o morro do Cruzeiro, onde ela e sua família teriam lugar para viver. A mobilidade desse grupo, adentrando a mata em direção ao morro do Cruzeiro, será abordada no terceiro capítulo. Neste momento, no entanto, focarei no na formação das espacialidades em estudo, analisando o que aconteceu com a localidade e o crescimento da cidade após a chegada dos grupos de romeiros negros.

Os grupos de romeiros chegaram em temporalidades distintas. O grupo pioneiro, guiado pela beata Antônia, chegou ao morro no dia 27 de julho de 1952, vindo de um povoado da cidade de Filadélfia, na margem esquerda do rio Tocantins, no antigo estado de Goiás, com aproximadamente 20 famílias. Eles construíram moradias nas margens dos dois morros: o maior, o morro do Cruzeiro, e um morro menor (Figura 3), onde havia um olho d'água em uma formação rochosa que aflora no solo.

Figura 3 - Morros vistos da rodovia TO-222 próximo a Aragominas



Fonte: o autor. Aragominas, 04 de novembro de 2023.

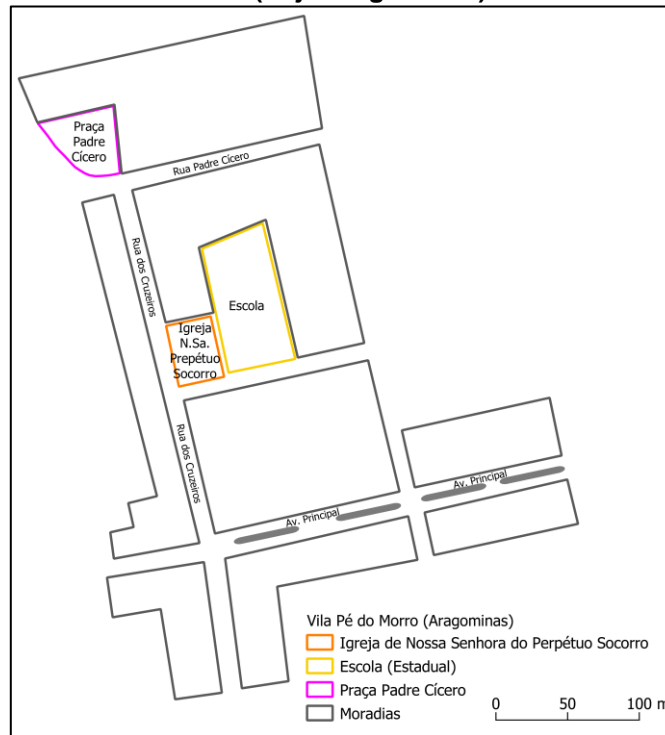
O local tornou-se uma pequena vila, como nos coloca a historiadora Leonidia Coelho (2010):

Num processo de fluxo e refluxo, ao chegar, formaram uma pequena vila ao pé do morro do cruzeiro no vale formado pela existência de outro morro menor. Aos poucos, porém, por necessitarem de maiores espaços para o plantio, foram ocupando as terras ao redor dos dois morros, espalhando-se. No entanto, por tratar-se de romeiros num propósito, a fé os mantinha unidos fortalecendo o domínio dos seus líderes espirituais – cinco, desde 1952 – que iam *passando* a tarefa de conduzir os fiéis conforme se aproximavam da morte. (p 01-02) [grifo original da autora].

No ano de 1954, chegaram mais alguns grupos, e com eles o senhor Gregório Libânio, vindo de Caxias, no estado do Maranhão (Tocantins, 2013). O grupo com o qual ele chegou estabeleceu residência no local onde hoje é o centro da cidade de Aragominas, em terras um pouco mais distantes dos morros, numa área mais plana. Foi nesse lugar que ele construiu sua casa, e seus filhos foram se casando e construindo nas proximidades. Assim, foi se formando um povoado. Algumas famílias mudaram-se da vila nas proximidades dos morros para perto do senhor Gregório, e outras pessoas de fora também chegaram. Construíram a igreja, que foi consagrada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Figura 4).

O tempo trouxe para eles a necessidade de unirem-se ao redor da igreja e da escola dos filhos, formando um pequeno povoado, ainda no pé do morro, mas num local mais plano. As terras ali pertenciam a família do comerciante Gregório Libânio, também romeiro que havia chegado à segunda leva de migrantes, em 1954. Assim, as maiorias das famílias desceram o morro para morar próximo à escola e a nova igreja feita por Libânio. (Coelho, 2010, p. 02)

Figura 4 - Croqui da Vila Pé do Morro (hoje Aragominas) nos seus anos iniciais



Elaboração gráfica: o autor. Fonte: Coelho, 2010; Dados obtidos em Campo.

Em 1958, o distrito de Araguaína foi elevado a município, por desmembramento de Filadélfia. Em 1988, o povoado Pé do Morro foi elevado a distrito de Araguaína. Nesse mesmo ano, ocorreu a divisão do estado de Goiás, criando o então estado do Tocantins. Em dezembro de 1992, o povoado foi desmembrado do município de Araguaína e elevado à categoria de município, com a denominação de Aragominas (Quadro 1) (Tocantins, 2013). A nomenclatura pode ser explicada pelo fato de que, após a chegada dos romeiros, diversos fazendeiros, especialmente de Goiás e Minas Gerais, chegaram à região. Com a proximidade do Rio Araguaia, criou-se a junção dos

nomes. Hoje, Aragominas conta com 6.914 habitantes, segundo o censo de 2022⁸ (IBGE, 2022).

Quadro 1 - Quadro síntese com os dados de criação administrativa

Ano	Localidade	Situação anterior	Nova categoria	Ato/Processo	Observações
1958	Araguaína	Distrito de Filadélfia	Município	Desmembramento	Passou a ter autonomia municipal
1988	Pé do Morro	Povoado	Distrito	Elevação administrativa	Distrito vinculado ao município de Araguaína
1988	Tocantins	Parte do estado de Goiás	Estado	Divisão estadual	Criação do estado do Tocantins
1992	Aragominas (antigo Pé do Morro)	Distrito de Araguaína	Município	Desmembramento	Nova denominação: Aragominas

FONTE: IBGE Cidades, 2022.

Nos próximos capítulos desta tese, abordarei as concepções espaciais, culturais e geossimbólicas que permearam o deslocamento espacial dos romeiros e romeiras na ocupação territorial do lugar e na formação do município de Aragominas.

No próximo item do capítulo, abordarei as concepções geoambientais das localidades, como são definidas pelo poder estatal, como áreas de preservação ou geossítios de interesse ecológico/científico, e como os romeiros veem essa natureza, levando em conta seus aprendizados com Padre Cícero sobre preceitos ecológicos.

1.2 As condições ambientais e culturais no Cariri cearense e no Norte do Tocantins

Os aspectos caracterizadores das condições físicas da análise geográfica nos espaços em estudo podem ser analisados por meio de um recorte ambiental, uma vez que, em Aragominas, no morro, a área é sobreposta por uma Área de

⁸ Prévias da População dos Municípios com base nos dados do Censo Demográfico 2022 coletados até 25/12/2022 (IBGE 2022).

Preservação Ambiental, e o horto em Juazeiro do Norte é um geossítio ligado ao Geopark Araripe, um dos poucos geoparques⁹ do mundo.

Esses sistemas ambientais, principalmente o morro em Aragominas, assim como o Horto em Juazeiro do Norte, revelam tanto as características paisagísticas da fauna e flora locais quanto à dimensão cultural em torno da noção de espaço ambiental.

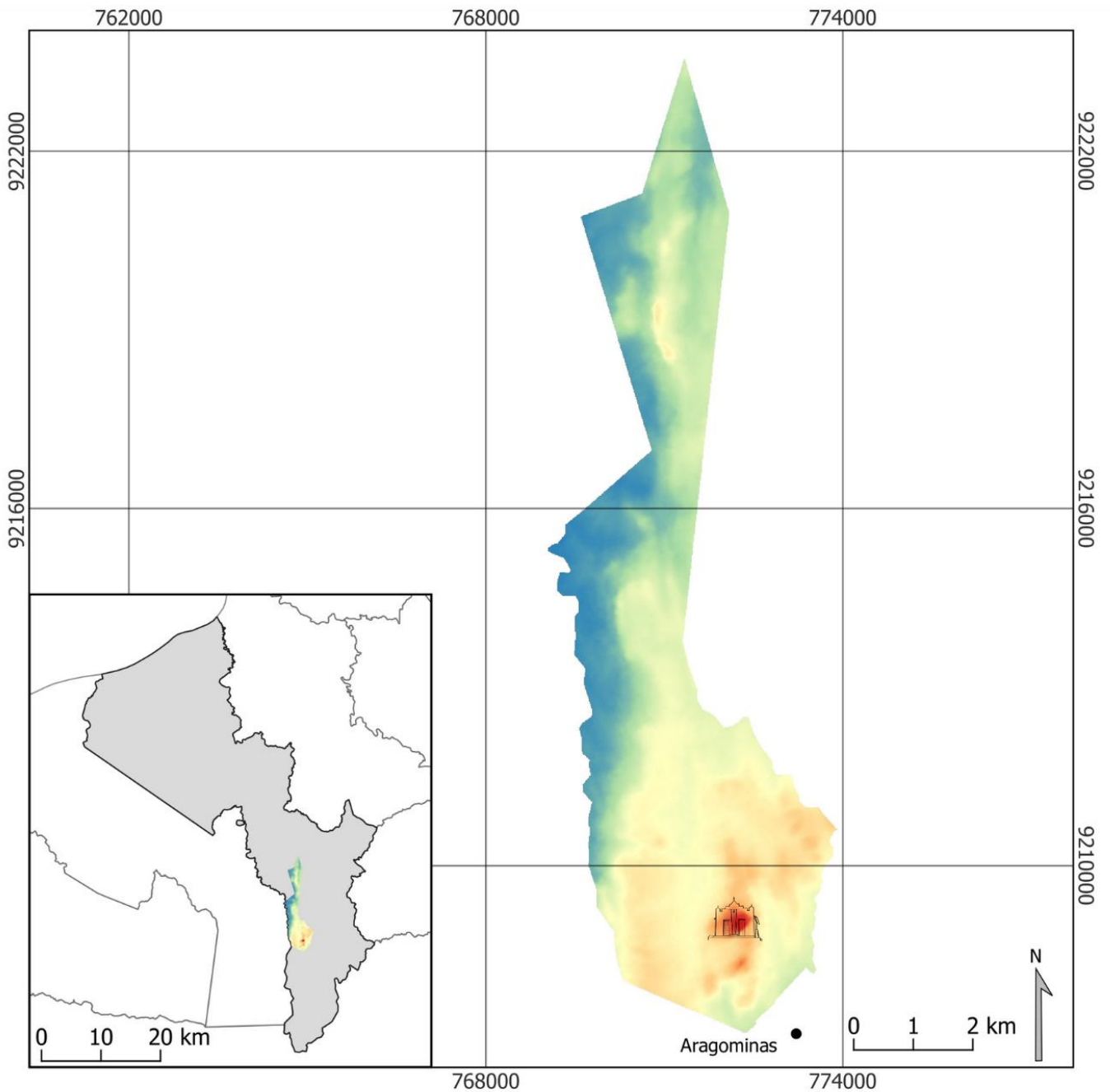
É importante também lembrar que o horto em Juazeiro é um geossítio ligado ao Geopark Araripe, com um sistema de conservação ambiental amplo, ativo e eficaz. No Morro, em Aragominas, há uma área de preservação ambiental municipal, mantida com os cuidados dos moradores locais, além de um trabalho de turismo.

A Área de Preservação Ambiental (APA) Pé do Morro (Mapa 4) foi idealizada pelo poder municipal de Aragominas e teve sua viabilidade estudada pelo Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins). Ela abrange uma área de 3.399 hectares ao redor do Morro e inclui a área onde residem alguns quilombolas da Comunidade Pé do Morro. Instituída pelo Decreto de Lei Municipal nº 053, de 28 de novembro de 2017, a APA foi criada para proteger os recursos ambientais presentes na região e mitigar o impacto das atividades humanas nesses ecossistemas (Tocantins [PPCDQ], 2021).

Estudos realizados a partir de geoprocessamento e sensoriamento remoto fizeram uma análise detalhada dos componentes geofísicos e da vulnerabilidade local, apresentando os aspectos fisiográficos, os fatores de formação da paisagem (clima, hidrologia, geologia, geomorfologia e aspectos indiretamente bióticos) e as relações que os afetam. Como observado no relatório, às pastagens para a criação de gado extensivo, muito comuns na região, são um exemplo significativo desse impacto (Sousa, 2011).

⁹ Geoparque é um território com limites bem definidos que reúne patrimônio geológico de relevância internacional, nacional ou regional, e que é gerido de forma integrada para promover conservação e educação.

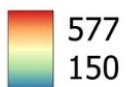
Mapa 4 - Área de Preservação Ambiental Pé do Morro em modelo de altitude



LEGENDA

APA Pé do Morro

Elevação [em metros]



Capela no alto do morro

Limites Políticos

- Aragominas
- Estado do Tocantins

Urbano

- Aragominas

Projeção Cartográfica
WGS 84 / UTM zone 22s

Fonte
Seplan TO
Alos Palsar [JAXA]

Elaboração Cartográfica
Modelo Digital de Elevação
Jan de 2023
Marcos Pereira Neto

No que tange ao turismo na área, também existem estudos sobre o fenômeno, que abordam tanto o aspecto natural quanto o viés religioso dos romeiros da comunidade quilombola. Todos os anos, no dia 2 de novembro, várias pessoas se reúnem para a subida do morro até a capela (Figura 6 e 7). Para alguns, é um momento de devoção; para outros, uma aventura. A trilha do Morro estava sem sinalização adequada e com a escadaria degradada. Um projeto do Laboratório de Turismo da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) realizou um trabalho de ecoturismo na APA Pé do Morro, com o intuito de revitalizar a trilha e instalar placas guias para auxiliar na segurança (figura 5) (Sudré; *et al.*, 2020).

Figura 5 - Placa de indicação da APA Pé do Morro



Fonte: o autor. 02 de novembro de 2022.

Figura 6 - Romaria do 2 de novembro no alto do morro em Aragominas



Fonte: o autor. 02 de novembro de 2024.

Figura 7 – Cruzeiro do Morro na Romaria do 2 de novembro em Aragominas



Fonte: o autor. 02 de novembro de 2024.

A valorização de locais naturais não pode ser medida apenas pela questão monetária, valor de troca ou estimativo. É preciso pensar essa valorização para além dos aspectos econômicos ou de posse. A conservação da natureza é um fator a ser levado em consideração nesse caso, onde a valorização está no ato de proteger, seja a biodiversidade ou a geodiversidade (Mochiutti; Guimarães; Moreira; Lima; Freitas, 2012).

No geossítio do Horto em Juazeiro (Mapa 5), o aspecto da preservação é mais evidente, devido a diversos fatores. O número de visitantes é significativamente maior, assim como o núcleo urbano. O geossítio está dentro do Geopark Araripe, com monitoração frequente e estudos constantes realizados por núcleos universitários. Em suma, é um quantitativo de forma e função muito mais abrangente do que a APA Pé do Morro.

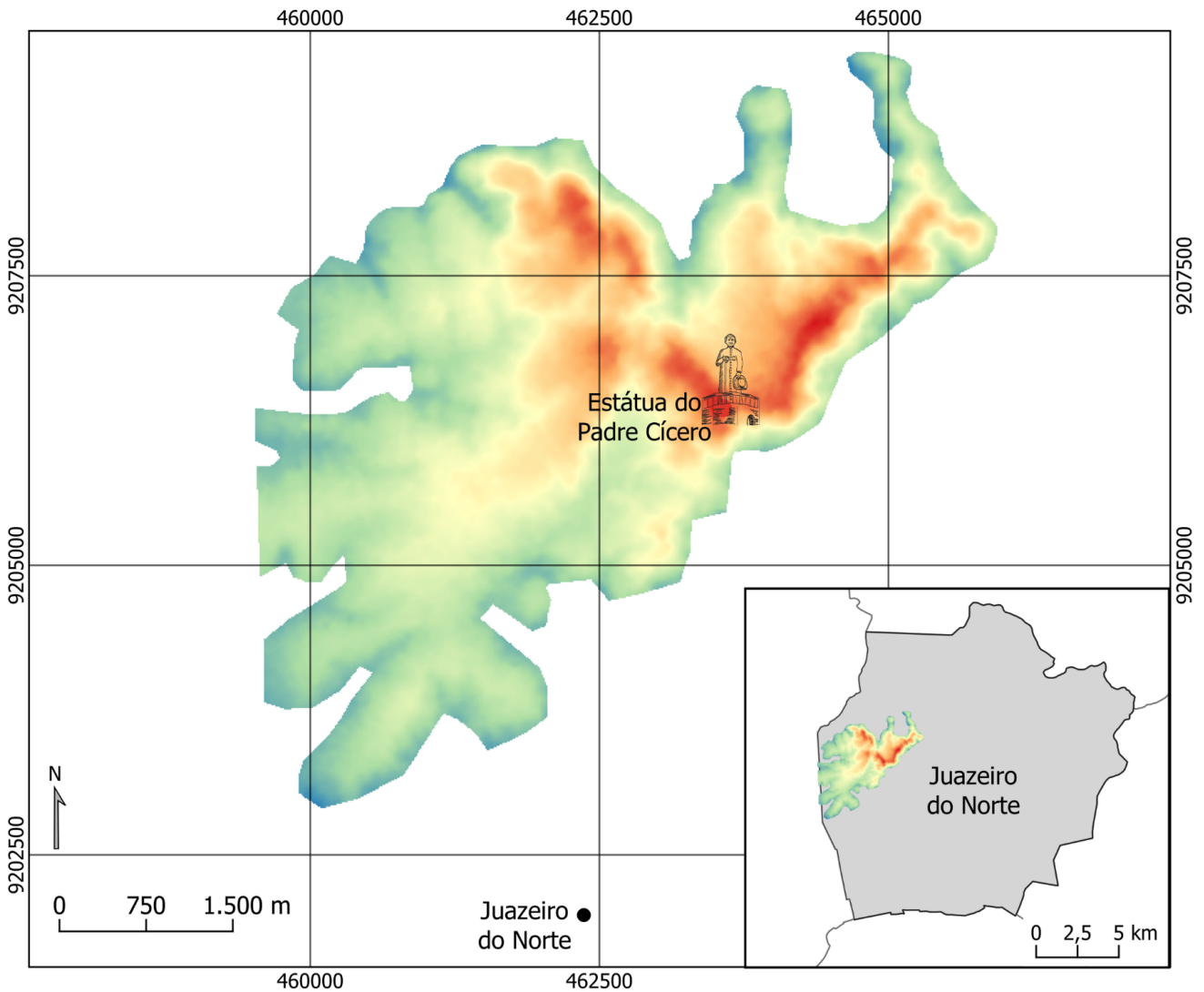
Este geossítio é de suma importância por ser uma área de interesse cultural, turístico e religioso. Identifica-se uma presença maciça de romeiros para cultuar suas devoções ao Padre, é ocupado por comerciantes, vendedores e os moradores do entorno. É necessária a conservação ambiental, planejamento, arborização e uma melhor ocupação do espaço, pois se trata de área de visitação e pesquisa. (Siebra; Bezerra; Oliveira. 2011, p. 1).

A sacralização da natureza é visível nesses locais. Em Juazeiro do Norte, no horto, é possível perceber essa sacralização no ambiente (Figura 8). De certo modo, é complexo expressá-la em texto, pois os romeiros e romeiras demonstram isso sem palavras; é algo que se percebe, um fenômeno. Isso pode estar aliado aos preceitos ecológicos pregados por Padre Cícero. Adentrarei nesse tema para tentar compreender a relação dos romeiros/as com a preservação da natureza e como esses preceitos de ecologia podem estar ligados às condições ambientais dos espaços em destaque.

A região do Cariri cearense, onde se encontram os municípios de Juazeiro do Norte e Crato, com influência também dos municípios de Barbalha e Missão Velha, está sob a área de influência dos atributos naturais associados à Chapada do Araripe e às áreas de brejos. Essas características naturais são, de certo modo, responsáveis pela formação de uma regionalidade, uma vez que, no passado, influenciaram o povoamento e as atividades de produção da região (Silva, 2013).

Antes de se retirar para o seminário em Fortaleza, Cícero conheceu e trabalhou com Padre Ibiapina. Ibiapina foi um missionário do Nordeste brasileiro, repleto de convicções e com muita compaixão pelos pobres. Bacharel em Direito, somente aos 47 anos de idade descobriu sua vocação sacerdotal. Ordenado pelo seminário de Olinda, em Pernambuco, retornou ao Ceará em 1862 para prestar auxílio às milhares de vítimas de cólera-morbo, doença que afetara até a morte o pai de Padre Cícero. Em todo o Nordeste, Padre Ibiapina, mesmo sem autorização, fundou mais de 20 casas de caridade e irmandades de freiras. Essas casas de caridade constituíam-se em instituições sociais, funcionando como orfanatos para os pobres, conventos e escolas (Lira Neto, 2009).

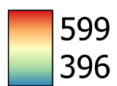
Mapa 5 - Geossítio do Horto em modelo de altitude



LEGENDA

Geossítio Colina do Horto

Elevação [em metros]



Limites Políticos

- Juazeiro do Norte
- Estado do Ceará
- Estátua do Padre Cícero
- Juazeiro do Norte

Projeção Cartográfica
WGS 84 / UTM zone 24s

Fonte
IPECE-CE
Alos Palsar [JAXA]

Elaboração Cartográfica
Modelo Digital de Elevação
Jan de 2023
Marcos Pereira Neto

Era esse o caso do Vale do Cariri, que recebeu duas visitas prolongadas de Ibiapina, de outubro de 1864 a fevereiro de 1865 e julho de 1868 a julho de 1869. Foi durante essas duas estadas que Ibiapina construiu as casas de caridade dos quatro principais municípios do vale – Crato, Barbalha, Milagres e Missão Velha –, o que, para nossa história, constituiu seu legado mais duradouro. Assim como as dezoito outras casas de caridade, que foram construídas em outros lugares do Nordeste árido, destinavam-se a servir ao mesmo tempo, de escola para as filhas dos fazendeiros e comerciantes ricos, de orfanato para as crianças das classes mais pobres, de centro de para a manufatura de tecidos baratos e, consoante a própria ambição de Ibiapina, de convento para sua congregação de freiras. As elites do vale, cujas filhas seriam educadas nas casas de caridade, apoiaram com vivo interesse as iniciativas do missionário, doando terras e rendas às escolas dos conventos. Coube aos pobres dar, generosamente, seu trabalho, acreditando que Ibiapina, assim como frei Vitale no século XVIII, era um profeta, dotado do poder de fazer curas. (Della Cava, 1976, p. 68).

O regime de mutirão era visível nas obras de Padre Ibiapina em todo o sertão nordestino. Ele e seus adeptos ergueram também capelas, construíram açudes e hospitais, como comenta Ralph Della Cava (1976, p. 68):

O trabalho do missionário não deixou de lado as melhorias materiais. Mobilizou trabalhadores submissos e crédulos não apenas para a realização de reparos nas igrejas e nos cemitérios, mas também na construção de açudes e na abertura de poços e cacimbas, bem como no planejamento de novas estradas, melhorias essas que foram acolhidas com entusiasmo pelas elites do interior, desejosas, sobretudo depois de 1865, de aproveitar o surto de prosperidade que as exportações de algodão ainda lhes proporcionariam por mais cinco anos pelo menos.

Padre Cícero, embora acompanhasse as obras de Padre Ibiapina desde 1862, somente em 1865, poucos meses antes de ingressar no seminário em Fortaleza, o conheceu pessoalmente na inauguração de uma das casas de caridade em Missão Velha. Mesmo com um contato pessoal de curto prazo, mas com o conhecimento da obra do missionário, diversos autores concluem que Ibiapina teria servido de modelo para as futuras práticas de Padre Cícero, como Luitigard Barros afirma a esse respeito:

Aquele ambiente, o engajamento que levava alguns padres a morrerem na luta que Ibiapina e seus seguidores encetaram contra o cólera que acometeu o sertão na década de sessenta do século passado, forjam na criança e no adolescente Cícero Romão Batista uma crença inquebrantável, a certeza da missão da Igreja de salvar e ajudar os miseráveis. A morte de seu pai e do Padre João Marrocos, atendidos por Ibiapina num lazareto construído por iniciativa deste para tratar os coléricos, liga indissoluvelmente o órfão àquele missionário e suas concepções de mundo. (Barros, 1988, p. 17)

Quando chegou a Juazeiro do Norte, Padre Cícero organizou ordens de beatos e beatas para auxiliá-lo na propagação da fé, moralização dos costumes e obras de melhorias, como a ampliação da capela de Nossa Senhora das Dores, com trabalho realizado a partir do regime de mutirão (Della Cava, 1976).

Pode-se concluir que as rezas de sua mãe, Dona Quinô, assim como os modos de vida e pregações de Padre Ibiapina, influenciaram profundamente a trajetória de Padre Cícero no cuidado dos pobres sertanejos do Nordeste, somando-se a esses fatores os saberes teóricos eruditos que ele recebera no seminário, os quais direcionaram sua práxis (Silva, 2013).

Assim como Ibiapina teve cuidados em direcionar algumas de suas obras no sentido de mitigar os efeitos das secas, como a construção de poços e açudes, Padre Cícero também sabia dessa importância e sentia a urgência de ações voltadas ao combate dos efeitos desse fenômeno natural e, ao mesmo tempo, social. Cícero aprendeu do jeito mais doloroso que era necessário encampar desde orações, à construção de obras hídricas e assistencialistas, a ações políticas e ensinamentos de convivência com o semiárido. Também pudera! O fenômeno devastador da seca, que insistia em ceifar a vida de milhares de pessoas quando ocorria, sempre levava consigo alguém do seio familiar do sacerdote. (Silva, 2013, p. 195)

Tendo Padre Cícero vivenciado alguns períodos de secas no Cariri e todo o sertão nordestino, seus saberes eram um misto de suas vivências e experiências a partir de sua trajetória no Cariri cearense, assim como os estudos no seminário da Prainha, em Fortaleza, tenham cunhado conhecimentos que levaram ao seu posicionamento político e social perante os sertanejos. Tais afirmações podem ser constatadas nas próprias palavras de Cícero (sem data), citado por Walker (1999, p. 15):

Só quem viu [18]77 entre nós, pode avaliar [...]. Cada cearense deve ser uma trombeta na imprensa e em toda parte, gritando com toda força, pedindo socorro para o grande naufrágio do Ceará. Pode ser que esses governos, que têm dever de salvar os Estados nas calamidades públicas, despertem este clamor e não queiram passar por assassinos, deixando morrer caprichosamente milhares de vidas que podiam.

Padre Cícero foi também foi conselheiro, em todos os aspectos, principalmente os voltados à convivência com o semiárido, apontando práticas de preservação do ambiente e manejo com técnicas de trabalho adequadas às

áreas sujeitas a processos de degradação e desertificação, muito comuns em todo o Nordeste. Ele instruiu a criação de sítio de mutirões para plantação de subsistência e devoção. Liderado pelo Beato José Lourenço, o sítio Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, no município de Crato. Lá, os que chegavam deviam viver conforme os preceitos religiosos do beato e trabalhar. Tinham roça, fabricavam rapadura e farinha e construíram poços, represando a água dos córregos (Ramos, 1991).

Nessa realidade, as falas sobre preservação que o sacerdote pregava foram organizados por um ecologista brasileiro, João de Vasconcelos Sobrinho (1979), professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, uma vez que Padre Cícero não deixou nada escrito. Esses preceitos foram difundidos nos sermões diários que o sacerdote pregava aos romeiros que visitavam Juazeiro ou àqueles que decidiam ali fixar residência. Esses preceitos ecológicos hoje estão grafados em paredes no alto do Horto em Juazeiro do Norte (Figura 8). Neles, Padre Cícero fazia os seguintes alertas:

1. Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau;
2. Não toque fogo no roçado nem na caatinga;
3. Não cace mais e deixe os bichos viverem;
4. Não crie o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer;
5. Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza;
6. Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva;
7. Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta;
8. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só;
9. Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca;
10. Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer;
11. Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.

Entendo que foram a partir desses fundamentos que Padre Cícero incentivou o trabalho coletivo no campo, de forma temporária ou permanente. Quando se formavam essas comunidades como territórios de sertanejos, é

provável que as falas do padre, de orar e trabalhar, somados aos mutirões – também exposto nos aprendizados com os trabalhos com Padre Ibiapina – e seus preceitos ecológicos, tenham sido a base do campesinato de vários sítios no Cariri cearense, compostos por romeiros.

Figura 8 - Preceitos Ecológicos do Padre Cícero gravados na parede



Fonte: o autor. Juazeiro do Norte, 13 de outubro de 2022.

Os romeiros e romeiras, tanto os que vivem no campo quanto os que residem na subida do Horto em Juazeiro, têm em si o respeito pelo sertão. Eles carregam consigo a natureza como um presente divino, e respeitá-la é tentar equilibrar a vida no semiárido. Nesta pesquisa, visualizo este aspecto como uma sacralização da natureza. Para os romeiros e romeiras, os símbolos, os lugares e o próprio Padre Cícero têm importância sagrada, e a essa lista acrescento a natureza, de forma sacralizada, por ser oferecida por Deus e trazer chuva e alimentos ao sertão. No item a seguir, trabalharei a partir de uma perspectiva espacial o sítio Caldeirão, no município de Crato, para

exemplificar como, na época do sacerdote, os sítios de mutirão eram organizados para a proveniência de alimentos e o convívio fraterno.

1.3 Caldeirão do Beato José Lourenço

Caldeirão dos Jesuítas, Caldeirão do Beato José Lourenço ou Caldeirão da Santa Cruz do Deserto (1926–1936) é um sítio situado no município de Crato, no Cariri cearense, na Chapada do Araripe. À frente desse movimento esteve José Lourenço Gomes da Silva, beato que vivia de acordo com os preceitos do catolicismo popular nordestino de sua época. O sítio foi uma espécie de reforma agrária de origem popular, formada por um grupo de camponeses que trabalhavam, rezavam e compartilhavam igualmente os alimentos colhidos, seguindo seu beato, José Lourenço, que sempre recebia conselhos do Padre Cícero.

José Lourenço nasceu em 1872, no município de Pilões, na Paraíba. Sua infância e início da adolescência foram marcados por um pai muito rígido. Ele saiu de casa ainda na adolescência e tornou-se domador de animais, trabalhando em diversas fazendas. Quando jovem, decidiu retornar à casa de seus pais e descobriu que eles haviam se mudado para Juazeiro, devido aos acontecimentos de 1889. Ele se juntou a um grupo de romeiros que, todos os anos, iam às romarias em busca de sua família. Ao chegar a Juazeiro, começou a se conectar com grupos de rezadores e admiradores do Padre Cícero (Ramos, 1991).

José Lourenço ficou pouco tempo no povoado. Ele e sua família arrendaram um sítio, Baixa Dantas, nas proximidades do município de Missão Velha. Lá, permaneceram por vários anos e cultivaram todos os tipos de plantações, além de manter um enorme pomar. Em 1914, o sítio foi o principal fornecedor de alimentos para Juazeiro do Norte durante a guerra contra o estado. Em 1926, o sítio foi vendido. José Lourenço recebeu a ordem de Padre Cícero para mudar-se para suas terras, no município de Crato, no Caldeirão dos Jesuítas (Ramos, 1991).

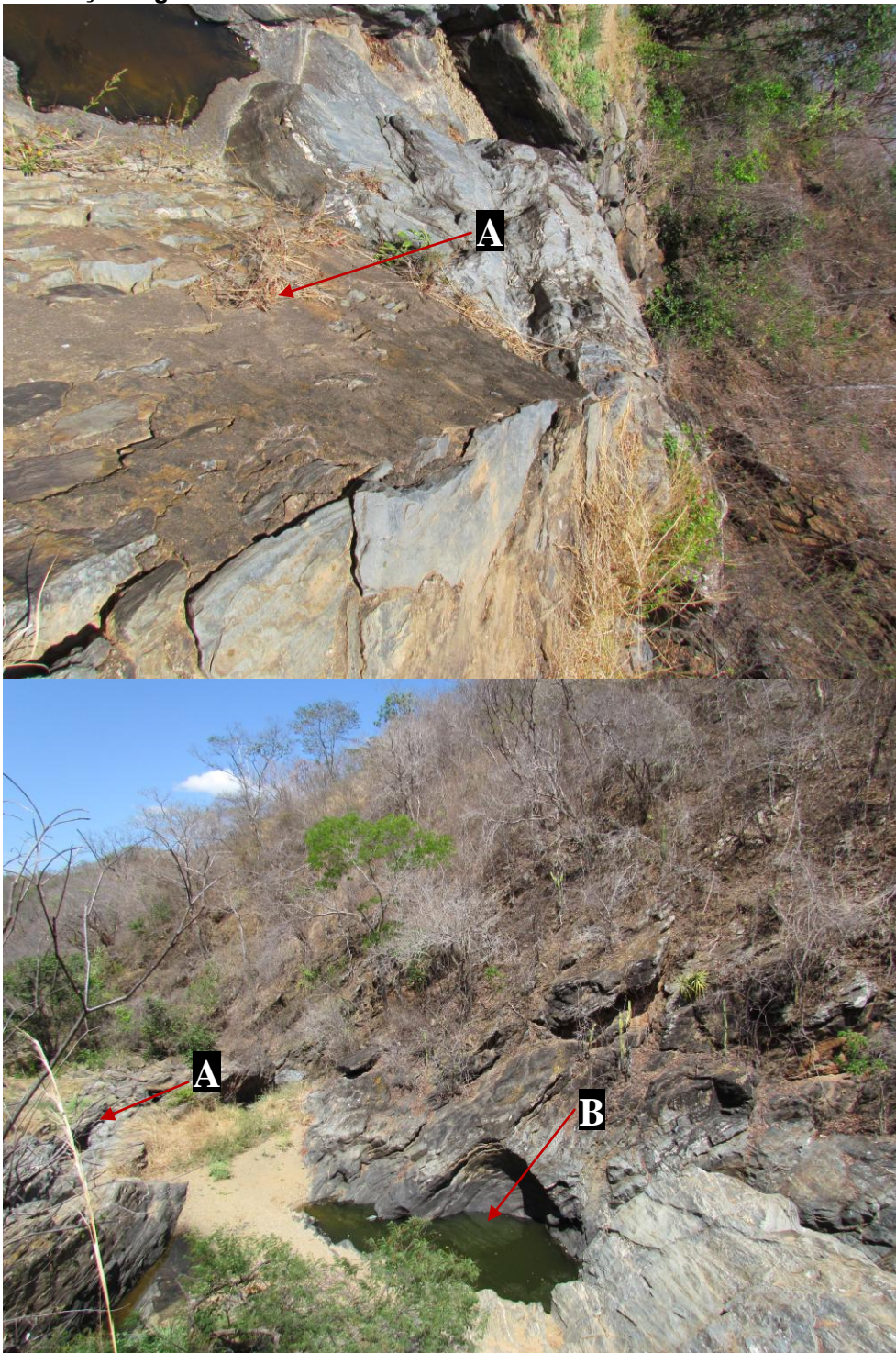
O nome "Caldeirão" vem da grande quantidade de "caldeirões de pedras" esculpidos em rocha que existem na região. Eles armazenam água até mesmo nos períodos de estiagem. É justamente essa água armazenada nas pedras que permite a manutenção da comunidade agrícola durante os meses sem chuva. O beato também construiu paredões para armazenar mais água, seguindo as orientações de represamento de riachos do Padre Cícero, como mostra a Figura 9.

Pensando na terra comum a todos, o sítio Caldeirão, por estar na Chapada do Araripe, não dispunha de terras planas, mas possuía uma água que nunca seca e um solo muito fértil. Todos os moradores do sítio tinham direito a uma casa, e todos também tinham o dever de trabalhar em coletividade, seguindo os preceitos do beato, bem como as orientações de conservação, que, para eles, representavam a convivência em harmonia com o meio natural.

Por a região ser acidentada geomorfologicamente (Figura 10), o trabalho era pesado, com muitas ladeiras. Mesmo assim, todos trabalhavam coletivamente para uma partilha coletiva da produção. O local dispunha de teares, produção de roupas e redes, um engenho de cana-de-açúcar e uma casa de farinha. O lema do beato para o Caldeirão era "Trabalho e Oração": trabalho que gera alimento para o corpo, oração que gera alimento para a alma (Ramos, 1991).

Em 1932, uma nova seca atingiu o Ceará. O poder estadual criou campos de refugiados da seca para acolher as populações, mas as deixava em condições insalubres. O sítio Caldeirão, mais uma vez, passou a receber centenas de camponeses necessitados. O beato José Lourenço não negava nenhum pedido de abrigo, desde que os novos habitantes se adequassem ao sistema do local. Esse acolhimento fez com que o sítio Caldeirão fosse comparado a Canudos, na Bahia, no final do século anterior (Ramos, 1991).

Figura 9 - Poço d'água do Sítio Caldeirão



Fonte: o autor. Crato, 15 de outubro de 2022. [A: Paredão construído pelo beato para armazenamento de uma maior quantidade de água. B: Poço Caldeirão em rocha, chegando a mais de 2 metros de profundidade].

Figura 10 - Vista do relevo da região do Sítio Caldeirão



Fonte: O Autor. Crato, 15 de outubro de 2022.

Intensificam-se também os movimentos de romarias ao local. Os poderes estaduais e federais começam a se incomodar, pois uma “revolução agrária” se formara o que era politicamente perigoso. Para os poderosos coronéis latifundiários do Nordeste, o perigo concentrava-se no fim ou na ausência de mão de obra barata, e no risco de ocupação de seus latifúndios. A Igreja Romanizada também não ficou atrás nas críticas ao Caldeirão, condenando-os como fanáticos hereges (Ramos, 1991).

Em 1936, tropas do governo do Ceará e do Exército Nacional invadiram o Sítio Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. O beato havia fugido para se preservar, pois recebera a notícia. Concentraram várias pessoas próximo ao cruzeiro, em frente à capela (Figura 11), que vinha sendo construída desde 1931, mas naquela data ainda estava incompleta. Destruíram os engenhos e várias outras estruturas da comunidade, puseram fogo em casas e em locais de trabalho e, ao final, expulsaram os camponeses dali, proibindo-os de voltar (Ramos, 1991).

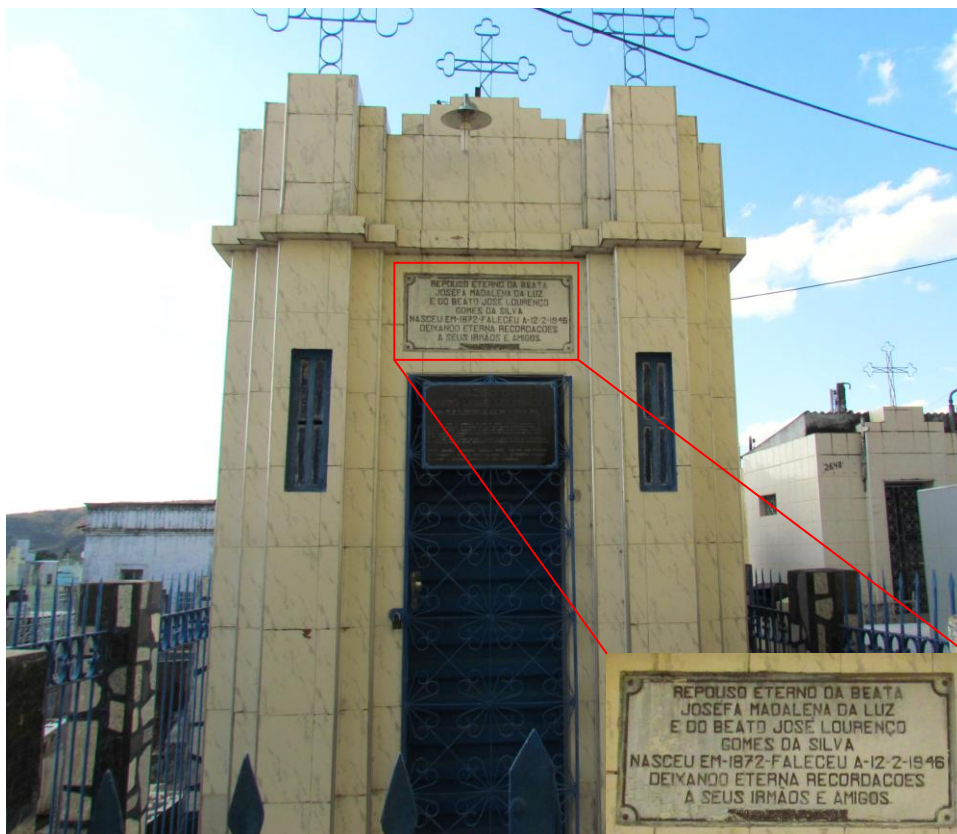
Figura 11 - Capela e Cruzeiro do Sítio Caldeirão



Fonte: O Autor. Crato, 15 de outubro de 2022.

Sem a proteção do Padre Cícero, que faleceu em 1934, e tendo as terras sido doadas aos Salesianos, mesmo tentando resistir por mais dois anos, os camponeses moradores do Caldeirão não conseguiram mais se fixar no local. Em 1939, o estado concedeu ao beato um ressarcimento pelos bens destruídos, e ele se mudou para Novo Exú, no estado de Pernambuco, onde iniciou um novo sítio, o Sítio União, onde permaneceu até seu falecimento, em 1946, acometido pela peste bubônica (Ramos, 1991).

Figura 12 - Jazigo do Beato José Lourenço no Cemitério do Socorro em Juazeiro do Norte



Fonte: O Autor. Juazeiro do Norte, 17 de outubro de 2022.

Ao falecer, o beato foi trazido para Juazeiro do Norte para ser velado e sepultado. O pranto dos homens e mulheres que viviam no Sítio União percorreu as muitas léguas que separam Exu de Juazeiro. A pé, trouxeram seu corpo para a terra do Padre Cícero, e, aqui, o beato não teve direito à missa de corpo presente. Tanto na Capela de São Miguel quanto na Capela do Socorro, encontraram apenas portas fechadas; os padres negaram. O enterro ocorreu no Cemitério do Socorro, como mostra a Figura 12 acima (Ramos, 1991). No próximo capítulo, adentrarei nas Bandeiras Verdes do Norte, não apenas como um sistema de mobilidade geográfica, mas também como uma transmigração de culturas negras, guiadas pelas narrativas do Padre Cícero e usufruídas a partir de seus preceitos, sejam eles ecológicos ou de convivência comunitária, como a sincronia oração-trabalho.

[...]

*nas profecias: Bandeiras Verdes, terras férteis, grandes rios
versões de uma guerra de movimentos e livros
a diferença entre fuga / busca e romaria*

*casos do sagrado e das criaturas migrantes fincados em cruz
desfiados em centenas / milhares de quilômetros*

Alex Ratts

2. BANDEIRAS VERDES: UM MOVIMENTO TRANSMIGRATÓRIO E UMA NARRATIVA ESPACIAL

Neste capítulo, trato as Bandeiras Verdes como uma narrativa espacial na qual elas indicam o caminho e a direção, mas não especificam um lugar. Esse direcionamento é baseado no Padre Cícero e reforçado na devoção dos romeiros. Os romeiros se deslocavam movidos pela devoção e por uma direção a ser seguida, rumo ao sol poente.

Este capítulo aborda a devoção dos romeiros às Bandeiras Verdes como um impulsionador dessa mobilidade. Trabalhei os aspectos individuais e coletivos para a compreensão do deslocamento, analisando como se deu o processo de migração e a origem do interlocutor ou grupo.

No deslocamento, o romeiro e a romeira levam consigo culturas que podem ser observadas em sua própria devoção, no seu catolicismo — aqui entendido como popular, rural e negro — e na qualificação dos espaços de seus repertório de lugares, os quais se revelam a partir dos símbolos, transmigrados e aprendidos durante a romaria.

2.1 Uma narrativa de deslocamento

Deslocar-se, como um ato de recomeçar em outro local, é uma das ações mais comuns à nossa característica humana. Os grupos humanos expandem seus deslocamentos entre áreas conhecidas e a conhecer, migrando por diversos motivos. Amélia Damiani é explícita ao afirmar que “[...] o fenômeno do povoamento não poderia ser compreendido sem as migrações” (1992, p. 61).

Pensar o povoamento de uma parte do país, onde, em meados da década de 1950, havia uma baixa densidade demográfica – ou seja, anterior à chegada dos agentes do capital –, é refletir sobre os intensos movimentos migratórios para essa região. Assim era a vivência espacial no norte do antigo Goiás, hoje Tocantins, no sudeste do Pará e no sudoeste do Maranhão.

As áreas de influência dos rios Tocantins e Araguaia foram palco das Bandeiras Verdes, e é esse movimento que gerou deslocamentos de vários grupos para as regiões mencionadas. As Bandeiras Verdes pode ser entendida como um movimento em que o migrante tem como destino final da sua mobilidade a localização da narrativa. No entanto, não há um local exato das Bandeiras Verdes; são áreas distintas, envolvendo pelo menos três estados e dois grandes rios que a fazem referência.

É nesse contexto que a denomino como uma narrativa espacial, como observado em estudo anterior:

As Bandeiras Verdes é onde há mata, água, e espaço para plantar e viver. No entanto, não há um ponto exato de onde se originam, nem onde começam ou terminam. Isso me fez pensar nas Bandeiras Verdes como uma narrativa espacial, uma narrativa geográfica, devido à mobilidade e à incerteza do lugar, que não é conhecido. Ao chegarem, os migrantes se tornam sujeitos espaciais, mantendo os aspectos da fé em Padre Cícero e nas Bandeiras Verdes (Pereira Neto, 2021, p. 27).

Autores que trabalharam com a narrativa das Bandeiras Verdes remetem aos romeiros e romeiras como o impulsionadores da ideia. Eles deviam procurar o oeste, após os grandes rios, e fixar moradias nas áreas de mata. Assim, teriam paz na vida, moradia, água e terra para o alimento.

Esses movimentos são contemporâneos, com um tempo de existência (1950 – 1970), dos mais antigos registrados, de aproximadamente setenta anos, formados por pequenos grupos. A peculiaridade dos movimentos migratórios internos ocorridos no Brasil está na temporalidade e na localização. Concentrados nas áreas rurais da Amazônia Oriental, eles acontecem após grandes movimentos que também se iniciaram no campo, nos séculos XIX e início do XX, como Canudos e Juazeiro do Norte, na região Nordeste, portanto, em outro momento histórico e político nacional, e em outras regiões (Vieira, 2001).

Maria Antonieta Vieira traduz as Bandeiras Verdes como uma profecia. Para ela, essa profecia “[...] é compartilhada por camponeses nordestinos e do Centro-Oeste, tendo sido, para muitos, o elemento desencadeador da migração para a Amazônia” (Vieira, 2001, p. 143). A autora considera que as Bandeiras

Verdes permitiram uma ressignificação da ocupação territorial a partir de referências religiosas.

Por assim dizer, essa narrativa espacial combina dois elementos: ocupação territorial e aspecto devocional. Não em sua totalidade, mas quase sempre, a narrativa da direção se associa às matas e às montanhas/montes/morros. Essa exortação remonta a passagens bíblicas, como nos evangelhos de Mateus e Lucas, em que, a se ver a abominação da desolação, os que estiverem na Judeia devem fugir para os “montes”. Na profecia, as montanhas são consideradas o “centro” das matas (Vieira, 2001).

Essas narrativas, de cultura bíblica, das montanhas e das matas, permitem que o romeiro em mobilidade entenda seu deslocamento na fronteira. Em geral, quando se pergunta aos romeiros o que são as Bandeiras Verdes, eles costumam ser concisos: são as matas, matas grandes. Como me falou, em conversa, a benzedeira e devota do Padre Cícero em Juazeiro do Norte de 68 anos de idade, Dona Maria Izabel, que conhecia a profecia; para ela as Bandeiras Verdes são “as matas... as Bandeiras Verdes são as bandeiras da natureza” (14 de outubro de 2022, Juazeiro do Norte-CE).

Os depoimentos dados às autoras e autores expressam versões diferentes, mas que apontam para um núcleo comum. A partir disso, é possível captar as Bandeiras Verdes como “[...] um lugar espacial, natural e social” (Vieira, 2001, p. 150). Essa localização – aqui denominado como uma direção – é uma direção que aponta para onde se deve ir. Essas bandeiras ficam a oeste, onde existem as matas, coincidindo com a fronteira inexplorada pelos agentes do capital, além dos grandes rios Araguaia e Tocantins.

Padre Cícero mandava o povo procurar a bandeira verde, travessar o rio grande pra o outro lado. E rio grande pra cá, pra Bandeira Verde, é o Tocantins e o Araguaia. (Bento, Barreira de Campo, 1988. Entrevista cedida a Vieira, 2001, p. 150)

E, mesmo sem uma localização exata na narrativa, que gera várias espacialidades, a direção está bem definida pelos romeiros: a direção oeste, seguindo o pôr do sol, rumo às matas dos grandes rios:

(Sobre o caminho para as Bandeiras Verdes) (Padre Cícero, em visão) *falava de um morro, ensinou o caminho. Era para tirar na guia do sol. Aonde o sol viajasse metesse o pique* (Alzira, *Rom do Pé do Morro*, 1988. Entrevista cedida a Vieira, 2001, p. 150)

Assumindo esta direção a oeste, referindo-se ao lugar natural, que seria expresso nas matas, verdes, destacam-se, na narrativa, duas principais características: a mata como um local inexplorado e fértil. A mata era pensada como brava e intocada pelo ser humano. Nesse caso, as populações indígenas também são vistas como parte desse mundo natural, uma vez que a utilizam de forma controlada, trazendo à mata esse aspecto. Para alguns romeiros, essa mata pode ser nominada como gerais.

Isso aqui (Barreira de Campo) era um lugar que não existia ninguém. Em 1962 entramos aqui nesta mata aqui, era virgem, todo clima de virgindade. Inclusive tinha índio, tinha onça, a naturalidade da terra. (Antonio, 1978. Entrevista cedida a Vieira, 2001, p. 150).

As citações das entrevistas cedidas a Vieira (2001), anteriormente inseridas, servem para a compreensão do sentimento e da noção de Bandeiras Verdes por parte dos próprios romeiros migrantes, de origens espaciais e temporais distintas.

Apesar dos perigos dos animais e da densidade da mata, ela tem outra face: é uma dádiva de fartura e abundância, com a palha para as casas, as frutas, etc. Esse lugar verde é descrito como “[...] essas matas grandes... rios que nunca secam; um lugar bom, que chove muito” (Vieira, 2001, p. 151), contrapondo o semiárido e períodos de secas no Nordeste brasileiro.

Em suma, inexplorado, de natureza fértil, com águas que nunca secam, pode ser um lugar para aqueles que não o têm, onde deixam as terras de outros e partem em busca das Bandeiras Verdes para trabalhar, concebido como um território livre.

Os significados das *Bandeiras Verdes* expresso nas *matas*: virgem, farta e livre – que se localiza a oeste – parecem opor-se ao terreno esgotado, à seca e fome e à terra *medida* e de *dono* característicos dos locais de origem, especialmente do nordeste. A divisão entre estes dois mundos aparece, em algumas versões, representada pelos rios Araguaia ou Tocantins (Vieira, 2001 p. 151 – grifos da autora).

Entendendo as Bandeiras Verdes como uma narrativa espacial, esta narrativa se desdobra em diversas formas de explicar sua localização, e não sendo única, compreende-se em alguns estados, na Amazônia Oriental. A vontade de conhecer um ponto fixo e preciso é própria de uma ciência moderna-colonial. Algumas autoras e autores trazem, em seus textos, relatos de camponeses que mencionavam as Bandeiras Verdes como um lugar ao qual deveriam encontrar ou estar.

Maria Regina Sader que estudou a luta por espaço de camponeses no Bico do Papagaio, observou em suas entrevistas que, somente ao perguntar sobre as Bandeiras Verdes, os camponeses se referiam a ela. Para a autora, nessa perspectiva, o espaço passa a ser percebido numa dimensão mística (Sader, 1986).

[...] o componente religioso de que se reveste o processo migratório para muitos dos habitantes do Bico: a busca das Bandeiras Verdes. A origem desse mito ainda é obscura para mim. Martins se refere a ele, apontando que a marcha para oeste desse campesinato antecede a abertura de estradas e a chegada dos fazendeiros, mostrando a existência de uma profecia definindo a direção tomada (Sader, 1986 p. 105).

Sader deixa claro que descobriu, por acaso, conversando com um posseiro oriundo do Piauí. No teor da conversa, ela pergunta se ele havia ouvido falar de Padre Cícero, e ele lhe respondeu que estava lá por conta da profecia. Para ele, o padre teria dito que, quando a situação piorasse, os fiéis deveriam partir e atravessar o grande rio, buscar as Bandeiras Verdes. Ninguém falava da profecia sem ser perguntado diretamente. No trabalho da autora, as motivações para a migração eram muitas, mas foi quando ela perguntava diretamente sobre as bandeiras que as respostas surgiam.

Outro autor, referido por Sader, é o sociólogo José de Souza Martins, que estudou a fronteira agrícola e o campesinato, e encontrou grupos na região que estavam territorializados ou em busca das Bandeiras Verdes:

Pude observar diretamente que as migrações espontâneas do Nordeste para a Amazônia, [...], estão motivadas por concepções milenaristas. [...], encontrei diversos grupos de camponeses que chegaram à região inspirados pelas profecias de Padre Cícero sobre a existência de um lugar mítico depois da travessia do grande rio. E

tive notícia de um grupo desgarrado, empenhado na mesma busca, que se estabelecera à beira do rio Tocantins. Esse lugar mítico é reconhecido como o lugar das Bandeiras Verdes, que ninguém sabe dizer exatamente o que é nem onde é. Mas seria reconhecido quando fosse encontrado, por ser um lugar de refrigério, de águas abundantes, de terras livres, em contraste com o Nordeste árido e latifundiário (Martins, 1997 p. 164).

Segundo Martins, os que procuram as Bandeiras Verdes andam em grupo, geralmente com parentes ou vizinhos. Os pontos de origem de suas trajetórias são, em geral, o Nordeste. Trata-se de uma viagem longa e lenta, com paradas ao longo do trajeto. Em sua pesquisa, realizada na década de 1990, o fenômeno ocorria a aproximadamente cinquenta anos, tornando-se intenso na década de 1970 (Martins, 1997).

Angélica Höffler (2004), em seu mestrado, discutiu a profecia da floresta e da salvação na literatura oral nordestina. Ela baseia-se nas mesmas noções de Bandeiras Verdes das autoras citadas, como Sader. O que ela acrescenta, ao trabalhar diretamente com nordestinos no Ceará, são novos questionamentos e associações.

Para Höffler (2004), os romeiros só empreendem o deslocamento e a travessia dos grandes rios graças à certeza e à devoção em Padre Cícero. Devoção, esperança e caminhada se encontram nessa mobilidade. Para ela, a própria denominação do lugar a ser alcançado é expressiva, pois bandeira era o nome dado aos mutirões para trabalho em roças, estradas e açudes, incentivados por Padre Ibiapina e Padre Cícero como forma de, com esforços unidos, combater a seca – como exemplo citado no capítulo anterior sobre o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Bandeira também se refere aos estandartes de procissões religiosas, como a do Divino Espírito Santo e de Santo Reis – manifestações católicas populares. Assim, pensar as Bandeiras Verdes é considerar uma junção de todas essas bandeiras: a mobilidade do nordeste rumo à Amazônia, o grupo coeso no vetor religioso que os impulsiona e a devoção em Padre Cícero.

A floresta seria, portanto, o refúgio ideal para quando chegasse o Fim dos Tempos. Mas o que teria levado os fiéis a identificarem a Amazônia como a floresta indicada na profecia? Pensar nas migrações que para lá ocorreram, a partir de 1877, em busca de enriquecimento com a borracha, não é suficiente. A localização do

Eldorado nessa floresta, bem como a sua busca pelos colonizadores, embora mereça ser levada em conta, também, não basta. Acredito que, para compreender a escolha da floresta amazônica como aquela que se localizam as Bandeiras Verdes, é preciso recuperar o mito da Terra sem Mal, buscada pelos tupis-guaranis. (Höffler, 2004 p. 16)

Percebe-se que as Bandeiras Verdes abrigam um conjunto de elementos que as tornam uma espécie de “Terra Prometida”, quase sempre sem um ponto fixo de localização, mas forte o suficiente para impulsionar a mobilidade de camponeses a deixarem seus lugares de origem e seguirem a direção indicada na narrativa.

Judith Lisansky, entre 1978 e 1979, trabalhou no extremo norte de Mato Grosso em sua pesquisa sobre migração para a Amazônia, focando na ocupação espontânea na fronteira. Nessa pesquisa, ela encontrou grupos que estavam ali pelas Bandeiras Verdes. A autora reproduz o diálogo com um camponês:

“A bandeira verde que você estava perguntando agora”, disse ele, “significa florestas. Bandeiras Verdes são florestas para a agricultura”. “Disseram-nos, há muitos anos”, continuou ele, “que haveria uma guerra e muitos combates em Goiás. Havia tantas pessoas famintas. Então, Padre Cícero Romão Batista”, ele prosseguiu, referindo-se a um famoso herói popular, santificado popularmente no Nordeste do Brasil, “Padre Cícero explicou ao povo que precisávamos ir para as florestas, para os lugares com montanhas que pegam chuva. Padre Cícero explicou tudo. Ele disse que, a partir de 1970, haveria bons tempos para todos nas regiões que tinham água. Então, os nordestinos vieram para cá. Nossa terra lá ainda está lá, mas tudo secou. Todos os nossos animais morreram, e não havia mais nada para comer. Os mais velhos diziam que deveríamos ir para as matas do Mato Grosso, e assim eles partiram e vagaram, caminhando por meses e meses, viajando, todos aqueles milhares de pessoas famintas”. (Lisansky, 1990, p. 2). [tradução minha]¹⁰

¹⁰ No original: The *bandeira verde* you are asking about just now” he said, “It means the forest. *Bandeira verde* are the forests for farming. We were told, many years ago” he said, “that there would be a war much fighting in *Goiás* ger and of revolution. There were so many hungry people. So *Padre Cícero Romão Batista*”, he continued, referring to a famous popularly sainted folk hero of northeastern Brazil, “*Padre Cícero* explained to the people that we needed to go to the forests, to the places with mountains that catch the rain. *Padre Cícero* explained everything. He said that from 1970 onward there would be good times for everyone in the regions that had water. So, the northeasterners came here. Our land over there, it’s still there, but it was all dried up. All our animals died, and there was nothing left to eat. The older people said we should go to the forests of *Mato Grosso*, and so they left and wandered and walked for months and months, traveling, all those thousands of hungry people” (Lisansky, 1990, p. 2).

Raimundo, o homem com quem Lisansky conversa na narrativa acima, também lamenta a ela que, após a década de 1970, os fazendeiros tomaram conta da região. As expressões utilizadas são sempre muito marcantes: “are all shut off, all fenced off” – **estão todos fechados, todos murados** (Lisansky, 1990, p. 2 – grifo meu). O latifúndio chegara e expulsara o sertanejo das terras, deixando-os, em alguns lugares, sem terra novamente.

Os sentidos de migrar ficaram expostos nas motivações religiosas e sociais dos deslocamentos em direção às Bandeiras Verdes. Geógrafas e geógrafos que se dedicaram aos estudos das migrações dos povos e da mobilidade geográfica, como o francês Max. Sorre (1955; 1994), entendem a mobilidade de grupos a partir da ausência de equilíbrio dos recursos no lugar em que esse grupo se encontra.

Sorre é claro ao escrever que a origem do deslocamento deve ser buscada em todos os sentidos: “Mas, quase sempre, devemos buscar a origem de seus deslocamentos em suas necessidades, em seu modo de vida, até em seus **imaginários**” – Cultural e devocional. (Sorre, 1955, p. 28 – grifo meu; tradução minha)¹¹.

Penso que essa mobilidade se coloca como a necessidade de encontrar novos recursos para viver em melhores condições. No caso dos romeiros do Pé do Morro, eles se encontravam em condições de insegurança financeira, sem terras, tendo que, também por meio da vontade e devoção em algo melhor, migrar para uma terra desconhecida. Max. Sorre (1994) enfatiza uma mobilidade que, em sua estrutura, tenha um caráter coletivo e que busque algo, como ouro ou terra inexplorada:

Esses são movimentos elementares. Ocorre, todavia, que a mesma causa pode agir ao mesmo tempo sobre grande número de indivíduos, e dirigi-los para uma terra prometida sem que tenha havido acordo prévio entre si; a busca do ouro, por exemplo, ou **a procura de terras virgens**. A migração torna-se, então, um movimento de conjunto de tipo coletivo. (Sorre, 1994, p. 135 - grifo meu).

¹¹ No original: Mais presque toujours, nous devons chercher l'origine de leurs déplacements dans leurs besoins, dans leur genre de vie, même dans leurs imaginations. (Sorre, 1955, p. 28).

O também francês, Marc Augé, em seu livro *Pour une anthropologie de la mobilité* (1995), nos remete a pensar a mobilidade em diversas escalas para uma possível compreensão das contradições que minam nossa história. E essas – as histórias [lê-se neste autor, narrativas] – têm tudo a ver com a mobilidade.

O fato de as Bandeiras Verdes terem ligações com Padre Cícero me remete também a uma busca nos movimentos espaciais do estado do Ceará para a Bahia, agregando migrantes de outras províncias. Um deles, e o mais representativo, é o movimento para Canudos, denominado de movimento conselheirista ou movimento de Antônio Conselheiro. Para a historiadora Beatriz Nascimento (1981), a migração do grupo se dá a partir do estado do Ceará e tem uma grande significação, uma vez que, no período, o estado passara por um processo de espalhamento de populações escravizadas para o sudeste. Porém, a historiadora ressalta que não só haviam deslocamentos de escravizados, mas também um deslocamento “[...] de populações livres empobrecidas” (Nascimento, 1981 [2021], p. 204).

Sua afirmação me remete ao modelo de deslocamento dos romeiros do Padre Cícero no norte do Tocantins. Uma “transmigração” à liberdade – nos termos de Beatriz Nascimento. Os grupos na mobilidade em busca das Bandeiras Verdes trazem características do movimento conselheirista:

Os laços de solidariedade, compadrio, parentesco e outros mais típicos de sociedades camponesas não capitalistas, são as instituições que esses imigrantes estruturam em torno de Conselheiro, no seu trajeto até o Arraial de Canudos. (Nascimento, 1981 [2021], p. 208)

Max. Sorre ressalta que os deslocamentos dos grupos, essa transferência de técnicas – que aqui trato como transmigração –, são constantemente chamados para explicar o estado atual das coisas – a qualificação do espaço pelo grupo ao qual ele usufrui. O autor defende principalmente a tese de que os povos migram por alguns motivos, entre eles a escassez de recursos e terra agricultável (Sorre, 1955). É na junção do “transmigrar para a liberdade” de Beatriz Nascimento e a “transferência de técnicas” de Max. Sorre que coloco a transposição ou transmigração das

culturas. A este tema, será mais trabalhado nos próximos capítulos, juntamente com os exemplos dessa transmigração cultural nos grupos estudados.

O próximo item aborda a devoção dos romeiros nas Bandeiras Verdes como um impulsionador dessa mobilidade. Trabalhei os aspectos individuais e coletivos para a compreensão do deslocamento.

2.2 Devoção romeira: um impulsionador de mobilidades

A partir de Max. Sorre, como analisado no item anterior, sempre devemos buscar a origem dos deslocamentos, as necessidades de se deslocar e como isso influi no modo de vida, além de como isso são construídos nos imaginários. Algo impulsiona a mobilidade, dando-lhe sentido e força para enfrentar a árdua caminhada — em quase sua totalidade, uma caminhada real, pois se deslocavam a pé — a devoção como senso comum e a transmigração para a liberdade — da vida, da terra, da sobrevivência — num sentido restrito.

O que pode impulsionar um grupo a migrar é a pergunta mais apropriada em um estudo sobre mobilidades. Para Sorre (1955), o mundo moderno se inclina a atribuir as migrações exclusivamente às razões socioeconômicas, mas ele considera que os seres humanos não se limitam a esses imperativos. Na mobilidade do ecúmeno, o autor menciona uma disposição natural ou adquirida, repassada, apontando que há um motivo além do socioeconômico. No caso das Bandeiras Verdes, a devoção e a busca por um lugar de salvação seriam o impulsionador da mobilidade dos variados grupos. Essa devoção pode ser explicada como fator migratório, como acertara Sorre: “Eles colocam um halo poético em torno de um modo de vida muitas vezes humilde” ¹². (1955 p. 30) [tradução minha].

Migramos por inúmeros motivos, mas a eventualidade quase nunca é um empecilho; o migrante quase sempre está amparado por algo mítico: “Ao

¹² No original: Elles mettent une auréole poétique autour d'un genre de vie souvent misérable (Sorre, 1955 p. 30).

longo da história, encontramos no migrante típico esse desprezo pelo acaso com uma confiança mística no destino”¹³. (Sorre, 1955 p. 48) [tradução minha].

Esse impulsionador da mobilidade no grupo ora estudado é a observação da concretização do deslocamento. A grande maioria dos romeiros declarará que a migração ocorreu em busca das Bandeiras Verdes, e que o fato de chegar a uma terra disponível para trabalho seria, para eles, um segundo fator.

É importante reforçar aqui, como destacado anteriormente, que a devoção vem nesse sentido de entusiasmo pelo migrar e em sua concretização. Isso é o que está explícito. Porém, o que não está explícito é essa busca pela terra livre. A busca pela liberdade, carregada de historicidade e espacialidade cultural, ocorre na transmigração de modo *stricto* na narrativa. Tal suposição se ampara nas concepções de que o romeiro saiu do Nordeste — semiárido e latifundiário — em busca de uma terra sem dono. Essa informação não pode ser espalhada; não se deve dizer que estão em busca de terras. Envolve um grande número de expressões e contradições relacionadas ao agrário. Precisavam da terra livre, que se encontrava na última fronteira, a Amazônia, até a chegada do “dono” a partir da década de 1960/1970.

O fato é que, em várias regiões do mundo, ocorreram migrações com fator mítico, na busca da terra prometida. O próprio Max. Sorre, em 1955, as considerava: “Famílias, paróquias inteiras com seu pároco, desfaziam-se dos seus pobres bens para bancar a ida para as terras prometidas.”¹⁴ (1955 p. 57) [tradução minha].

Esse grupo de romeiros no norte do Tocantins, parte iniciou a caminhada, e parte foi chegando depois, mas sempre vindo de outros lugares. O mais comum são o Piauí e o Maranhão como pontos de partida. Alex Ratts (2001, p. 57) é seguro ao tratar da mobilidade de pessoas e coletividades

¹³ D'un bout à l'autre de l'histoire, on trouve chez le migrant-type ce mépris des événements fortuits avec une confiance mystique dans le destin. (Sorre, 1955 p. 48).

¹⁴ Des familles, des paroisses entières avec leur pasteur, réalisaient leur pauvre avoir pour s'en aller vers des terres de promission. (Sorre, 1955 p. 57)

negras rurais e urbanas, e nos escreve que: “[...] à estratégia de constituir agrupamentos se justapõe uma grande mobilidade territorial”.

Em suma, a devoção trouxe os romeiros que se tornaram um grupo no Pé do Morro. As espacialidades e temporalidades são diferenciadas; os encontros com as Bandeiras Verdes e a interposição de técnicas e culturas na transmigração fizeram do grupo um diferencial. Esse grupo qualificou o espaço na diferença e constituiu territorialidades específicas, que se manifestam de variadas formas.

Segundo o senhor Raimundo Benício, romeiro e quilombola do Pé do Morro, a mobilidade do primeiro grupo, liderado pela beata Antônia Barros de Sousa, era composta por aproximadamente 20 famílias. A intenção era encontrar o Santo Cruzeiro no morro, nas Bandeiras Verdes, e formar uma comunidade devota. Logo ao chegar, construíram no sopé do morro uma igrejinha de palha e, em seguida, uma de adobe, para rezarem o terço da Mãe de Deus e do *Padim Ciço*.

Leonídia Coelho (2010), em pesquisa sobre a comunidade Pé do Morro, publicada com incentivo do Governo do Estado do Tocantins, através da Secretaria de Cidadania e Justiça, organizou um quadro com os primeiros moradores de 1952 e suas respectivas origens, quando possível identificar.

Quadro 2 - Romeiros que chegaram ao Pé do Morro em 1952

Romeiros	Descendentes	Origem/nascimento
Antonia Barros	-	-
Gregório Rafael	Petronília	Piauí
Antônio Cirilo	Onório Ribeiro	Piauí
Aleixo Cirilo da Silva	Raimundo B. da Silva	Piauí
Felix Pereira	Antônio Felix	Maranhão
Eurico Acácio	João Batista Reis	Maranhão
Manoel Chico	José Chico	Piauí
João Paulo	Dioclides	Maranhão
Domingos Roxo	Pedro	Piauí
João Barbos	Zacarias	Maranhão
Germano Preto	-	Maranhão
Elpídio Castro dos Santos	Selesiano C. dos Santos	Maranhão
Ananias	Lorival e Benícia	Maranhão
Antônio da Tuntum	-	Maranhão

Domingo Pedro	Galdino Pereira	Maranhão
João Cearense	-	Ceará
José do Pendão	Balbino	Piauí
Raimundo Coelho	Antônio Coelho	Piauí
Cícero da Mozinha	João Bosco	Maranhão
Valdemar e Lauriana	Pedrinho	Maranhão
Bento Alves da Silva	-	Maranhão
João da Mata	-	Maranhão
Tiadorico da Mata	Claro	Maranhão
Conforme memória de Selesiano C. dos Santos e Adão Ferreira Lima, entrevista cedida a Coelho, 2010 p. 11-12.		

A chegada desses primeiros moradores se estabeleceu até 1954, quando adentra um novo grupo. Um grupo menor, mas com importantes nomes da cidade de Aragominas, como o senhor Gregório Libânio. Leonídia Coelho (2010) também organizou um quadro com o grupo de 1954:

Quadro 3 - Romeiros que chegaram ao Pé do Morro em 1954

Romeiros	Descendentes	Origem/nascimento
Gregório Libanio	Josefa	-
Emídio Lourenço da Silva		
Nula dos Santos		
Valdemar P. de Souza		
Antônio Tapui		
João Preto		
Francisco do Amiguinho		
Manuel da Raimunda		
Pedro da Anália		
Conforme memória de Selesiano C. dos Santos e Adão Ferreira Lima, entrevista cedida a Coelho, 2010 p. 12*.		

* Não há esclarecimentos no texto de Coelho 2010 o motivo de o quadro dos romeiros de 1954 não haver descendentes e estado de origem/nascimento.

A partir da década de 1960/1970, com a abertura de estradas, começam a chegar os não romeiros e a demarcação das terras. O que foco aqui, neste momento, é o grupo que foi impulsionado a migrar por uma questão além da socioeconômica: a devoção, como bem trabalhado na perspectiva de mobilidade geográfica de Max. Sorre.

Essa questão da devoção nas Bandeiras Verdes como impulsionador da mobilidade é colocada como cultural. A luta por espaços está na origem desses

romeiros. Sader (1986) é certa ao afirmar que a maioria é maranhense; mesmo que vinda de outras regiões, há um número considerável que teve o Maranhão como etapa no processo de deslocamento. A busca pelas Bandeiras Verdes é vista como desvariada aos olhos dos que não conhecem/acreditam na narrativa. Que povo larga tudo para ir a um lugar cujo destino não tem uma localização exata? Höffler faz um adentro no tocante à busca pelas bandeiras:

As Bandeiras Verdes são ainda um mistério, do qual apenas se pode entrever uma parte. Mostram a força da floresta no imaginário nordestino, misto de atração e terror, que é capaz de fazer os sertanejos deixarem suas casas e suas terras e se lançarem à procura do que ouviram falar. [...]. No espaço da floresta, que se estende infinitamente sobre os passos dos peregrinos, constroem-se lugares sagrados, representações materiais e espirituais de seu próprio mundo. (Höffler, 2004 p. 20)

Para Sader (1986), tanto a origem quanto o trajeto percorrido são de extrema importância nas formas de aquisição da terra no processo final — no caso, a chegada às Bandeiras Verdes. Otávio G. Velho (1976 — apud Sader, 1986) cita a base cultural como fruto da formação de comunidades; sem dúvida, o espaço vivido pelos migrantes — as trajetórias socioespaciais (Pereira Neto, 2021; Cirqueira, 2010) — teve/tem repercussões na qualificação do espaço no Bico do Papagaio e em toda a região norte do Tocantins.

No próximo capítulo, farei uma abordagem sobre esse trajeto, essas trajetórias do grupo para chegar às Bandeiras Verdes, como a mobilidade é dada a partir da devoção e leva o grupo ao deslocamento. Abordarei as questões singulares dos motivos da viagem e as espacialidades durante ela.

*“[...] Bandeiras Verdes são as matas,
são as bandeiras da natureza.”*

Dona Maria Isabel
(Horto do Juazeiro, Ceará, 14 de outubro de 2022)

3. ADENTRAR AS MATAS DO ARAGUAIA: MOBILIDADE ESPACIAL, DEVOÇÃO E DESLOCAMENTO

O deslocamento do grupo de romeiras e romeiros negros em foco, que se dá em direção a Serra das Cordilheiras, era nomeado por eles como 'entrar na mata do Araguaia'. Vários motivos podem ser retratados para essa denominação. Irei me atentar aos motivos expostos pelos próprios romeiros e romeiras: 1. Após o então distrito de Araguaína, o território era desconhecido, sendo concebido apenas como mata; 2. Sabiam da existência de grupos indígenas, que hoje se sabe serem os Karajás-Xambioá – as narrativas mencionam “os índios”; 3. Chamavam mata do Araguaia, pelo fato de que, após a mata, está o rio de mesmo nome; 4. Essa denominação de 'mata' também não se restringia apenas à ideia de vegetação, mas sim a um local inexplorado, tornando-o perigoso.

É parte desta tese compreender a devoção como uma impulsionadora do deslocamento – que aqui é espacial – em justaposição à demanda por terra. A concepção da espacialidade da Mata do Araguaia como um local inexplorado e desconhecido está ligada à necessidade do grupo, funcionando como uma resposta à narrativa atribuída ao Padre Cícero, que orientava ir para um lugar esperançado, assegurado por uma misticidade, por não conhecer e não ter certeza de onde se deve chegar. Não foi uma busca por um lugar a ermo, sem qualquer sentido.

Seguindo o pressuposto do deslocamento a partir da devoção por uma terra que não fosse cativa, os grupos realizam a mobilidade. No item a seguir, nas narrativas de alguns desses romeiros e romeiras, sucede-se os motivos da viagem e suas espacialidades. O pensamento permeia um repertório de lugares, com espacialidades e temporalidades distintas, os quais foram percorridos na formação da identidade individual e do grupo, sem deixar a importância cultural e geossimbólica em segundo plano.

3.1 Mobilidade espacial, devoção e deslocamento

Realizar o deslocamento para este grupo está no imperativo da devoção. Mesmo que as pressões sociais e as questões da terra fossem algo desafiador,

há quem prefira ficar a abandonar seus horizontes familiares. Parte desse grupo, é a quebra de outros grupos que não tiveram o ânimo ou a força de prosseguir. O que importa nesse pensamento migratório é que, somente aquele disposto a enfrentar a devoção na mobilidade chegara ao seu epílogo.

Max. Sorre traz a seguinte formulação, “ao contrário, a mobilidade do ecúmeno é um fato bastante antigo e geral para sugerir a existência de uma disposição natural ou adquirida, independente dos grandes instintos primitivos, latente na maioria, incoercível em alguns”. (1955, p. 28)¹⁵.

O que leva a este pensamento está embutido no olhar, na linguagem não verbal e também, em parte, na comunicação verbal obtida no trabalho de campo. Em fevereiro de 2024, saí de Araguaína, Tocantins, de motocicleta, para o que acabou sendo um trabalho de campo de 10 dias e um total de 586 quilômetros na área pesquisada. Percorrer todo o trajeto possibilita, nas palavras de Jöel Bonnemaison (2002), adentrar o território. Nesse período, pude conhecer locais, ter diferentes perspectivas da paisagem e conversar com pessoas que estiveram envolvidas nesse deslocamento.

Trago aqui, inicialmente, aquele com o qual entrevistei por último. O senhor Raimundo Benício da Silva. O escutei por mais de uma hora, em sua casa na cidade de Aragominas. Antes, o visitei por três vezes em seu sítio nas proximidades do morro, na mesma cidade. Ele estava se recuperando da COVID-19, sem riscos de transmissão, porém por tratar-se de um senhor de 91 anos, a doença o deixara cansado. Ele me pediu para voltar sempre que pudesse para tomarmos um café. Passei para visitá-lo e ver como estava sua recuperação.

Assim que recuperou a saúde, Raimundo Benício fez questão de me ligar para conversarmos sobre o processo de chegada do grupo ao morro. Ele que era ainda rapaz quando os romeiros e romeiras chegaram, lembra-se e sente-se muito feliz ao contar a história.

¹⁵ No original: “*Inversement, la mobilité de l’œkoumène est un fait assez ancien et général pour suggérer l’existence d’une disposition naturelle ou acquise, indépendant des grands instinets primitifs, latente chez la plupart, incoercible chez certains.*”

Em narrativa, Raimundo Benício pede para contar desde o início, informa que a prosa é grande, mas que só sabe contar o que ainda lembra. É muito comum escutar dos velhos da pesquisa essas frases “vou contar o que ainda me lembro”, “já me esqueci de muita coisa”, ou “minha memória num tá boa mais não”, o que remete a necessidade da oralidade dos anciões e anciãs para os mais jovens das comunidades.

Mas ele inicia contando quem era e como era a Beata Antônia Barros de Sousa:

Ela era uma véia, bem velinha. Naquele tempo eu acho que ela tinha uns 70 anos. Ela chama Antônia Barros de Sousa. Ela morava lá num lugar por nome Brejinho, na beira do [rio] Tocantins, na beira do [rio] Prata, na fazenda São Miguel. Ela era bem fraquinha de recurso, ela só tinha dois filhos e netos. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

Essa descrição tanto de Dona Antônia, como da localização de sua morada é quase única. Poucos que relatam a vida da beata conseguem dizer de onde ela veio, por que só a conheciam do “meio da viagem”. Raimundo continua relatando sobre a beata e o que impulsiona sua mobilidade.

Ela saiu um dia para pegar umas frutas, eu num sei se era buriti ou mangaba. Ai ela saiu pra pegar aquelas fruta. Quando ela deu fé vem aquele padre, com uma bengala na mão, ai ela ficou assim, aquele padre limpo, bem limpinho na estrada de chão, ai ela parou e ele disse: num tenha medo não filha, pode ir pegar suas frutas. Ai quando ela olhou pra ele, ele não tava com os pés sentado no chão, tava sobre os capins, quando ela olhou pra ver se vinha algum dos meninos dela que olhou para frente novamente ela não viu mais nada. Ela ficou pensativa, sem dormir, mas não contou para ninguém. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

A narrativa é de extrema importância, as histórias dos lugares e das pessoas, muitas vezes, não pode ser escrita, ou fotografada, apenas contada. Por tratar-se de algo devocional, é compreensível que muitos não acreditem, porém não é sobre acreditar, e sim sobre as trajetórias de pessoas que essa devoção influencia, como no caso da família da beata, que enfrentou diversas dificuldades para migrar a mando de algo, muitas vezes dado como “loucura”.

Com algumas aparições para a beata Antônia, o tal padre, um dia, na porta de sua casa pede para ela se mudar, e ela o diz que não tem condições de mudar. Raimundo continua:

[...] “não, eu quero que você vá para a mata do [rio] Lontra”, e a beata resmungava não ter condições. “não vai te faltar nada, você vai sair daqui com seus filhos e vai lá pro morro do santo cruzeiro, na mata do [rio] Lontra”. Em mais algumas aparições ele disse pra ela que quem quisesse acompanhar que acompanhe, quem não quisesse a preferencia era ela e os filhos dela, e ela começou a contar né, e o povo começou a aparecer, e um trazia uma coisa, o outro trazia uma roupa, outra uma carne, outro trazia um arroz e foi chegando gente, era gente de mais. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

Nesse aglomerar de pessoas, as forças policiais da cidade de Filadélfia resolvem intervir. Acusada de “louca” por falar com um padre, ela foi proibida de convidar qualquer pessoa a “entrar na sua loucura”. Em mais uma visita do padre à beata, ele a conformou e a disse para não ter medo, que ninguém faria nada com ela, que ela se mudasse sem chamar ninguém para compartilhar da viagem.

Mesmo com as determinações policiais que proibiam sua viagem e as aglomerações, as pessoas continuavam a chegar à casa de Dona Antônia querendo segui-la, pois ela conversava com padre Cícero, o Padim Ciço. O alvoroço pela descoberta do morro na mata também chamava atenção do grupo que se formava.

Com muitos impedimentos, a beata saiu de sua casa, na região do brejinho em Filadélfia, à noite, em direção às margens do ribeirão Jacuba, local de primeira parada determinado pelo Padre Cícero.

[...] saiu de noite, ela saiu ai saiu um bocado hoje, saiu outros amanhã, na outra semana saiu outro bocado, saiam de noite. Quando chegamos na Jacuba, por que eu vim por último. Ai quando ela chegou à Jacuba, aqui na Araguaína, aí acamparam. Isso era mês de março, chovia muito, porque naquela época aqui chovia demais, vamos deixar a chuva passar, ficar até o mês de maio enquanto limpa o tempo pra nós seguir a viagem. Eles fizeram... rapaz era muita gente, fizeram barraco pra todo lado, era barraquinho coberto de

palha de [A]najá, um povoadinho, tudo do pessoal que vinha de lá. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

Em Araguaína, a beata também foi escutada pelo delegado local, e diferentemente das forças policiais de Filadélfia, o delegado informou que não a impediria, porém que ela não chamasse ninguém. Assim mesmo, com as informações, um cabo foi mandado da então maior cidade do norte goiano, Porto Nacional, para conversar com a beata e entender os acontecimentos. Mais uma vez Dona Antônia foi tida como “louca”, e que estava levando um aglomerado de seguidores à loucura juntamente com ela.

Ainda em Araguaína, Dona Antônia sofre ataques da igreja. O então padre de Filadélfia, Quinto Tonini, missionário italiano orionita¹⁶, ao chegar ao vilarejo araguainense, se surpreende ao ver o local estranho. Com a chegada sacerdotal, diferentemente das visitas anteriores. Na recepção paroquial, padre Tonini toma conhecimento da "velha do bosque", Dona Antônia, e que ela estava atraindo pessoas para entrar na floresta em busca de um cruzeiro no alto do morro (Tonini, 1959).

Padre Tonini era italiano e chegou ao norte goiano por meio da missão da Congregação da Pequena Obra da Divina Providência. Atuando como padre em Tocantinópolis, Tonini visitava toda a prelazia – incluindo Araguaína, Babaçulândia e Filadélfia. Formado em enfermagem pela Cruz Vermelha, prestou assistência aos doentes de toda a região e também foi responsável pela formação das “Socorristas Samaritanas”, o primeiro grupo de enfermeiras a atuar na região. Essa iniciativa levou à consolidação de um local de atendimento que, mais tarde, ainda sob o comando dos padres orionitas, viria a se tornar o Hospital e Casa de Caridade Dom Orione, em Araguaína.

Apesar de todo o seu trabalho missionário, Padre Tonini era também rígido, especialmente em relação às questões de gênero e religiosidade. Tudo

¹⁶ Padres da Ordem Orionitas que faziam parte da Missão Congregação Pequena Obra da “Divina Providência”, missão esta idealizada pela igreja católica para enviar padres e suas obras, voltadas à educação e saúde, para regiões longínquas do norte brasileiro, pois se tinha uma tímida presença da igreja apostólica romana e uma ameaça de expansão do protestantismo que vinha do extremo norte, Belém. (Rodrigues; Costa, 2016).

o que fugisse dos preceitos romanos deveria ser abolido, como os romeiros, a romaria e o que ele chamou de “fanatismo” da beata Antônia Barros.

Em uma celebração, o padre avisou-lhes para não seguir a quem ele chamou de “a feiticeira do bosque”, uma mulher tida como “louca pela idade”, e que morreria na floresta, levando consigo todos que a acompanhassem. Na ocasião, o padre foi solicitado a dar a bênção de enfermo a uma senhora. Enganado, ele deu a bênção e rezou pela própria Dona Antônia, que estava doente. Ao tomar conhecimento do ocorrido, o padre resolveu, no sermão da missa noturna, dar um ultimato: ou todos ali acabariam com aquele fanatismo, ou ele abandonaria Araguaína, levando consigo a imagem do padroeiro, o Sagrado Coração de Jesus (Tonini, 1959).

— Preferistes – disse categórico — a feiticeira ao Evangelho, portanto ficai com ela. Irei embora daqui amanhã. Nenhum padre virá mais aqui, se toda cidade não se arrepender daquilo que fez. Comigo, neste instante, sairá também a imagem do Sagrado Coração (Tonini, 1959, p. 51).

Pouco tempo depois, o novo padre ordenado em Babaçulândia, padre Mecozzi, faz uma viagem pela mata do Araguaia a fim de encontrar o tal morro e a população que havia sido conduzida pela beata. Ele viajou por três dias até o “morro do cruzeiro” e, ao chegar, encontrou o grupo, que trabalhava, mas que, por três dias na semana, apenas rezava. Segundo Tonini, as observações feitas por Mecozzi é que eram muitos, viviam em estado de carência e eram imersos em superstições: “[...] todos deviam levar um longo rosário no pescoço [...]” (Tonini, 1959, p. 141).

A visão da Igreja Católica institucionalizada sobre os grupos rurais, não assistidos eclesialmente, era de que qualquer pensamento fora dos quadrantes instituídos deveria de algum modo, ser desmoralizado. Nomear Dona Antônia como “louca” e também como “feiticeira” era uma forma de, sob pressão, desmoralizar o catolicismo popular, especialmente na época, quando a ordem do apostolado era erradicar toda e qualquer influência de Padre Cícero e seus apoiadores, diga-se, romeiros e romeiras.

Segundo as narrativas do Seu Raimundo Benício, após as tentativas, tanto das forças policiais, como da igreja, o grupo, em nove de maio de 1952,

começa adentrar a mata, atravessaram o rio Pontes e o rio Lontra, ainda nas proximidades de Araguaína. Por volta da hora da parada do almoço, quando todos estavam arranchados, chega a Polícia e solicita o retorno de todos para prestar esclarecimentos na delegacia de Araguaína. nos esclarecimentos para a polícia, Dona Antônia sempre deixava claro que nunca havia convidado ninguém a estar com ela, que todos ali estavam por vontade própria.

[...] ai nós saímos de lá no dia 09 de maio e viemos chegar aqui no dia 27 de julho. Aí a velha achou o morro, quando a notícia chegou lá [Araguaína], porque de lá ninguém via esses morros. Aí quando a chegou aqui que a velha achou o morro todo mundo passou a ver eles lá de Araguaína. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

A narrativa do Raimundo Benício até aqui mostra, de forma bem sucinta, como ele mesmo disse em entrevista que não lembrava mais de muitos detalhes que a beata Antônia Barros de Sousa seguiu o deslocamento mesmo que as forças políticas ou até mesmo as naturais as tentassem impedi-las. Ela perseverou e chegou ao morro como colocado pelo padre.

Esse foi o primeiro grupo que chegou. Porém após eles, chegaram mais romeiros em busca dessa terra sem dono e prometida em mata, água e abundância. Outros moradores romeiros falaram desse deslocamento para o morro das cordilheiras, como é chamado pelo senhor Manuel Vieira dos Reis, 87 anos de idade, aqui tratado por Manuel do Bruno, como é conhecido em Aragominas. Ele traz principalmente a questão dos que foram para o Morro e seguiram em devoção à romaria de Padre Cícero.

Manoel do Bruno foi meu primeiro entrevistado no campo realizado em fevereiro de 2024. Na passagem de Araguaína para Santa Fé do Araguaia, conversei com ele, e ficou acordado que eu retornaria em outra oportunidade. No dia marcado, Seu Manoel estava pronto para me receber. Conversamos, ele me contou sua trajetória e a relação de devoção que mantém, explicando a composição do seu altar e como adquiriu cada imagem do Padre Cícero (Figura 13).

A composição do altar em sua casa inclui quadros com imagens de Jesus e pombas do Divino Espírito Santo; terços e rosários; remédios caseiros; cruzeiros; uma representação da Santa Ceia; imagens de Nossa Senhora Aparecida; e diversas imagens de Padre Cícero, em variados tamanhos. Das duas maiores, uma foi adquirida por encomenda na cidade de Juazeiro do Norte-CE, e a outra foi doada pelo ex-governador do estado do Tocantins, José Wilson Siqueira Campos, conforme me contou Seu Manoel do Bruno.

Figura 13 - Senhor Manoel do Bruno frente ao seu altar em Aragominas-TO



Fonte: o autor. Aragominas, 08 de fevereiro de 2024.

Pedi para registrar o momento com uma Figura, e ele se prontificou. No entanto, precisava trocar de roupa, vestindo-se de branco, para tirar a foto ao lado de seu altar. Essa roupa pode ser explicada pela devoção romeira, Dona Juscelina, do quilombo em Muricilândia, também mantinha esses costumes romeiros, como o de não sair de casa sem cobrir a cabeça.

Seu Manoel relata como Dona Antônia encontrou o Padre Cícero pela primeira vez, ainda em Filadélfia. Na sua fala, o cerne da narrativa é o mesmo que o do Raimundo Benício:

O princípio daqui foi a história de Padre Cícero, uma mulher de idade, viúva, estava indo para o brejo, pegar buriti. Um dia ela foi cedo e tinha um homem de branco do outro lado do brejo: “mas eu venho aqui todo dia e nunca vi homem aqui, que homem é aquele”. Ela se aproximou, e o chamou “ê moço, ê moço, o senhor está perdido?” e ele respondeu: “não senhora, eu não me perco. Estou aqui porque quero falar com a senhora”. Ela caminhou mais para perto e ficou assim a distância de um metro dele e ele disse “filha estou aqui para falar com a senhora, mas não vou lhe dizer o que quero agora por que a senhora não está preparada”. (Manoel do Bruno, entrevista, 08 de fevereiro de 2024).

Seu Manoel do Bruno, por ser o líder religioso dos ritos religiosos do grupo, tem uma fala mais centrada na religiosidade e no padre. Quando se trata dele, exhibe os detalhes que conhece da história de Dona Antônia.

[...] sim, ela viu aquele homem vestido de branco, mas quando ela chegou perto num era roupa branca era batina arrastando no chão, um velhinho da cabeça branca, baixo e a cabeça era chata, mas o cabelo branquinho, ai ela disse: “isso é o Pai Eterno”, mas num era o Pai Eterno, era o Padre Cícero. (Manoel do Bruno, entrevista, 08 de fevereiro de 2024).

Seu Manoel revela em entrevista que pelas conversas dos mais idosos o Padre teria andado por todo o município de Filadélfia, mas ninguém o via, porque a pessoa que ele achou que tinha competência era a beata Antônia. Para o Padre Cícero, o motivo era que ela sabia todas as orações de cor: Pai-nosso, Ave Maria, Creio em Deus Pai, as ladainhas, a Salve Rainha. Então na narrativa, ela era a capaz de chegar ao morro em oração.

Seu Manoel do Bruno fala da nomenclatura do morro [local], chamado de Morro da Velha, em menção a Dona Antônia, ou Morro do Santo Cruzeiro. A nomenclatura oficial é Morro das Cordilheiras, por fazer parte do complexo geomorfológico de Serra que leva o mesmo nome:

[...] Serra da Cordilheira, assim ele falou pra ela: “no morro mais alto da serra eu botei uma cruz na era de 18 [1918], estou precisando de uma pessoa que tem competência para descobrir a cruz e fazer romaria, dar bons exemplos e ensinar o povo a rezar”. (Manoel do Bruno, entrevista, 8 de fevereiro de 2024).

Seu Manoel também deixou registrado uma importante fala, que era ordem do padre que Dona Antônia não convidasse ninguém, porém quem quisesse acompanhá-la poderia ir, não importasse quem fosse: “[...] que fosse novo, velho, preto, branco, homem, mulher, criança, não era para ela recusar” (Manoel do Bruno, entrevista, 08 de fevereiro de 2024).

Seu Manoel do Bruno relata o deslocamento de vários grupos posteriores, ele afirma que muitas pessoas buscaram o local pela mata, a terra, e não pela romaria, pois era muita, diz ser pela “sede da mata”.

Aqui é só terra boa, de Araguaína pra cá, até depois do morro, até o [rio] Murici é só terra boa, passou do Murici, da Santa Fé [do Araguaia] é o descalibre de terra, não presta não, é só areia, mas ele [o padre] disse pra ela [Dona Antônia] que esse torrão de terra aqui era abençoado, aqui dava tudo que quisesse plantar, dava nessa terra. (Manoel do Bruno, entrevista, 08 de fevereiro de 2024).

Seu Manoel do Bruno faz o relato de sua trajetória, com seus pais, até Aragominas. Vindo do Piauí, morou no estado do Maranhão, Seu Manoel decidiu deixar os pais e ir trabalhar no garimpo em Xambioá, nove anos após sair do garimpo, seus pais moravam na região de Aragominas. Ao chegar à região Seu Manoel conhece a família do senhor Gregório Libânio, um dos primeiros moradores do núcleo mais distante do morro, que veio a tornar-se cidade de Aragominas.

Eu vim pra cá em 1963, meus pais e eu, nós somos tudo do Piauí. Agora, nós já tinha atravessado pro Maranhão, deixei eles morando lá e vim pro garimpo de Xambioá nesse tempo, passei 9 anos sem olhar meus pais andando nesses garimpos, ai nunca arrumei nada, quando eu vim eles tinham vindo embora do maranhão pra esse Goiás, eles já estavam morando aqui, pertinho, quilometro e meio daqui na porta. (Manoel do Bruno, entrevista, 8 de fevereiro de 2024).

Seu Manoel do Bruno, também faz um breve relato sobre as condições do acesso à época em que chegou, onze anos após a abertura da “picada” da estrada, naquela época ele diz que havia “estrada tropeira” – estrada pela qual se desloca de animal.

Ele também relata a devoção a padre Cícero, que ainda criança ouvira falar, por parte da família de sua mãe, eram muitos devotos, porém, somente ao chegar a Aragominas ele toma a devoção mais para si, por influências de seu sogro, Gregório Libânio, o qual era extremamente devoto.

Nesse momento Seu Manoel do Bruno toca em tema sensível aos romeiros, as Bandeiras Verdes. Ele relata que ainda no Piauí e no Maranhão, se ouvia falar nas “bandeiras das matas verdes”, e que o rio Tocantins era o “grande rio”:

[...] as matas verde, que atravessasse o Tocantins, chamava rio grande, atravessasse ele era as Bandeiras Verdes que existia nessa região, era pra cá, era as mata virgem. (Manoel do Bruno, 8 de fevereiro de 2024).

Os romeiros e romeiras não têm outra noção das Bandeiras Verdes, isso é observável pela repetição desta tese. As Bandeiras Verdes estão presentes nesta narrativa. Não há um lugar definido, nem uma temporalidade precisa, e tampouco exatidão. Há, apenas, narrativa, devoção e a aspiração de estar nesse lugar lenitivo. Trata-se de uma narrativa, por ser aberto à interpretação espacial – como nós, geógrafos e geógrafas, temos essa avidez de recortar espacialmente, ou seja, precisamos de um recorte que possa ser georreferenciado e mapeado, baseado em uma noção da espacialidade física. As Bandeiras Verdes possuem uma narrativa espacial que não podem ser localizadas com exatidão por um sistema de coordenadas geográficas, pois não há um ponto nas coordenadas x e y, e elas mudam de acordo com o grupo e a temporalidade.

Então, para os romeiros e romeiras, as Bandeiras Verdes, são as matas, estão a oeste, depois dos grandes rios – Tocantins e Araguaia – terras sem dono que possa ser usada para plantar e cuidar da própria família.

Seu Manoel do Bruno continua a relatar como foi o processo de transmissão do saber dessa devoção, a partir dos mais velhos. "Fui cinco vezes ao Juazeiro!" A Praça Padre Cícero, localizada no município de Aragominas, recebeu a doação da imagem do padre, que fica no centro da

praça e foi idealizada por Seu Manoel. Assim, a praça e a rua que a circunda receberam o nome de Padre Cícero.

Em outubro de 2023, acompanhado da professora e pesquisadora, doutoranda no PPGeo/IESA/UFG, Elaine Sousa¹⁷, e de Débora Lima nascida em Aragominas e quilombola da Comunidade Pé do Morro, visitamos no morro Dona Maria Mendes, 89 anos. Denominada de “guardiã do morro”, Dona Maria tem em suas narrativas um vasto repertório de lugares, e na sua trajetória, o morro e Aragominas aparece mais de uma vez em temporalidades diferentes. A conversa com Dona Maria seguiu a interlocução, nós ali presentes guiávamos o assunto com o que até sabíamos, inclusive retomando o que ela mesma nos contara em outras ocasiões. O uso das referências cruzadas com outros e outras interlocutoras da pesquisa.

Chegamos e nos apresentamos. Ela nos recebeu como sempre indagando quem somos e de onde viemos, mesmo não sendo a primeira vez no local¹⁸.

Dona Maria saiu da região sudeste do Maranhão, município de Mirador assim que se casou. Chegou ao morro pela primeira vez em 1971. Ficou por poucos meses e seguiu viagem até o Araguaia, dez anos depois retorna e fixa moradia.

— Eu já andei no mundo inteiro, só aqui tô há 40 anos.

O lugar que a senhora mais ficou foi aqui?

— Eu cheguei aqui em 1971, passei três meses aqui, fui para beira do Araguaia, passei 10 anos lá, fui pro Pará e passei um ano. Voltamos para beira do Araguaia e passamos outro ano lá, e só aqui tem 40 anos, aqui me quietei.

Dona Maria e a senhora veio do Maranhão?

— Eu vim do Maranhão.

Tinha filhos?

¹⁷ Realizou pesquisa de mestrado (Sousa, 2021) na Comunidade Quilombola Dona Juscelina, em Muricilândia, sobre o protagonismo feminino na territorialidade do quilombo. No doutorado, realiza pesquisa com mulheres e seus saberes intergeracionais nas comunidades quilombolas Pé do Morro, Dona Juscelina e Cocalândia.

¹⁸ Dona Maria sofreu de um Acidente Vascular Cerebral (AVC) que a deixou esquecida de memória recente, fazendo com que seja necessário a cada visita nos apresentarmos. O AVC também a deixou com fraqueza nas extremidades inferiores, coisa que ela deixa bem claro para dizer que não tem mais condições de subir no morro como fazia todos os dias.

— Não. Eu saí do Maranhão... deixa eu ver se tinha filho, tinha não. (Maria Mendes, 27 de outubro de 2023).

O repertório de lugares de Dona Maria Mendes, antes de chegar ao morro em 1971, é amplo. Esse repertório é formado por espacialidades que, de certo modo, têm uma importância simbólica, como os locais onde possam ter residido antepassados e/ou parentes diretos, e os adquiridos ao longo da trajetória de vida, como as comadres de quem ela tanto fala. São porções de terras que podem ter sido perdidas para a grilagem e localidades que se alteraram por processos de migrações. Assim, o repertório se refere a lugares acessados através de notícias, saudades e lembranças, um espaço vivenciado no outrora (Ratts, 2001).

Retomo a questão da mobilidade. Dona Maria é indagada se conhecia alguém, e ela diz que tinha conhecimento do “meu padrim”, Manoel Borges dos Santos, que era morador do alto do morro. Segundo Dona Maria, ele andava por toda a região, do morro até o rio Araguaia; ele havia percorrido tudo e morado em vários lugares até falecer em uma ilha no meio do rio Araguaia.

Vocês lá no Maranhão sabiam notícias do que tinha aqui, do morro, do pessoal que morava aqui?

— Sabia, Manoel Borges morava aqui, meu padrim Manoel Borges dos Santos.

E a senhora conheceu ele aqui, quando chegou aqui?

— Foi, conheci ele quando chegou aqui. (Maria Mendes, entrevista, 27 de outubro de 2023).

Dona Maria Mendes visitou Juazeiro do Norte. Ela não se lembra o ano em que viajou para lá, mas fez sua romaria na cidade, que tem como personalidade o Padre Cícero. Ela conta:

E a senhora tinha ouvido falar em Padre Cícero ou só quando chegou aqui?

— Já, eu já fui no Juazeiro, Juazeiro do Norte. Passei três dias no Juazeiro, fui com meu padrinho Raimundo Almeida e o Irmão dele. Ficamos três dias lá, lá é bom de mais. (Maria Mendes, entrevista, 27 de outubro de 2023).

Pergunto sobre as romarias, as penitências e o envolvimento dos grupos romeiros. Dona Maria diz que, hoje, ninguém quer fazer as penitências e que, antes, juntavam-se vários para rezar a noite toda. Vinha o grupo da Dona Juscelina de Muricilândia. Ela responde:

Aí vem o pessoal de Muricilândia, lá da Dona Juscelina?
— Vem, vinha, de primeiro vinha pras penitências o Murici todin, mas agora ninguém num faz mais penitência. Todos os anos era penitência, e a comadre Lucelina vinha com três dias antes, ficava ali debaixo daquele pé de manga, ficava arranchada ali. (Maria Mendes, entrevista, 27 de outubro de 2023).

Dona Maria, todas as vezes que dizíamos “até logo” — para ela, nunca se pode dizer “adeus” — encerrava nossa conversa cantando o Bendito de Nossa Senhora da Luz. Para ela, que o aprendeu ainda jovem, quando chegou ao morro, esse bendito é imponente. Ela sempre diz que não se lembra mais da letra completamente, e, mesmo assim, insiste em tentar e canta:

Bendito, louvado seja
Nossa Senhora da Luz,
Que é a Mãe de Jesus Cristo,
Que eleva todos com luz. (2x)
Nossa Senhora da Luz,
Dai-nos vosso amoroso trono,
Rodeada de pura luz,
Chorando pelos pecadores. (2x)
Tanto que anda no mundo,
Com seu rosário na mão,
Pra ver se tira seu povo
Da estrada da perdição. (2x)
A estrada da perdição
É uma estrada sem vida;
Toma o rumo contrário
Ao Reino do Paraíso. (2x)
Jesus Cristo avisou,
Está mandando avisar,
Que no dia do Julgamento,
Todos possam se salvar. (2x)
Uns não querem acreditar,
Outros não dão atenção;
Ficarão presos nas trevas,
Na mais triste escuridão. (2x)
Todos que acreditarem,
Com humildade e união,

Seguirão com Jesus Cristo
Para o Reino da Salvação. (2x)
O Pai eterno é de todos,
Mas o Salvador é Jesus;
São Manoel da Paciência,
Filho da divina luz. (2x)
Oferecemos este bendito
Ao Senhor daquela cruz,
E à Mãe de Deus das Candeias,
Nossa Senhora da Luz. (2x)

O deslocamento de Dona Antônia, juntamente com o primeiro grupo, será aqui classificado como um deslocamento ritual (Sorre, 1955). Existiu, no entanto, uma migração de trabalho o que viria a ser a constituição de comunidades que cultivam a terra. Os demais grupos têm, em suas trajetórias, uma migração de trabalho, em busca da terra, muito mais exposta; porém, ao se juntar ao grupo de romeiros, fortificam seus deslocamentos para ritos e a fortificação com geossímbolos, que marcam a cultura espacializada.

É observável nos pesquisadores José de Souza Martins (1997; 1989), Regina Sader (1986), Judith Lisansky (1990) e Maria Antonieta Vieira (2001) que o movimento se dá em prol da devoção e necessidade de acesso à terra. É a devoção que dará a terra. A narrativa é que, sem devoção para chegar, não há terra para cultivar. Trata-se de um movimento em busca do território, que só se alcança com a devoção e a aceitabilidade da narrativa das Bandeiras Verdes. A vontade era por terra onde houvesse água, chuva. Assim, a possibilidade disso, na narrativa do Padre Cícero, foi um vislumbrar a ser alcançado.

Padre Cícero explicou ao povo que precisávamos ir para as florestas, para os lugares com montanhas que captam a chuva. Padre Cícero explicou tudo. Ele disse que, a partir de 1970, haveria bons tempos para todos nas regiões que tinham água. Então, os nordestinos vieram para cá. Nossa terra lá, ainda está lá, mas estava toda seca. Todos os nossos animais morreram, e não havia mais nada para comer. Os mais velhos disseram que deveríamos ir para as florestas do Mato Grosso, e assim partiram e vagaram, andaram por meses e meses,

viajando, todas aquelas milhares de pessoas famintas¹⁹
(Lisansky, 1990, p. 3-4).

A fala do entrevistado por Judith Lisansky mostra como as necessidades do Nordeste brasileiro são motivadoras de um movimento de uma parte do país. As pessoas, quase sempre negras e de origem popular, são espacializadas; e o movimento também é espacializado. A explicação de um movimento através da geografia, pautado na miticidade, envolve essa forte espacialidade, que está no cerne da narrativa das Bandeiras Verdes.

A tese de que é a devoção, apesar do desejo de terra que gera a mobilidade, é pensada no sentido de que, se não fosse o acreditar da população romeira nordestina em Padre Cícero, não haveria deslocamento em busca desse lugar. Padre Cícero era um homem conhecido em todo o Nordeste. Sua preocupação com o sofrimento dos sertanejos nordestinos em meio às secas [1877, 1915, 1932] o tornaram referência, tanto para aqueles que visitaram Juazeiro para solicitar bênçãos ou pagar promessas, quanto para aqueles que nunca o viram.

Para José de Souza Martins (1989), a terra era a base dos movimentos que aconteciam em paralelo. Do nordeste em direção ao oeste, os “seguidores da bandeira verde” buscavam atravessar o grande rio em busca de terras para livrar-se da seca, da terra cativa e da “catástrofe de um juízo final”, que se apresentava como o ponto principal do movimento milenarista. A reflexão acerca do conflito entre os camponeses que chegaram a essas terras e os grileiros latifundiários que as compraram é o que marca os estudos de Martins:

[...] enquanto migrantes nordestinos pobres, praticantes da agricultura itinerante de roça, se deslocavam em direção ao Oeste em busca das chamadas *terras livres*, médios e grandes compradores de terra, residentes no Sul e no Sudeste, compravam títulos de propriedade,

¹⁹ No original: *Padre Cicero explained to the people that we needed to go to the forests, to the places with mountains that catch the rain. Padre Cicero explained everything. He said that from 1970 onward there would be good times for everyone in the regions that had water. So, the northeasterners came here. Our land over there, it's still there but it was all dried up. All our animals died, and there was nothing left to eat. The older people said we should go to the forests of Mato Grosso, and so they left and wandered and walked for months and months, traveling, all those thousands of hungry people.*"

muitas vezes sem qualquer valor legal (Martins, 1989, p. 75 – grifo do autor).

Para Regina Sader (1986), esse sentimento de busca pela terra, ou como ela chama de luta camponesa, tem início em seus locais de origem. Essa origem e suas trajetórias são de grande importância nas formas como a terra é adquirida, e, sem dúvidas, a base cultural teve repercussão na qualificação espacial do Bico do Papagaio. Na pesquisa de Sader, a narrativa indica a seca como motivo para migrar. No entanto, seus entrevistados, ao longo do texto, vão exibindo a “vontade da terra sem dono”, terra livre, terra solta, fugida da “terra de sujeição”. Neste cenário, está implícita, até mesmo por seus interlocutores, a transmigração nas Bandeiras Verdes.

Além do espaço percebido em dimensões da luta camponesa no campo, Sader (1986), percebeu também a dimensão mística, para ela é a partir dali, que o processo migratório se reveste de um componente religioso, a busca das Bandeiras Verdes.

A professora Amélia Damiani, ao citar Max. Sorre é incisiva ao dizer que esse “[...] impulso migratório raramente é um fato simples; resume-se num acúmulo de necessidades, desejos, sofrimentos e esperanças” (Damiani, 1992, p. 63).

No item a seguir, abordarei os aspectos do último trecho da viagem do grupo de Dona Antônia, o momento em que chegam ao distrito de Araguaína e entram na mata em busca do morro e do cruzeiro. Apresentarei os aspectos dessa parte do deslocamento do grupo como uma comunidade em formação, além de descrever como se deu o deslocamento nesse “adentrar a mata”, de forma espacializada.

3.2 Adentrar as matas e fixar moradia nas Bandeiras Verdes

O ato de adentrar a mata é mais do que apenas seguir viagem. Foi uma experiência espacial mística, distinta na narrativa das Bandeiras Verdes. Como

seria possível entrar em um lugar desconhecido, seguindo apenas as orientações de uma “velha” que vira um padre falecido?

Dividi a viagem do grupo neste texto em duas espacialidades e temporalidades. A primeira, de Filadélfia até Araguaína, local aberto, habitado, com estrada de chão na imensidão da área de chapada, onde havia movimentação de ida e volta, a pé, de animal ou dos poucos caminhões da época — uma longa viagem. Todas as tentativas de impedimento por parte do poder policial, político e da igreja se concentram nesse primeiro percurso. Depois, ao adentrar a mata, o grupo se depara com a necessidade de abrir caminho e encontrar o morro, como discorrerei aqui.

Retorno aos pensamentos sobre as Bandeiras Verdes utilizados anteriormente. Em Sader (1986), onde para ela, o movimento das Bandeiras Verdes rege um deslocamento revestido pela religiosidade, o que eu interpreto como devoção; em Martins (1997), as Bandeiras Verdes são vistas como migrações espontâneas de cunho milenarista, sendo a busca pelas Bandeiras Verdes uma procura por um lugar de refrigério, água e terras livres, o que contrasta com o nordeste semiárido e latifundiário; para Vieira (2001), a sua noção de Bandeiras Verdes é central nesta tese, pois combina dois elementos: ocupação territorial e aspecto religioso; para Höffler (2004), as Bandeiras Verdes estão na interconexão de diversas expedições, como as enviadas para a Amazônia em busca do Eldorado, ou as bandeiras de mutirões para roças, estradas e açudes no nordeste brasileiro, muito incentivado pelos padres Ibiapina e Cícero, além das bandeiras de santo nas festividades populares; por fim, Lisansky (1990), em seus estudos sobre a vida na fronteira amazônica, no norte do estado de Mato Grosso, onde ouviu de um senhor, prostrado em uma rede devido à malária, que a única coisa que ela precisava saber sobre aquele lugar era que ele começou com as Bandeiras Verdes e a vinda de diversos nordestinos em busca de terras.

A partir dessas diferentes interpretações sobre as Bandeiras Verdes — que vai da devoção religiosa às estratégias de ocupação territorial —, é possível compreender como esse imaginário coletivo influenciou diretamente a vivência de grupos migrantes. No caso específico aqui analisado, observa-se

que tais concepções não apenas moldaram a forma como esses grupos viam a terra e seus deslocamentos, mas também orientaram suas práticas concretas, como se vê na experiência do grupo liderado pela beata Dona Antonia.

Após todas as dificuldades listadas anteriormente, o grupo levanta acampamento em direção à mata, saindo de Araguaína em nove de maio de 1952 e começa a abrir picada. O sistema funcionava da seguinte forma: ao encontrar um bom lugar para instalação do rancho, próximo de cursos d'água, o grupo fixava-se temporariamente, a beata Dona Antonia dava as ordens de quando e por onde os homens deveriam abrir a picada, e eles partiam, faziam certo pedaço, retornavam ao rancho. Ao abrir picada até um novo lugar ideal para o rancho, levavam-no à frente, e assim seguiam, sempre tendo orientações da beata por onde passar.

Nós viajava uma semana, duas semanas, achava um olho d'água, porque naquela época não corria tanta água como hoje não, as grotas estavam todas secas, só tinha água no inverno. Ai quando nós achava um olho d'água alimpava e fazia o acampamento, ficava um bocado do pessoal nesse lugar e os outros seguia, era nove que ia na picada, até quando encontremo o morro ai. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

Na conversa, Seu Raimundo explica que a chegada do primeiro grupo não aconteceu exatamente no dia 27. Ele não se recorda do dia, mas explica que o dia que subiram e Dona Antonia encontrou o lugar da cruz cravada em pedra foi no dia 27 de julho de 1952, onde hoje se comemora o dia do romeiro na cidade de Aragominas. Ele diz como foi esse dia:

[...] ai nós veio. Quando nós chegou, nós disse: — Dona Antônia, nós achou dois morro e é uns morro bonito, a gente fica em cima dele lá e olha e tá tudo tão verde que chega tá azulado o mundo, mas nós não viu o cruzeiro lá não. Ai ela: — não, mas está lá, e os morro é esses mesmo que vocês viram. Agora vão no Lontra [Araguaína], aquele que puder vai lá, comprar, aquele que puder comprar uma roupa branca, porque pelo meu gosto todo mundo ia vestido de branco; e comprar foguetes. Aí foram, compraram... Nesse tempo ai de pé na picadinha, passava cinco, seis dias pra ir lá, a estrada descia por aqui, passava pelo caracol, descia passava pela cachoeira do véu das noiva, descia, atravessa o ponte, era longe de mais.

Aí o pessoal foram comprar roupa, comprar foguete, comprar papel para fazer bandeira, aquele pessoal tudo com uma velinha branca e uma bandeirinha pra subir o morro. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

Mais uma vez a narrativa destaca a espacialidade dos romeiros, as temporalidades, tanto de chegada, como de viagem na mata, “passava cinco, seis dias [...] pela picadinha”, e a devoção, de encarar o possível perigo, mas protegidos pela narrativa do lugar prometido pelo padre Cícero. A reforçada busca pela terra, terra livre que se diferenciava do Brasil latifundiário a leste.

Quando nós subiu lá, que a velinha subiu, nós subiu lá no dia 27 de julho; 57 pessoas que subiu o morro a primeira vez. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

Seu Raimundo retoma novamente a espacialidade do deslocamento, o que me interessa bastante. Ao analisar as imagens de satélite, pude observar alguns desses lugares e confirmar as estações que ele menciona na narrativa, como mostra o mapa 6 a seguir, além de, quando possível, visitei alguns desses locais em campo.

Nós passamos no [rio] ponte[s], córrego três pata [Ribeirão Gurguéia], cachoeira do véu das noivas, na pedra santa, passamos perto da [fazenda] caracol, mas não tinha nada não, do lontra até no Araguaia não tinha um morador, não tinha uma picada, não tinha nada.

Tinha os indígenas lá na beira do Araguaia?

— É, mas nós não demo fé desses índios não, só depois que eles apareceram. Mas ele já habitava, sabe por que, lá na minha chácara, quando nós pegamos trabalhar, nós achava pedaço de pote sabe, boca de botija, tava capinando quando via achava pedaço de pote desse tamanho e maior, ai papai falava, isso é índio que morou por aqui e deixou isso aí, aqui acolá você achava pedaço de pote. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

Como colocado no início do capítulo, a presença dos indígenas Karajá Xambioá na região era uma certeza, uma vez que esse povo vive às margens do Araguaia há muitos anos. A narrativa do povo Iny é de que são originários das águas do Berohoky, conhecido pelos não indígenas como rio Araguaia (Costa, 2014). Seu Raimundo relembra a narrativa inicial; para ele, o que justifica o início da viagem em romaria:

Lá em Filadélfia, o padre dizia pra ela, — oh minha filha vocês vão lá pras Bandeiras Verdes, na mata do rio, lá no morro dos santos cruzeiros e vocês vão habitar lá. E nós viemos e nunca aconteceu nada, nunca nem uma cobra picou ninguém. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

Ele foca no cruzeiro, como foi encontrado, como era, até em sua morfologia, o que explica a simbologia representada pelos romeiros hoje, e também uma forte simbologia utilizada na região do Cariri cearense, terra de Padre Cícero. Seu Raimundo conta que a cruz encontrada era pequena, provavelmente feita de cedro, e em suas pontas dispunha de três cravos amarelos, o que representavam os chanfros.

Essas características remetem à noção de que, na pesquisa, identifiquei tais particularidades como representações geossimbólicas, conforme apontado pelo geógrafo Joël Bonnemaïson (2002). Trata-se de referências cruzadas entre o Nordeste, no Cariri cearense, e o Norte do Tocantins, que estabelecem uma ligação cultural baseada na devoção a Padre Cícero, a qual foi transmigrada para este novo território.

Os chanfros nas pontas das cruzeiras e a presença do Sagrado Coração de Jesus no cruzeiro ocorrem de forma semelhante em ambas às regiões. No caso do Ceará, por exemplo, essa simbologia estava representada no estandarte do grupo de penitentes do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto (Figura 15); no Tocantins o Sagrado Coração de Jesus está gravado em relevo no cruzeiro do Morro (Figura 14).

Mapa 6 - Caminhos dos romeiros e romeiras para o morro

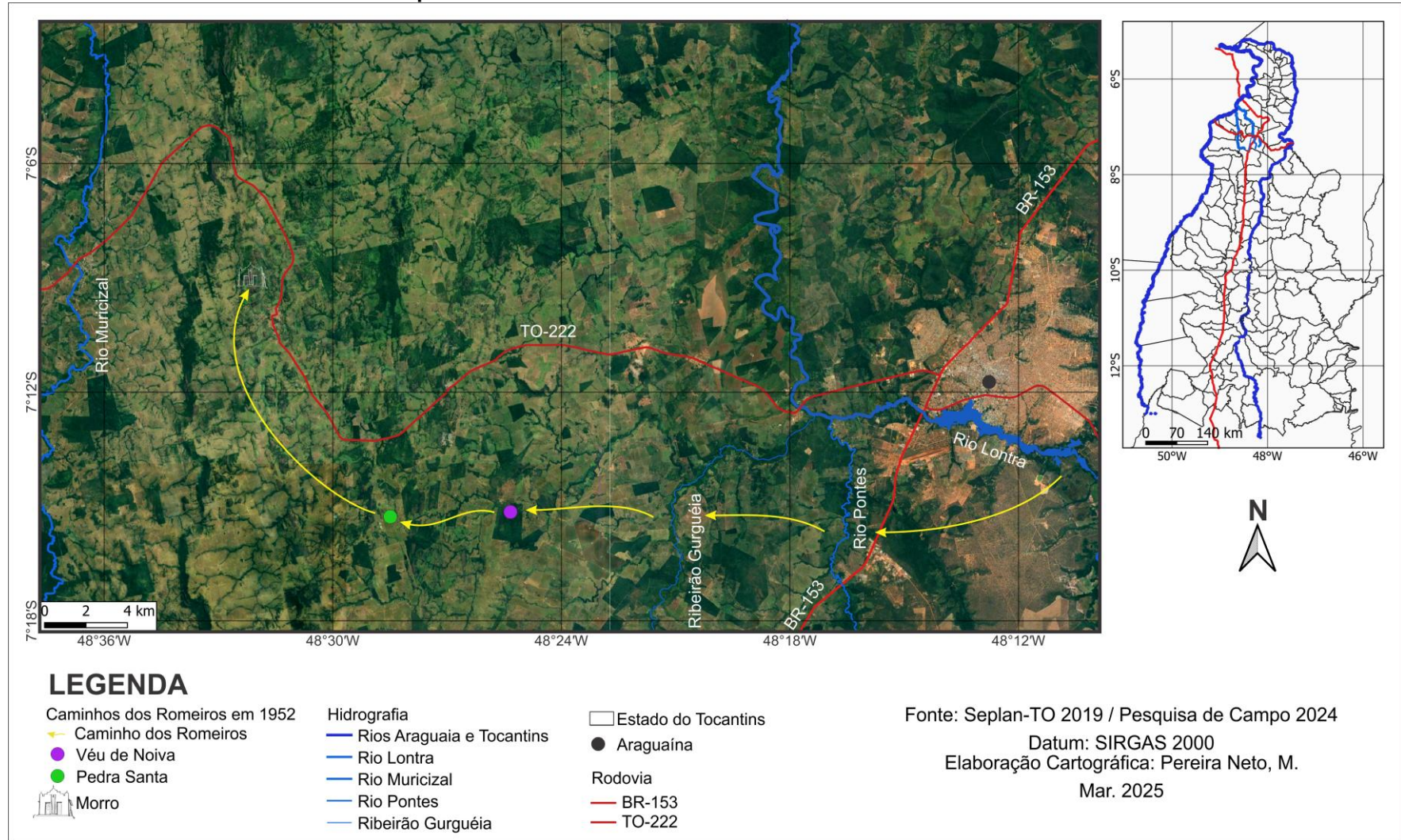
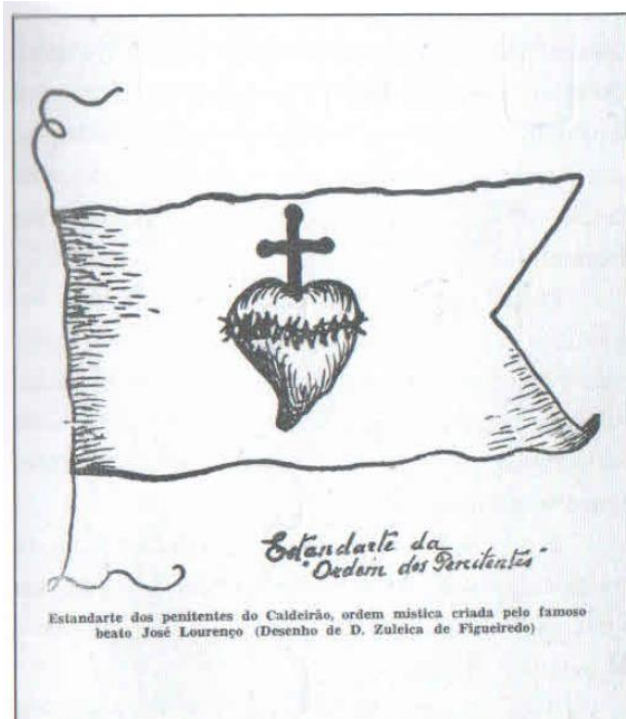


Figura 14 - Cruzeiro no alto do morro em Aragominas-TO



Fonte: o autor. 10 de outubro de 2022.

Figura 15 - Estandarte dos Penitentes do Caldeirão da Santa cruz do Deserto, Crato-CE



FONTE: Desenho de Zuleica de Figueiredo, Figueiredo Filho, J. 1960.

O povo fazia muita devoção, vinha gente de tudo quanto é lugar pra ver a cruz, mas ai ela sumiu, parece que foi uns padres que carregou ela. Subiu uns padres lá e desapareceu a cruz. Lá tem outra, mas não é a que tinha lá não. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

Após conversarmos sobre a cruz, Seu Raimundo Benício fala um pouco do povoamento inicial no Pé do Morro: Como foi o primeiro agrupamento de casas e sua localização, nas proximidades do que hoje é sua chácara, como mostra as indicações no mapa 7 conforme narrado e mostrado pelo Seu Raimundo Benício. Os aglomerados de árvores frutíferas indicam antigos quintais.

Quando nós arranchou aqui, ali adiante da onde eu moro, ali fez um povoadozinho, tinha pra mais de 60 casas. Ai depois o povo foram indo colocando roça em outros lugar. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024).

As setas indicam antigos quintais, como mostrado in loco por Seu Raimundo Benício. Essas árvores, quase todas frutíferas, eram fundamentais tanto para a sombra quanto para a alimentação. Entre elas, destacam-se, principalmente, as mangueiras, as laranjeiras e os limoeiros. Muitas foram substituídas por pasto. Contudo, foi possível verificar em campo que, ao longo do percurso da cidade até a entrada do morro, que fica a aproximadamente três quilômetros, ainda é possível encontrar essas árvores. A Figura 16, também mostra as rugosidades do lugar, os restos de uma possível casa, hoje quase não perceptível por ter uma árvore que nasceu no seu meio.

Mapa 7 - Imagem de satélite do primeiro agrupamento às margens do morro



Figura 16 - Ruínas de construção nas proximidades do morro



Fonte: o autor. Aragominas, 10 de fevereiro de 2024.

No tocante à devoção posterior à chegada de Seu Raimundo Benício, assim como em relação à capela de São Sebastião no alto do morro, ele conta que, antes, a capela era pequenina e feita de palha. No entanto, muitos devotos a visitavam, o que levou o grupo a decidir construir a capela que existe hoje, de alvenaria, maior, além da colocação do cruzeiro. Tudo isso aconteceu após o evento da chegada.

Seu Raimundo também compartilhou uma narrativa sobre os bois do "Padrinho". Dona Antônia teria deixado um aviso de que, ao colocar a roça, esses animais bovinos iriam aparecer, e que deveriam ser tratados, podendo consumir o leite, mas não podendo ser sacrificados para o consumo de carne. A narrativa é longa, mas necessária, e a trago na íntegra:

Ela falou assim: — olha e quando nós chegar lá que botar a roça que queimar o gado de meu padrim vem visitar [...]. Quando eles chegar e pegar a andar nos terreiros, aquele que puder, bota um sal pra eles num pilão, num cochinho, faz um curralinho pra tirar leite para as crianças, pros velinhos pras pessoas doentes, mas num pode é matar, quando for o tempo de se alimentar da carne do gado meu padrim avisa.

Só que nos vinha e num acreditava que tinha gado dentro duma mata dessa. Uma matona, só rastro de Anta pra todo canto. Ai nos fizemos as roças lá bem pertim do morro. Quando é um dia o finado João Paulo chega lá na roça de manhã bosta de gado pra todo lado, cama de gado, ai ele disse: — Vixe rapaz, tem que cercar essas roças, se não cercar não colhe, olha o tanto de gado que dormiu aqui. Ai foram falar pra ela: — Madrinha Antônia, nós tem que cercar as roças, porque se a senhora ver o tanto de gado que dormiu dentro das roças. Aí ela disse pra ele assim: — Não meu filho, aqueles gado não mexe com nada não, é o gado do meu padrim, num carece botar um pau pra cercar não. pode deixar eles num mexe em nada, vocês pode é fazer um curralinho e botar sal e tirar leite pros meninos de vocês.

Ai ficou, e esse gado foi aumentando, e era gado, e eles andava dentro das roças, arroz desse tamanho assim, milho com pendão já e eles andava dentro das roças e num pisava num, não quebrava um pé de milho, deitava só nos aceiros, vinha gente da Araguaína, vinha gente da Imperatriz, tudo pra ver isso aí, o povo tirava até foto, ficava tudo admirado, mas era difícil ver o gado, via mais o rastro. (Raimundo Benício, entrevista, 14 de fevereiro de 2024)²⁰.

A narrativa, mais uma vez mostra a credibilidade de Dona Antônia com o seu grupo nas profecias ditas do padre Cícero e nas confirmações pelos romeiros de ter encontrado seu lugar, o lugar das Bandeiras Verdes, onde na narrativa espacial, nunca lhes fora negada nenhuma promessa, firmando cada vez mais a devoção.

Outro interlocutor com quem conversei foi o senhor Manoel Pereira Borges, que aqui será chamado pelo nome pelo qual é conhecido: “Seu Dos Santos”. Conheci Seu Dos Santos ainda em 2016, na primeira vez em que visitei o Quilombo Dona Juscelina, em Muricilândia, sendo ele um dos griôs dessa comunidade, Desde então, tive diversas oportunidades de ouvi-lo, seja em eventos da comunidade ou pessoalmente, juntamente com seu filho, o professor Manoel Filho, atual presidente da Associação Quilombola.

²⁰ No Cariri cearense, houve um episódio envolvendo um boi que teria sido dado de presente ao Padre Cícero. Ele o levou para o Sítio Baixa Dantas e encarregou o beato José Lourenço de cuidar do animal. Por respeito à figura do Padre Cícero, o boi passou a receber um tratamento especial por parte da população local – com cuidados e até enfeites nos chifres. Isso deu origem a um boato de que o beato e seus companheiros adoravam o boi como um santo e até bebiam sua urina como forma de intercessão milagrosa. Diante das acusações de fanatismo, o então prefeito de Juazeiro, Dr. Floro Bartolomeu, ordenou a prisão do beato José Lourenço por quinze dias e vendeu o boi a alguém que se comprometeu a abatê-lo para o consumo. (Francisco Regis Lopes Ramos, 1991).

Seu Dos Santos, nascido em Loreto no Maranhão em 1942, 83 anos de idade; filho de piauienses chegou a Araguaína com a família em 1950, quando a cidade ainda era um povoado pertencente do município de Filadélfia. Ele relatou sobre a devoção do pai ao padre Cícero, que ainda antes de se mudar para o então norte de Goiás, hoje Tocantins, foi até Juazeiro do Norte, antes do falecimento do Padre Cícero²¹.

Seu Dos Santos faz o relato da viagem de Dona Antônia, como aprendera ainda muito jovem, de forma muito próxima à contada por Seu Raimundo Benício. Desde sua saída de Filadélfia até o encontro com os dois morros e a cruz no topo de um deles. Ele destaca a diferença na paisagem, tendo Araguaína como divisor.

De Filadélfia até Araguaína, era aquele chapadão; de Araguaína para cá, era só mata (Manoel Pereira Borges, entrevista, 09 de fevereiro de 2024).

Seu Dos Santos traz um fato diferenciado. Nas paragens da viagem de abertura da picada, a cada novo rancho que era colocado, fazia-se o altar para os santos, especialmente para a devoção a Padre Cícero. Outra orientação era sobre o sentido da picada, dada pelo padre à beata, que dirigia os homens que abriam a picada.

[...] Padre Cícero orientava ela. Quando eles [os homens] chegavam à tarde, quando era no outro dia ela dizia, — Olha, vocês têm que entrar mais à direita ou à esquerda. E eles seguiam o que ela mandava, é tanto que a picada saiu toda cheia de volta (Manoel Pereira Borges, entrevista, 09 de fevereiro de 2024).

Outra informação que surge na conversa é que, toda às noites era rezado o terço em devoção a Padre Cícero. Seu Dos Santos também me diz que todas as pessoas que vieram e se fixaram eram romeiros devotos.

²¹ Seu Dos Santos não soube informar em qual ano seu pai visitou Juazeiro, o que se pode interpretar é, que isso ocorreu antes de 1934, ano do falecimento do sacerdote cearense.

Também contou sobre o encontrar da cruz em cima do morro. Visto pessoalmente pelo senhor João Paulino, o primeiro sitiante²² de Muricilândia:

João Paulino era rapaz. Subiu nesse tempo também. Era ela na frente e o povo atrás. Ela ia com um pano branco na cabeça. [...] lá em cima do morro foram direito para o pé de Jatobá [a árvore se encontra lá até hoje, de forma bem destacada e imponente] No pé de jatobá ela deu a direção, andaram pouca coisa ela se abaixou e tirou da fresta da rocha a cruz, pequena de uns 20 centímetros, encontrava-se preta pela desgasta do intemperismo na madeira. Ela deu a ordem de fazer amparo para cobrir a cruz, e o fizeram com lajes. (Manoel Pereira Borges, entrevista, 09 de fevereiro de 2024).

Seu Dos Santos fala sobre dificuldades no primeiro ano, tanto nos arredores do morro, como no aglomerado nas margens do rio Muricizal. A necessidade de buscar suprimentos em Araguaína, como farinha, sal e óleo. Viviam também da caça. Até a primeira roça, no segundo ano, a dificuldade foi intensa. Com as roças produzindo as dificuldades foram cessando. O escoamento da produção excedente também é ponto importante, eram três dias de viagem até Araguaína. Assim se inicia a exploração do rio Muricizal, levando as cargas até Xambioá no rio Araguaia.

Na narrativa da migração/mobilidade que marca a formação do lugar, Seu Dos Santos relembra o fato de que seu pai visitou Juazeiro do Norte antes do falecimento do Padre Cícero. Afirma que seu pai contava que os romeiros, lá no Ceará, diziam que a instrução do Padre Cícero, perante as secas, era que o sertanejo que fosse capaz deveria ir para as matas das Bandeiras Verdes.

A cultura local, Seu Dos Santos relata sobre as rezas da romaria, que eram muitas, importantes e estavam em primeiro lugar. Mas também as brincadeiras de roda, o lindô, o forró e outros.

²² Para a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, o sitiante é aquele que trabalha direta e pessoalmente com a terra, com o auxílio dos familiares. Esse termo exprime o trabalho do homem sobre a terra, evidenciando uma economia doméstica e um trabalho independente, com o uso de técnicas rudimentares. Os sítiantes também têm como características a mobilidade espacial — presente desde os tempos coloniais —, a pobreza e um modo de vida que facilitava o deslocamento, permitindo que carregassem consigo suas técnicas e sua cultura (Queiroz, 1973).

Em seu teclado, Seu dos Santos cantou, com sua voz e sua música, a trajetória da Beata Antonia. Mais que uma narrativa, é arte: cantada, tocada e falada.

Meu Padrim Cícero dizia:
“A seca mata e faz medo,
por isso, às vezes, eu digo:
se mudem enquanto é cedo,
atravessem os rios grandes,
procurem as Bandeiras Verdes.”

Antonia Barros de Sousa,
no começo da história,
vidente do Padre Cícero,
reuniu o povo e disse:
“Preparem-se, é agora
que nós vamos partir.
Iremos descobrir
o Morro Santo e a Cruz da Vitória.”

Tempo bom foi o que passou. (2x)
Aqui era mata fria,
no tempo da romaria
que Padre Cícero deixou. (2x)

Seguiram mata adentro,
usando foice e facão.
Pro lado do pôr do sol,
essa era a direção.
E, quando amanhecia o dia,
Antonia Barros dizia
se iam no rumo certo ou não. (2x)

Tempo bom foi o que passou. (2x)
Aqui era mata fria,
no tempo da romaria
que Padre Cícero deixou. (2x)

Lá se foram muitos dias,
e ninguém desanimava.
Desciam morro e subiam,
muitos riachos passavam.
Até que, um belo dia,
todos, com muita alegria,
no pé do morro chegaram. (2x)

Toda noite tinha a reza do terço. (2x)
Sábado e domingo
rezava a noite inteira,

e às vezes adentrava
a segunda-feira. (2x)

Dia de sábado não se trabalhava. (2x)
Domingo também não,
segunda se rezava —
sem falar nos dias santos
ou quando a chuva não deixava.
E todos tinham fartura,
porque Deus abençoava. (2x)

Antonia Barros de Sousa,
no começo da história. (2x)
Enquanto tu vais agindo,
a história vai surgindo,
gravada em nossa memória. (2x)

(Música de Manoel Pereira Borges, tocada a teclado e cantada em 09 de fevereiro de 2024)

O deslocamento que o grupo realizou na mata retoma a devoção e também as questões fundiárias. As trajetórias e o repertório de lugares deste grupo em pesquisa não se diferem muito daquelas de milhares de camponeses que se veem obrigados a abandonar seus locais de origem e partir em busca de terras onde possam morar e cultivar livremente. A saída dos locais de origem pode ser entendida como uma tentativa de não se dobrar aos mecanismos de coerção dos latifúndios, que prevaleceram nas regiões de colonização mais antigas do Nordeste.

Findada a tematização da viagem, no próximo capítulo trarei sobre a formação das comunidades e cidades, como esse processo se deu inicialmente e como se encontra com cidades, vilas e comunidades quilombolas reconhecidas.

“Foi transportado para América um tipo de vida... que era africana. É a transmigração de uma cultura e de uma atitude no mundo... de um continente para outro, de África para América.”

Beatriz Nascimento

Filme Orí, 1989

4. FORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E ESPACIAL DO ANTIGO NORTE DE GOIÁS (TOCANTINS)

A formação espacial da porção norte do Tocantins em estudo ocorre inicialmente por meio de povos indígenas e depois, retirantes camponeses, populações ribeirinhas, e núcleos urbanos formados às margens dos grandes rios, geralmente se agrupando em torno das igrejas locais.

As cidades e vilas no antigo extremo Norte Goiano eram tão espalhadas que a região foi considerada um grande vazio. Mesmo com os povos indígenas — Karajá, Xambioá, Krahô, Apinajé — que viviam e vivem no território.

O que se segue é uma sucinta apresentação do norte goiano, de meados do século XVIII até 1950, com foco nas áreas de pesquisa. O recorte temporal é determinado pela mobilidade do grupo que chega ao morro. A compreensão do povoamento e dos aglomerados dessa região norte do estado é essencial para entender as mudanças decorrentes das mobilidades relacionadas à devoção.

4.1 O antigo norte de Goiás até 1950

As espacialidades no extremo norte tocantinense — antigo norte goiano até 1988 — serão distribuídas às margens dos dois grandes rios, Araguaia e Tocantins, ou nos locais de extração de ouro. Os primeiros agrupamentos coloniais, os arraiais, datam do século XVIII nessa porção do território. Esses arraiais localizavam-se, quase exclusivamente, no sudeste da então província e se concentrava na extração de minérios, principalmente o ouro.

Anteriormente, a ocupação da área pelos povos indígenas ocorria por meio dos grupos do tronco linguístico Macro-Jê, situados na confluência dos rios Tocantins e Araguaia. O historiador Marcelo Fagundes (2022), ao estudar a história e o território Apinajé em uma perspectiva de longa duração, buscou compreender a dinâmica do processo de ocupação dos Jê setentrionais no interflúvio dos rios Araguaia e Tocantins, bem como suas mobilidades ao longo da bacia desses rios. Os falantes da língua Jê e sua cultura material — como a cerâmica Aratu — são analisados pelo autor como uma forma de compreender a história indígena em uma perspectiva de longa duração.

À medida que se intensificavam o avanço dos colonizadores e a propagação das epidemias, o povo Apinajé foi gradualmente deslocando-se das margens do rio Araguaia, concentrando-se em territórios situados nas proximidades do rio Tocantins. Por sua vez, o povo Karajá manteve-se estabelecido nas margens do rio Araguaia, um pouco mais a montante. Esses povos são anteriores às vilas, às comunidades, à chegada da Igreja e dos romeiros em busca de terras. As vilas, cidades e arraiais, em muitas ocasiões, constituíram-se sobre os territórios tradicionalmente ocupados por esses povos.

O Arraial de São Luiz surgiu em 1734, durante a expansão da mineração, e, mais tarde, tornou-se a cidade de Natividade. No início do século XIX, Dom João VI dividiu a Capitania de Goyaz em duas comarcas: a Comarca do Sul, com sede em Vila Boa, e a Comarca do Norte, ou Comarca de São João de Duas Barras, que abrangia os arraiais de São Luiz (atual Natividade), Porto Real (atual Porto Nacional), Conceição (atual Conceição do Tocantins), Arraias, São Félix, Cavalcante, Flores e Traíras. Determinou ainda o referido príncipe que a nova comarca seria dirigida pelo ouvidor Joaquim Teotônio Segurado²³ (Brito, 2016).

Teotônio Segurado viveu em Natividade, que foi a capital provisória da Comarca do Norte enquanto se aguardavam as ordens do príncipe para a criação da vila definitiva, que inicialmente se cogitava estabelecer na junção dos rios Tocantins e Araguaia, região conhecida como Bico do Papagaio, no extremo norte do território (Brito, 2016).

A ideia não se concretizou e, em 1815, a sede foi instalada na Vila de São João da Palma, atual Paranã. Com o auxílio de Dom João VI, Teotônio Segurado conseguiu criar um estatuto de capitania para a comarca e dar continuidade ao sonho de torná-la independente. No entanto, com a curta regência de Dom João VI e a proclamação da independência do Brasil, esse sonho foi frustrado (Brito, 2016).

²³ Nascido em Moura, Portugal, no ano de 1775, iniciou sua vida pública em São João del Rei, Minas Gerais. Foi ouvidor da Capitania de Goiás em 1804. Em 1806, foi nomeado desembargador da comarca de Goiás. Foi advogado, escritor, ouvidor, comendador, corregedor, desembargador, deputado e governador.

Com ausência de tecnologia para mineração, ficou impossibilitado a exploração de minerais preciosos e essas vilas e arraiais ficaram com atividades relacionadas ao campo, como criação de gado e de pequenas produções agrícolas por muito tempo. As vilas localizadas às margens dos rios navegáveis tiveram condições de continuar crescendo, como Porto Real (atual Porto Nacional), Filadélfia, Tocantinópolis e Araguatins.

No norte do estado, três localidades assumem importância neste momento da tese. Primeiramente, Boa Vista (atual Tocantinópolis), cujo desenvolvimento teve como ponto de partida a migração de duas famílias oriundas da cidade de Pastos Bons, no estado do Maranhão. Fixaram-se na margem esquerda do rio Tocantins, em uma região considerada de terras férteis e abundantes em madeira para construção. Tocantinópolis logo passou a atrair um crescente contingente populacional.

Espalhada a notícia da fertilidade desse lugar, para ali foram quase todos os habitantes de Carolina (Povoação fundada pelo bandeirante Antônio Moreira, localizada a uns 18 quilômetros abaixo de Boa Vista), tendo à frente D. Polônia, com toda a sua família, onde cada um construiu sua própria casa, em disposição de rua (IBGE, 1958²⁴, p. 422).

Ocorreram também à chegada de religiosos, inicialmente com o intuito de evangelizar o povo Apinajé, habitantes região da cidade, onde a mesma foi construída sobre território Apinajé. Percebendo uma oportunidade, os missionários decidem instalar uma capela no local. É nesse contexto que, em 1897, chega o padre João Lima, figura política/religiosa marcante na historiografia do município, não apenas por sua atuação como vigário, mas por tornar-se líder político local (IBGE, 1958).

Tocantinópolis é relevante no contexto desta tese, pois é a partir dessa cidade que se originam as missões dos padres orionitas e as determinações eclesiais da Prelazia de Tocantinópolis, as quais influenciaram, de certo

²⁴ Coletânea da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, produzido pelo IBGE entre 1957 e 1964, tendo sido organizada pelo então presidente do instituto, Jurandyr Pires Ferreira, conta com 36 volumes, das grandes regiões e dos estados, com o mapeamento de cada município de seus dados censitários e históricos.

modo, o movimento do grupo liderado pela beata Antônia em direção às Bandeiras Verdes.

Mais acima do rio, também na margem esquerda, por volta do ano de 1885, várias famílias passaram a residir às margens do rio Tocantins, embora sem a intenção de formar uma vila. A partir de 1919, com o funcionamento do Posto Fiscal de Arrecadação Municipal e Estadual, estabeleceu-se o chamado Porto dos Paulas. Esse posto de fiscalização teve grande importância, pois era por meio dele que todos os produtos escoados do então estado de Goiás passavam antes de seguir em direção ao estado do Maranhão (IBGE, 1958).

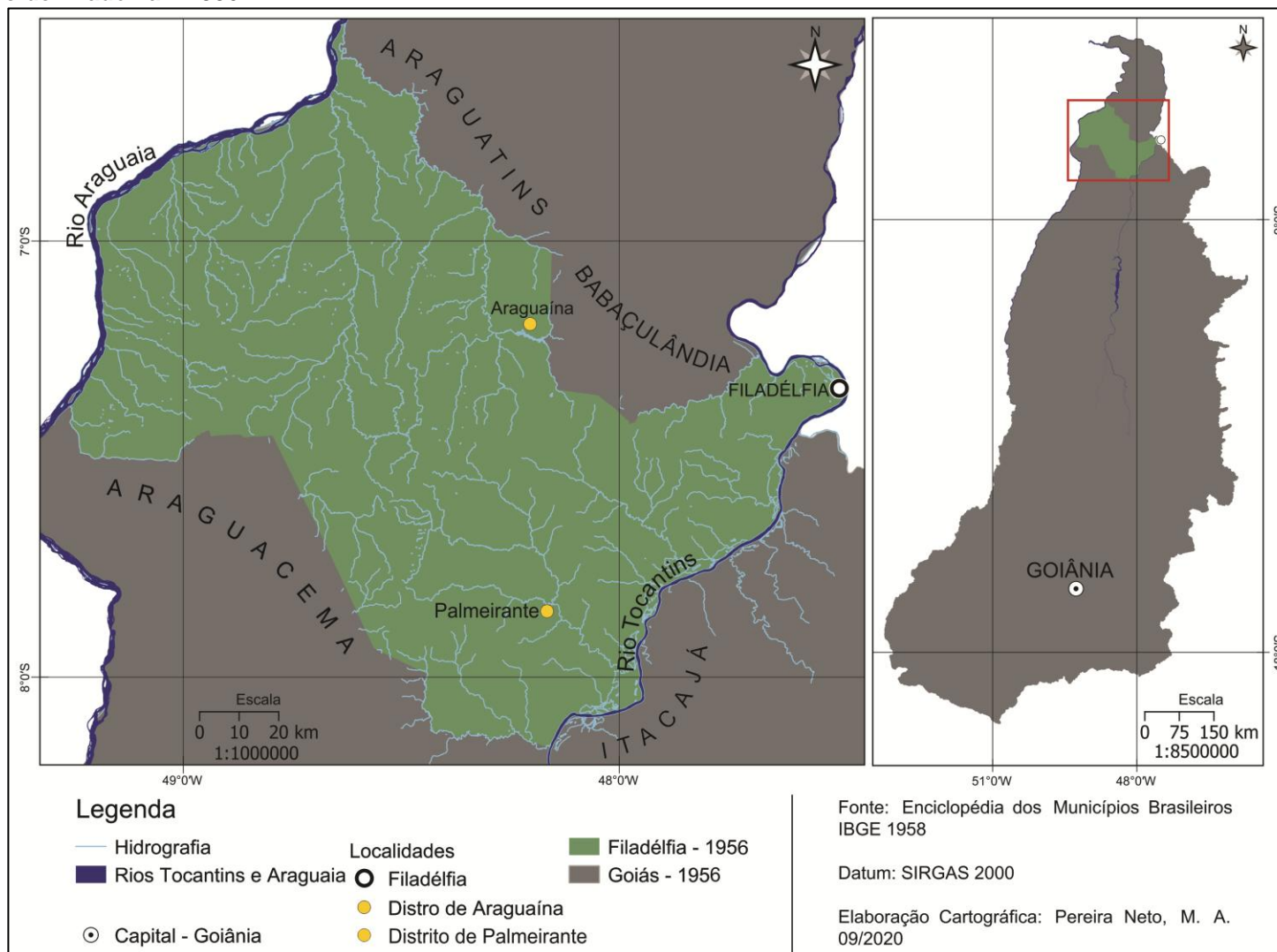
Foi o encarregado do posto fiscal, vindo de Tocantinópolis, quem, ao edificar sua residência, incentivou diversas outras pessoas a construírem casas nas proximidades. “Em pouco tempo, e com o auxílio dessas famílias, tendo à frente Otaviano Pereira de Brito, estava edificado o povoado, a que deram a denominação de Filadélfia” (IBGE, 1958, p. 162).

Em 1948, Filadélfia foi elevada à categoria de cidade, passando a possuir uma extensa área territorial que se estendia da margem esquerda do rio Tocantins até a margem esquerda do rio Araguaia. Esse território incluía alguns distritos importantes, como Araguaína e Palmeirante, conforme mostra o mapa 8 do município em 1956.

Em 1958, o município teve seu território alterado com a criação do município de Araguaína, por meio de desmembramento. Araguaína se destacava como um distrito imponente. Anteriormente, era denominada Lontra²⁵, em razão da presença de muitos desses animais no rio de mesmo nome.

²⁵ O nome atual foi dado pelo fato de as águas que banham a vila serem vertentes do rio Araguaia. Essas localidades recebem essas nomenclaturas em virtude da proximidade com o rio, como Araguacema e Araguatins em 1943 e Araguaína em 1949.

Mapa 8 - Município de Filadélfia – 1956



O primeiro agrupamento data de 1876, quando famílias oriundas do Piauí se fixaram na margem direita do rio Lontra. A partir de 1925, o local passou a apresentar sinais de crescimento, com a chegada de novas famílias e a construção da primeira igreja, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. A mudança de nome para Araguaína ocorreu após a criação do município de Filadélfia, em 1948, em homenagem ao rio Araguaia e pelo fato de o distrito ser o mais próximo desse rio do então território municipal.

Foram os padres da Missão Orionita, vindos da Itália para Tocantinópolis com o objetivo de evangelizar o interior de Goiás e prover cuidados de saúde, que doaram a imagem do Sagrado Coração de Jesus ao distrito de Araguaína, para compor a primeira capela. Desde os tempos em que ainda se chamava Lontra até sua municipalização, Araguaína pertenceu ao território de diferentes municípios:

O município de São Vicente do Araguaia – atual Araguatins – foi o primeiro a administrar o povoado Lontra. Anos depois, a localidade passou a pertencer a Boa Vista do Tocantins, hoje Tocantinópolis. [...] com a criação do município de Filadélfia, a localidade passou a integrar a nova cidade. Em 1953 o povoado de Araguaína passou a ser distrito. Mas o desenvolvimento da localidade culminou no processo de criação do município de Araguaína, que se concluiu em 1958 (IBGE – *Cidades*. Online, 2015).

O crescimento de Araguaína efetivou-se a partir de 1960, com a construção da rodovia Belém-Brasília, que fazia parte do Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek. Esse plano visava abrir novas rodovias que ligariam todas as regiões do Brasil à nova capital federal, construída no Planalto Central brasileiro.

As bases para a integração Norte-Sul, e mesmo as do Oeste, foram assentadas através de eixos rodoviários de penetração, como a Belém-Brasília e suas ramificações. As rodovias passaram a ser um instrumento para a conquista interna do território nacional (Barreira, 1997, p. 25).

Entre os anos de 1960 e 1975, Araguaína viu seu crescimento alavancar de uma maneira nunca vista no estado de Goiás, tornando-se a quarta maior cidade do estado entre 1980 e 1986, atrás apenas de Luziânia, Anápolis e

Goiânia (IBGE, 2015). Em 1989, com a criação do estado do Tocantins, a cidade passou a ser a maior do estado.

Araguaína está situada na entrada da Amazônia Oriental, no norte tocantinense. A intenção de ligar a nova capital a todas as regiões do país levou as políticas de desenvolvimento econômico à Amazônia, sendo a primeira medida a construção de rodovias. Como bem observa a geógrafa Bertha Becker (1982), a rodovia BR-153 foi a primeira grande artéria aberta na Amazônia, fazendo parte do impulso à circulação de bens e serviços para o norte de Goiás. O estado passou a viabilizar os interesses econômicos privados, com intervenções de grande escala, como a construção dessas rodovias, incorporando a região amazônica à "nova" fronteira econômica nacional. Essa inserção da Amazônia na acumulação capitalista fez com que as cidades assumissem um papel fundamental, como aponta a autora: “uma fronteira urbana é a base logística para o projeto de rápida ocupação da região” (Becker, 1982, p. 44).

A construção da rodovia BR-153 foi um divisor de águas no crescimento de Araguaína. Segundo Valverde e Dias (1967), o grande impulso de Araguaína ocorreu cerca de cinco anos após a abertura da rodovia (figura 17), a partir do fluxo de migrantes mineiros, paulistas, paraenses, maranhenses, piauienses e de outros estados do Nordeste brasileiro.

Figura 17 - Máquinas na abertura da rodovia Belém-Brasília em Araguaína



Fonte: DNIT/DNER, 1958.

Valverde e Dias destacam as principais atividades econômicas:

A economia do município de Araguaína se baseia principalmente na produção de babaçu e, secundariamente, na do arroz, amendoim e algodão. Nêles existem florestas ricas em mogno, nas terras próximas às margens do Araguaia. Dessas matas extraem-se também peles silvestres, sobretudo de caititu, veado e lontra (Valverde; Dias, 1967, p. 206).

Nas décadas de 1960 e 1970, após a consolidação de Araguaína como um município em crescimento, destaco a atuação de suas vilas e distritos localizados a oeste. Ainda como distrito de Filadélfia, Araguaína foi palco de passagem e visitação para o comércio das populações migrantes que integraram a formação territorial da Serra das Cordilheiras e do *Graben* do Muricizal²⁶ – as vilas de Pé do Morro e Muricilândia.

Pé do Morro – atual Aragominas – teve sua história de formação aqui narrada. Sua origem está ligada à mobilidade espacial de uma romaria, com o primeiro grupo liderado pela beata Antônia Barros de Sousa. Ao encontrar o morro na Serra das Cordilheiras, o grupo fixou residência após "encontrar as Bandeiras Verdes", que haviam sido destinadas pelo padre Cícero. Outros grupos migrantes continuaram a chegar, até que se formou o núcleo que, hoje, abriga a cidade de Aragominas.

Muricilândia – ou, anteriormente, Murici – teve seu início às margens do rio Muricizal, no *graben* de mesmo nome. Seu surgimento remonta ao Pé do Morro, com os romeiros migrantes, que, mesmo após encontrarem o morro e as Bandeiras Verdes, continuaram sua jornada descendo a Serra das Cordilheiras em direção ao *graben*, até encontrar o rio que cortava o seu vale.

No próximo item, tratarei da formação dessas vilas, que se tornaram cidades e constituíram comunidades quilombolas por meio de culturas individuais e coletivas, as quais ajudaram a construir identidades locais próprias.

²⁶ *Graben* é um bloco de crosta terrestre que sofreu rebaixamento em relação aos blocos adjacentes – *horsts* –, sendo delimitado por falhas normais paralelas. O **Graben do Muricizal** é uma importante estrutura geológica localizada na borda oeste da Bacia do Parnaíba, na região que abrange partes dos estados do Tocantins e Pará.

4.2 A formação de vilas, cidades e comunidades a partir de 1950

A mobilidade do grupo, a partir da década de 1950, desencadeou a formação de agrupamentos. Como mencionado nesta tese, citando Ratts (2001), a constituição desses agrupamentos está justaposta à mobilidade territorial. Considero, conforme aludido nos capítulos anteriores, o grupo liderado pela beata Antonia Barros de Sousa como o primeiro agrupamento migrante, de origem nordestina, a habitar a mata do Araguaia — o que hoje corresponde às áreas de influência direta da TO-222, a oeste da BR-153 —, após os povos indígenas Karajá e Apinajé, que viviam na confluência dos grandes rios, Araguaia e Tocantins.

Na mobilidade, carrega-se a base cultural e identitária, seja grupal ou individual. O que apresento a seguir é a formação espacial das vilas, cidades e comunidades quilombolas, que exalam essa cultura transmigrada.

Após julho de 1952, quando romeiros e romeiras se instalam na base do morro, inicia-se o processo de uso desses espaços. O primeiro local para onde o grupo se dirige, após a ocupação da base do morro, é a atual Muricilândia. Trinta dias após a efetiva instalação nesse primeiro local, alguns homens seguem em direção ao oeste, a alguns quilômetros adiante, onde era possível ver, do alto do morro, logo ao amanhecer, uma linha contínua de nuvens. Os mais velhos diziam que ali havia um rio sob a mata. Assim, seguiram em direção àquele possível rio.

As margens do rio eram completamente fechadas, com predominância de uma árvore frutífera que produzia um fruto vermelho e azedo: o murici-vermelho (ou murici amazônico). Deram ao rio o nome de Muricizal.

[...] lá num lugar mais alto, eles começam a observar essa região aqui pra ver onde teria água, pra você saber onde tem água é só você cedim [ao amanhecer] observar a mata e vê onde tem uma nuvem por cima da mata, ali em baixo tem água né, então eles fazem essa experiência e eles acham aqui e veem pra cá, eles saem no dia 20 de agosto de 1952 chegam

aqui à tardinha (Manoel Filho Borges²⁷, 53 anos, entrevista cedida em março de 2020).

No alto do morro, João Paulino, um dos que acompanharam o grupo da beata, começa a liderar o grupo que viria a formar Muricilândia. Utilizando conhecimentos populares para identificar que aquelas nuvens, vistas pela manhã, indicavam a presença de um rio, eles pedem autorização à Dona Antônia para seguir naquela direção.

Autorizados pela beata do grupo, os homens se aventuram na descida em direção ao rio Muricizal, em busca do local marcado pelas nuvens, como relata o professor Manoel Filho Borges, quilombola da comunidade Dona Juscelina, em Muricilândia, Tocantins.

João Paulino torna-se líder do grupo e, logo após encontrarem as margens do rio Muricizal, começam a adaptar o local para moradia. Manoel Filho relata a sequência dos acontecimentos após o encontro com o rio:

[...] eles vão, abrem a primeira roça de imediato aqui, se estabelecem aqui fazem as primeiras casinhas e voltam pra buscar os familiares, então vão chegando. Esse fluxo de pessoas, das famílias, ele não vai se concluir num prazo muito rápido, tipo, num ano não veio todo mundo, vai se concluindo, os parentes vão vindo em levas, mais vêm, demora um tempo mais vêm (Manoel Filho Borges, 53 anos, março de 2020).

Desse modo, mais pessoas que seguem em direção às bandeiras do “Padim Ciço” na mata do Araguaia começam a chegar. Algumas permanecem no Pé do Morro, enquanto outras se juntam aos que estão às margens do rio Muricizal. Em um período muito curto — apenas três meses após a chegada desse grupo — chega à localidade a família de Dona Cícera (em memória):

E nós chegamos aqui com coragem e luta, meu pai, meus tios, minhas tias sofreram para criar os filhos porque não foi nada fácil. Tinha muita caça, muito peixe, mas doença também tinha

²⁷ Manoel Filho é professor de História, mestre em Estudos de Cultura e Território e filho de Seu Dos Santos. Todo o relato que apresenta é construído a partir de suas pesquisas e do que ouviu na convivência com romeiros e romeiras em Muricilândia e Aragominas.

muita (Cícera Vieira de Almeida, *live* realizada em 14 de setembro de 2020).

Dona Cícera em nossas conversas realizadas na área de sua casa, em frente à Praça da Igreja, relatou como eram as primeiras moradias do local e explicou a técnica de construção do pau a pique. Falou sobre os insetos, os animais peçonhentos e os de grande porte, como a onça-preta, que representavam perigo na região. Rememorou também as roças e os cultivos da época, sobre a convivência harmoniosa entre as pessoas, os banhos e as lavagens de roupa que eram feitos no rio. Conversamos ainda sobre suas experiências com plantas medicinais, pois, até o seu falecimento, em 2020, Dona Cícera era reconhecida como a "Doutora das Ervas", devido aos seus conhecimentos com remédios caseiros (Pereira Neto, 2021).

Outro morador que fez parte desse importante processo é o senhor Manoel Pereira Borges, aqui chamado de Seu Dos Santos, também foi um dos primeiros moradores de Muricilândia. Ele narrava com muita afeição como era a vida no lugar em seu princípio:

Aqui no Murici, nós viemos pra cá desde 1953, desde [19]53 a gente mora aqui em Muricilândia. **E todo mundo aqui no início era Romeiro.** Aqui no Murici, por que, lá no Pé do Morro quem via o Padre Cícero era a Antônia Barros, aqui, quando viemos pra cá tinha um menino. O menino do Barnabé que era irmão do João Paulino, ele começou a receber as ordens do Padre Cícero aqui. Ele dizia "Padre Cícero mandou rezar 10 rosários" ai a gente passava à noite em penitência rezando os 10 rosários até acabar. (Manoel Pereira Borges, entrevista 09 de fevereiro de 2024).

Seu Dos Santos fala das dificuldades no início, principalmente no primeiro ano, pois era preciso buscar mantimentos em Araguaína, especialmente farinha, óleo e sal. "Aqui, com farinha, ninguém passava fome, porque tinha muita caça, né" (Manoel Pereira Borges, 9 de fevereiro de 2024).

O relato trata também do percurso até Araguaína, que era feito a pé, em uma viagem que durava dois dias e meio, ou no lombo de animais — que nem

todos possuíam, e muitos dos que tinham acabaram adoecendo. O trajeto era percorrido com sacos de farinha carregados nas costas.

Aqui foi desse jeito, desde a mandioca à banana, tudo veio nas costas de Araguaína pra cá. Agora, do segundo ano em diante começou a facilitar, botou as roças, a gente tirava a mandioca daqui mesmo né (Manoel Pereira Borges, 09 de fevereiro de 2024).

Após as primeiras roças, a vida começou a mudar em Muricilândia. Surgiu então um novo desafio enfrentado por aqueles romeiros e romeiras: vender a produção. Araguaína era muito distante para transportar a colheita, com muitas ladeiras e ribeirões cheios no período de chuvas, que eram atravessados por meio de pinguelas²⁸. Quem tinha animal, transportava a produção em seus lombos — e quem não tinha? Surgiu, assim, a necessidade de explorar a navegabilidade do rio.

Lá embaixo no Araguaia tinha Xambioá né. Que era Garimpo. Ai descia de canoa, colocava as cargas e descia o rio, ia vender em Araguaci e Xambioá. Remando. Você sentar na polpa de uma canoa lá no Xambioá pra remar subindo de água a cima até chegar aqui, menino era sofrimento viu. E muitas vezes a canoa alagava, perdia a carga tudo. Foi sacrifício. (Manoel Pereira Borges, 09 de fevereiro de 2024).

Ele descreve a cultura de interação local. Segundo Seu Dos Santos, a principal manifestação era a reza, a romaria, que não era de longo deslocamento – de Muricilândia ao Morro para as noites de reza. Depois vinham as brincadeiras de roda, de dança, como o Lindô²⁹, e também o forró. Sobre a questão da preservação da natureza sacralizada, Seu Dos Santos me contou que a ordem do padre era clara: tudo à margem do rio onde haviam chegado podia ser utilizado. Por sua vez, do outro lado do rio Murici, a orientação era para que o espaço campestre permanecesse preservado.

²⁸ Ponte rústica geralmente feita de um único tronco de madeira que serve para transpor um curso de água.

²⁹ Trata-se de uma tradição que une dança, canto e religiosidade, sendo considerada um símbolo de identidade e resistência do povo quilombola, especialmente praticada em comunidades do Tocantins e Maranhão (Silveira, 2023).

Até que uns seis sete anos depois, chegou alguém, que morava ali mais distante, não era romeiro, que colocou uma roça ali do outro lado do rio. Foi um escândalo. Ai isso foi só o princípio, depois os outro foram botando. (Manoel Pereira Borges, 09 de fevereiro de 2024).

O senhor Conceição Viana da Silva, conhecido como Seu Dadá — como será aqui denominado —, de 77 anos de idade, é outro morador e quilombola de Muricilândia. Griô, Seu Dadá possui uma relação com o rio, pescador desde muito jovem. Nascido em Araguaína, estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus, dos padres orionitas. Seus avós vieram morar em Muricilândia, e sua família os acompanhou em 1958.

Depois que eu cheguei aqui não sai mais. Meus irmãos depois que cresceram cada um foram pra um canto. Mas eu fiquei aqui. Tô com cabelo branco da cabeça morando aqui. (Conceição Viana da Silva, 12 de fevereiro de 2024).

Para Seu Dadá, Muricilândia pode ser dividida em duas temporalidades: da sua abertura, em 1952, até a chegada de Dona Juscelina, em 1962; e o período posterior à chegada da “velha”, como ele a chama. Ela trouxe do Maranhão a “brincadeira do 13 de Maio”³⁰, que, segundo ele, passou a ser festejada a partir de 1964.

No início o povo fazia muita critica a brincadeira do 13 de Maio, mais ai ela foi explicando a cultura dela lá do Maranhão, dos negro né, aí o povo foi entendendo, aceitando e tamo ai toda vida. (Conceição Viana da Silva, 12 de fevereiro de 2024).

Seu Dadá relembra que, entre os mais velhos que acompanharam Dona Juscelina desde o início, estavam ele e Seu Dos Santos. Esse fato fez com que, com a criação da associação e da comunidade quilombola, o conselho de griôs os reconhecesse como guardiões da memória cultural do quilombo e da cidade.

³⁰ Trazida por Dona Juscelina do Maranhão para Muricilândia, a festa do 13 de maio institui distintos momentos. Primeiro, a alvorada, às 5h da manhã; depois, a celebração religiosa, às 15h, seguida do teatro da abolição e do cortejo, como representação da libertação do povo escravizado. A festa representa a libertação do povo, e não o ato imperial de abolição. Trata-se de uma celebração do e para o povo negro que foi escravizado.

Seu Dadá fala sobre como era a estrada na época pós-chegada dos romeiros. Assim como Seu Dos Santos, Seu Raimundo Benício e os demais entrevistados, ele relembra a "picada" e o tempo de quase três dias para se chegar a Araguaína. Levavam a produção e traziam sal, querosene e os itens mais necessários, que não podiam ser produzidos na localidade — como roupas, calçados, entre outros.

Nesse momento da nossa conversa, Seu Dadá adentra a questão da navegação no rio, tema que me interessa compreender, pois ele é o griô dos saberes das águas. Segundo ele, chegaram pessoas mais velhas que sabiam construir canoas, e assim passaram a considerar mais "fácil" ir de canoa até Xambioá do que a pé até Araguaína.

O senhor aprendeu nessa época sobre o rio?

— Eu aprendi a navegar era menino, de doze pra treze anos, com esses velhos.

Aprendeu a construir canoas com eles também?

— Não, eu só ajudava no barco. (Conceição Viana da Silva, 12 de fevereiro de 2024).

Ele também relata a época do garimpo de Araguaci, nas margens do rio Muricizal, próximo ao seu encontro com as águas do Araguaia. Como o garimpo necessitava de suprimentos, os moradores passaram a levar suas mercadorias para a vila e vender lá, e, por sua vez, compravam o que precisavam vindos de Xambioá, o que reduzia pela metade o percurso anterior.

A ligação da comunidade com o rio é explícita desde o início de Muricilândia. Meu encontro com Seu Dadá ocorreu em frente à sua casa, na praça da igreja, bem próximo ao rio. Ele me mostrou como era a igreja antes:

A frente da Igreja Católica era virada pra lá, de frente para o rio. Quando os padres pegaram a andar aqui, aí falou que estava errado, o povo não sabia, eram romeiros, mas não sabiam que tava errado aquele tipo da igreja. Aí os padres falou "não a porta da igreja tem que ser virada pro lado do nascente, e o fundo pro lado do poente". Aí o João Paulino falou com o povo e os pedreiros e foram refazendo a igreja. (Conceição Viana da Silva, 12 de fevereiro de 2024).

Indaguei a Seu Dadá sobre sua devoção e a romaria. Ele foi categórico ao dizer que aprendeu tudo isso durante sua vinda de Araguaína para Muricilândia. Contou-me que, por um período, voltou a morar em Araguaína com a mãe para estudar, mas que seu aprendizado como romeiro se deu em Muricilândia, junto aos mais velhos.

Na vida de Seu Dadá, a pesca se deu mais recentemente. Segundo ele, começou na vida adulta, mas foi somente quando estava mais velho que emitiu sua carteira de pescador na colônia em Xambioá. Antes disso, sua renda vinha do trabalho como peão para os fazendeiros. A abertura das fazendas na região, a partir do final da década de 1960, acrescentou muita mão de obra masculina na região.

Logo pegou ter abertura pra todo lado né, então eu trabalhava pros fazendeiros pra comprar as coisas pra minha família. juntava a equipe de homem, chamava peão naquele tempo, aí ia trabalhar aquele grupo de homem. (Conceição Viana da Silva, 12 de fevereiro de 2024).

O modo de trabalho na fronteira da Amazônia, na década de 1970, era precário. A “abertura” a que Seu Dadá se refere significa a derrubada da mata. Naquela época, sem maquinários específicos, tudo era feito manualmente, com a força braçal. Daí a necessidade de um grande número de trabalhadores, os quais eram denominados peões. Seu Dadá relata a abertura de uma das primeiras fazendas da região, que existe até os dias de hoje:

— Aquela abertura da [fazenda] Novo Horizonte, que foi a primeira abertura que teve aqui.
A Fazenda Novo Horizonte, depois de Santa Fé do Araguaia?
— É. Eles fizeram uma balsa de tambor para atravessar aqui no porto, ali no rio. Atravessava aquela balsa de tambor com os jeep's, caminhão médio, puxado na corda. Eles colocavam uma corda daquela grossa, aí tinha aquela carretilha aí puxava, levava os mantimentos pra trabalhadores e as ferramentas, foice, machado, facão... não existia motosserra, ninguém nem via falar em motosserra. (Conceição Viana da Silva, 12 de fevereiro de 2024).

Seu Dadá revela que trabalhou em fazendas até envelhecer, mas foi pela pesca que se aposentou. Disse ainda que só navega para pescar para consumo próprio, pois, para vender, não consegue mais.

Eu levava muita caixa de peixe praquele povo do mercado [Araguaína]. Levava, pesava, recebia, fazia a feira e voltava pra tornar pescar de novo (Conceição Viana da Silva, 12 de fevereiro de 2024).

Um relato em nossa conversa foi sobre o trabalho, quando Seu Dadá revelou que a pesca era muito mais fácil do que trabalhar para os fazendeiros:

[...] a maior sujeição é trabalhar para fazendeiros, uns tratava bem, outros tratava mal. Às vezes nem era o fazendeiro, era o gato³¹, que pegava o serviço. Maltratava muito os peão. (Conceição Viana da Silva, 12 de fevereiro de 2024).

Nessa conversa, também identifiquei o motivo pelo qual Seu Dadá é considerado o griô das águas. Ele é um dos maiores conhecedores das corredeiras do rio Murici. Sempre que há necessidade de descer o rio, chamam-no para acompanhar, pois ele conhece as cachoeiras e os locais adequados para passar as embarcações.

Tem muita cachoeira ai no rio Seu Dadá?

— Tem. São 43 cachoeiras. Daqui da Cocalândia até o Araguaia.

E o senhor pescava só nele ou no Araguaia também?

— Não, a nossa ordem era pescar no Araguaia, nele a gente pesca só pra comer mesmo. (Conceição Viana da Silva, 12 de fevereiro de 2024).

Eu e Seu Dadá conversamos por mais de quarenta minutos sobre os modos de vida passados, a formação da comunidade, as pessoas, as culturas e a atual Muricilândia. Falamos sobre o quilombo, sua importância para a

³¹ É um que no contexto trabalhista brasileiro, refere-se ao aliciador ou intermediário ilegal de mão de obra. Esses indivíduos – gatos – são responsáveis por recrutar trabalhadores, geralmente em áreas rurais ou regiões mais pobres, com promessas de bons salários e condições de trabalho dignas. No entanto, seu método envolve engano e, muitas vezes, leva os trabalhadores a situações de trabalho análogo à escravidão.

cidade e para os quilombolas, e, nesse contexto, sobre a relevância de Dona Juscelina para essa comunidade.

Dona Juscelina (figura 18), cujo nome dá título ao quilombo de Muricilândia, denominada de “matriarca”. Nascida em Nova Iorque, no Maranhão, em 1930, chegou a Muricilândia em 1962, trazendo consigo uma bagagem cultural transmigrada que ressignificou a espacialidade local. Faleceu aos 91 anos, em 3 de julho de 2021, deixando um legado importante para os quilombos da região. Todas as conversas e citações nesta tese são em memória, resultado de pesquisas, conversas e entrevistas realizadas desde 2016.

Figura 18 – Dona Juscelina no altar de sua casa em Muricilândia (2018)



FONTE: Oliveira, 2018.

Batizada Lucelina Gomes dos Santos, ficou conhecida como Dona Juscelina. Desde 1962, quando chegou a Muricilândia, foi protagonista em diversas áreas. Trabalhou como parteira, rezava e benzia, foi quebradeira de coco babaçu, trabalhou na roça e foi romeira. Em 2021, lhe foi outorgado o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Tocantins, título que ela não chegou a receber em vida, pois, devido à pandemia de COVID-19, sua cerimônia de entrega foi postergada.

O deslocamento de Dona Juscelina para o então estado de Goiás se inicia em 1956, quando toda a sua família decide mudar-se para a cidade de Cristalândia, na região centro-oeste do atual estado do Tocantins. Lá, permanece por seis anos, até visitar sua irmã, que morava em Muricilândia, e se encantar pelo lugar (Pereira Neto, 2021).

Aqui era mata quando eu cheguei. Aí toda a vida eu fui interesseira pra ter as coisas, sem ser mandada por ninguém, aí o certo é que eu fui e voltei lá [voltou para Cristalândia cidade onde estava residindo com a família e disse]: — Papai, pra você saber eu me engracei demais, é uma mata, mas eu queria que nós mudasse pra lá. [O Pai]: — Minha fia eu criei vocês foi dentro de cidade, eu não tenho costume de interior. Eu fui levando o véi até que chegou o dia dele dizer: — Minha fia você quer ir? Eu vou! O certo é que eu entrei pra aqui no dia 02 de outubro de 62 [1962], isso aqui era mataria, eram contadas as casinhas, até a igreja da padroeira era de palha [...]. (Dona Juscelina, março de 2020)

Ainda no Maranhão, Dona Juscelina foi incentivada por seu tio a exercer todos os anos a Festa do 13 de Maio. Realizou a festa algumas vezes no Maranhão, mas em Cristalândia não se sentiu apta, pois a cidade era marcada pelo garimpo, pela criminalidade e pela falta de uma cultura comunitária consolidada. Porém, em Muricilândia, ela se encontrou e percebeu o lugar ideal para realizar sua festa. Essa expressão cultural, herdada e transmigrada na longa caminhada do Maranhão até o Tocantins, dá origem à sua territorialidade. A junção entre o lugar e o sentido de pertencimento constitui um sistema, qualificando e ressignificando o espaço.

De fato, a territorialidade emana da etnia, no sentido de que ela é, antes de tudo, a relação culturalmente vivida entre um grupo humano e uma trama de lugares hierarquizados e interdependentes, cujo traçado no solo constitui um sistema espacial – dito de outra forma, um território (Bonnemaison, 2002, p. 285-286).

Dona Juscelina diz ter encontrado seu lugar no mundo, demonstrando estar enraizada no novo território. Nesse espaço, ela se sente à vontade, tanto com o ambiente quanto com as pessoas, ao contrário do que vivenciou em Cristalândia (TO). Agora, sente-se capaz de realizar a Festa do 13 de Maio com confiança. Como aponta o geógrafo francês Eric Dardel (1952), a conexão entre o ser humano e a terra é marcada por uma constante busca por um lugar

– um espaço que possa ser chamado de lar, onde seja possível construir a própria existência de maneira identitária e cultural.

Ao chegar a Muricilândia, em 1962, Dona Juscelina ainda carregava consigo uma bagagem cultural e transmigrada do Maranhão. Logo, aliou-se com o senhor João Paulino, fundador e idealizador do povoado, iniciando sua atuação política em prol de melhorias para a comunidade. Paralelamente, ela começou a expandir e ressignificar sua vivência cultural, antes fortemente marcada pela tradição católica, popular e negra. A partir daí, passou a realizar três importantes celebrações: a Festa de Santos Reis, a Festa do Divino Pai Eterno e a Festa do 13 de Maio – esta última, uma herança afro-brasileira transmitida por seu tio.

[...] Eu festejo o Divino Espírito Santo, os Santo Reis, andando nas casas visitando com o meu santo. Sou romeira do Padre Cícero, Sou romeira do Divino Pai Eterno, tudo isso eu já fui à romaria deles Toda brincadeira, toda festa aqui era a Lucelina à frente (Dona Juscelina, 2018).

A chegada de Dona Juscelina a Muricilândia marcou uma ruptura com certos hábitos: as práticas religiosas deixaram de ser apenas momentos de devoção e passaram a incluir celebrações festivas. Com isso, as festas se consolidaram como expressões culturais – mais uma vez resultantes da transmigração individual e grupal – enraizadas no território e transformadas em geossímbolos, conforme define Bonnemaïson (2002). Nesse contexto, Santos (2018), ao estudar as festividades da comunidade quilombola, interpreta as festas como uma prática cultural que fortalece a identidade coletiva e reafirma o pertencimento quilombola:

As Festas são práticas que, neste caso, também a entendemos como ritos, e que são de grande expressividade da cultura negra, solidificando a construção de uma identidade afro. (Santos, 2018, p. 95)

O que se pode observar é que Dona Juscelina foi a grande responsável por incentivar movimentos, culturas e símbolos – ou melhor, geossímbolos – na comunidade quilombola e em Muricilândia. Esse é o argumento mais visível, palpável e presente da relação entre mobilidade e cultura, delineada pela

transmigração. Pode-se perceber como essa transmigração ocorre de forma secular no mundo negro, na relação África-Brasil e, depois, Brasil-Brasil – uma transmigração de uma parte do país. Os quilombos carregam suas culturas de forma transatlântica por conta disso. Não é apenas uma cultura, "é uma atitude no mundo" (Gerber [Nascimento], filme Orí, 1989).

A transmigração, nesse contexto, vai além da simples ideia de migração ou deslocamento: trata-se de um movimento histórico, cultural e devocional que expressa à continuidade de identidades e modos de ser entre espaços distintos. Diferente da migração, que indica uma mudança física, ou da mobilidade, associada a fluxos, a transmigração revela uma travessia existencial, marcada pela capacidade de recriar o mundo a partir da memória e da ancestralidade.

Em Aragominas, a relação entre cultura e devoção gira em torno de alguns romeiros. Seu Raimundo Benício foi o nome mais citado por todos os entrevistados, tanto em Aragominas quanto em Muricilândia. Ele foi apontado como o principal conhecedor da história das localidades. Seu Raimundo contou como aconteceu a chegada do primeiro grupo, liderado por Dona Antônia. Por ter participado desse processo, ele se tornou a pessoa da região que preservou, em grande parte, essa história.

Seu Manoel do Bruno é lembrado sempre que é necessário realizar uma reza, seja em datas específicas ou em velórios. Ele também é responsável por dar início às reuniões mensais da comunidade quilombola Pé do Morro, conduzindo as orações. Todo 27 de julho, dia da chegada ao Pé do Morro, comemora-se na cidade o Dia do Romeiro. Seu Manoel é encarregado de conduzir a oração na Praça Padre Cícero (figura 19) e, em seguida, seguir pelas ruas da cidade em procissão.

É nesse contexto que se formam essas duas localidades. As pessoas são os lugares e os lugares são as pessoas. É impossível pensar em Aragominas sem Seu Manoel do Bruno ou Seu Raimundo Benício, assim como em Muricilândia sem Dona Juscelina.

Figura 19 - Celebração do dia do Romeiro [27 de julho] em Aragominas



Fonte: o autor. Aragominas, 27 de julho de 2023. [da esquerda para direita: Manoel Filho Borges, Seu Manoel do Bruno, Seu Dos Santos, Seu Raimundo Benício].

Além da constituição dos lugares, essas pessoas deixaram marcas na cultura local. A formação dessas localidades, antes situadas no meio da mata e que se tornaram cidades, tem interlocutores assíduos. Hoje, alguns desses interlocutores faleceram ou estão em idade avançada, mas deixam suas marcas nos mais jovens, que aprendem e continuam, por vezes recriando, as expressões culturais e a defesa do território.

A principal forma de passagem geracional se encontra na formação das comunidades quilombolas dessas localidades. Mesmo que o reconhecimento seja recente, essas comunidades carregam culturas transmigradas desde o início de sua formação local. No próximo tópico, abordarei a relação dessas comunidades que se tornaram quilombolas.

4.2.1 Comunidades Quilombolas: devoção e expressões culturais

A noção de quilombo empregada aqui será, além das noções locais, a de agrupamentos de continuidade histórica (Nascimento, 1982). Após refletir sobre a transmigração África–Brasil / Brasil–Brasil, os quilombos são compreendidos como locais de continuidade das trajetórias dessa transmigração.

Em Aragominas, a comunidade quilombola Pé do Morro tem sua trajetória marcada pela devoção romeira. A cultura local gira em torno dessa devoção, como uma resposta ao deslocamento rumo às Bandeiras Verdes. Em Muricilândia, na comunidade quilombola Dona Juscelina, observei uma junção entre a devoção presente na comunidade Pé do Morro e a cultura transmigrada de Dona Juscelina, vinda do Maranhão para o norte do Tocantins.

As origens dos integrantes do grupo formador territorial do Pé do Morro estão diretamente ligadas ao Nordeste — uma região marcada pela grande concentração fundiária, pelo poder dos coronéis e pela presença de sertanejos empobrecidos e sem terra, resultado do processo colonizador e escravagista. Marcada também pela presença indígena, negra e quilombola. Ao se remontar todo o longo processo histórico dessa região, fica claro que o sertanejo nordestino empobrecido, afligido pela terra cativa, tem suas raízes no sistema escravista e colonizador — tanto dos homens quanto da terra.

Esse sistema os levou a se adentrarem na mata — nas “Bandeiras Verdes” – destinadas a terras das quais ninguém tinha conhecimento. Libertar-se da terra cativa, do preconceito, dos males que os oprimiam e da seca das áreas áridas às quais foram submetidos, por meio da devoção, revela a resistência étnica e social a um sistema discriminatório.

Suas expressões culturais, criadas a partir das resistências e da transmigração, conferem às comunidades uma identidade étnica que as distingue do restante da sociedade. Essas manifestações culturais são construções contínuas — com descontinuidades, recriações — nas trajetórias dos grupos. No caso das comunidades pesquisadas, o principal exemplo é um catolicismo, que não é institucionalizado e, quase sempre, praticado por

peças negras, marcado por influências profundas da região do Cariri cearense.

O termo utilizado para definir comunidades quilombolas — remanescentes de quilombos — foi concebido a partir de diversas noções. Entendo que a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 1994, apresentou uma definição mais abrangente, que vai além de resquícios arqueológicos ou temporais e traz os aspectos de autoidentificação, história e memória, tornando-se um conceito jurídico-político (Ratts, 2000). A proposta da ABA também se distancia da ideia de “rebelião”, valorizando, em vez disso, o sentido de resistência coletiva, fundamentada na manutenção de um modo de vida sustentado pela cultura construída em cada localidade.

Suas autoatribuições étnico-raciais, trajetórias singulares e relações com a terra e o território — marcadas pela ancestralidade negra e pela resistência à opressão histórica — os inserem na noção de quilombo.

Suas manifestações culturais carregam repertórios e saberes transmitidos ao longo do tempo — e também recriados: Conselho de Griôs, Griô Aprendiz, Negras Mariamas. Na Comunidade Quilombola Pé do Morro, as rezas, penitências e tradições evocam e reconstroem a ancestralidade desse grupo. Um exemplo marcante é a Penitência do Divino Pai Eterno, realizada na madrugada do primeiro domingo do mês de julho, na capela ao pé do morro — local onde reside Dona Maria Mendes — ligado a esse catolicismo não hegemônico/romano.

Particpei do ritual junto aos romeiros em 2023 (Figura 20). Na ocasião, estiveram presentes romeiros da cidade, a família de Dona Maria Mendes e visitantes vindos de Muricilândia. Rezamos o terço e entoamos ladainhas durante toda a noite.

Figura 20 - Penitência ao Divino Pai Eterno em julho de 2023



Fonte: o autor. Aragominas, 02 de julho de 2023.

Assim como outras expressões comunitárias, a Associação da Comunidade Quilombola Pé do Morro — certificada pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 27 de dezembro de 2010 — realiza reuniões mensais em seu salão comunitário. Em 27 de julho de cada ano, é comemorado o Dia do Romeiro, feriado municipal que marca a chegada do primeiro grupo de romeiros à cidade.

Na ocasião, os romeiros mais velhos lideram as rezas na Praça Padre Cícero e realizam um cortejo com velas saindo da Praça Padre Cícero pelas principais ruas da cidade, é um percurso curto (mapa 9), até a sede da Associação Quilombola, como mencionado no item anterior e ilustrado na figura 19.

Em Muricilândia, a Comunidade Quilombola Dona Juscelina — certificada pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 24 de março de 2010 — também mantém uma agenda cultural marcada por sua trajetória singular. Sua principal característica é a existência de um conselho de Griôs, que, além de preservar e transmitir a história da comunidade, exercem também funções deliberativas e consultivas.

Mapa 9 - Percurso Dia do Romeiro, Arago Minas



LEGENDA

Perímetro urbano de Arago Minas

— TO-222

□ Início do percurso (Praça Padre Cícero)

□ Fim do percurso (Associação Quilombola)

— Percurso



FONTE: Google Satélite / Campo 2025

DATUM: SIRGAS 2000

ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA:
Pereira Neto, M. A. out de 2025

A preocupação com a transmissão da cultura dos mais velhos para os mais jovens chama a atenção para a interação geracional existente na comunidade. Em abril de 2025, ocorreu o VII Encontro de Vivências do Conselho de Griôs e Juventude Quilombola. O evento acontece aos finais de semana do mês de abril, com foco na representação dos modos de vida da comunidade, promovendo o compartilhamento das experiências dos mais velhos com os jovens.

A comunidade também conta com uma agenda diversificada ao longo de todo o ano. Em janeiro, em parceria com a Comissão Pastoral da Terra Araguaia-Tocantins realizou a passeata contra o trabalho escravo. Além das festividades católicas populares, como a Festa do Divino e a Folia de Reis, em outubro a comunidade celebra o aniversário de Dona Juscelina, com o evento "Noite das Lamparinas", que inclui uma programação variada. Em novembro, realizam eventos dedicados à discussão do Dia 20 de Novembro.

O evento de expressão cultural para a comunidade acontece em maio, no dia 13, precedido pelo Seminário de Cultura Afro-brasileira e Quilombola. Nesse seminário, reúnem-se a comunidade quilombola, representantes municipais e as escolas/universidades para discutir sobre os quilombos, cultura e territórios quilombolas (Figura 21).

No próprio dia 13 de maio, acontece o Festejo da Abolição. Este evento foi trazido por Dona Juscelina, originário do Maranhão e herdado de seu tio. A festa representa o momento de comemoração dos escravizados pela abolição. Destaco que, após nove anos acompanhando essa comunidade e participando de alguns festejos — alguns mais distantes e outros de forma mais imersiva — percebo que ele não é uma simples representação da abolição, mas sim do sentimento vivido pelos escravizados da região de Nova Iorque, Maranhão, ao saberem da notícia da abolição

Figura 21 - Seminário de Cultura Afro-brasileira e Quilombola de 2024

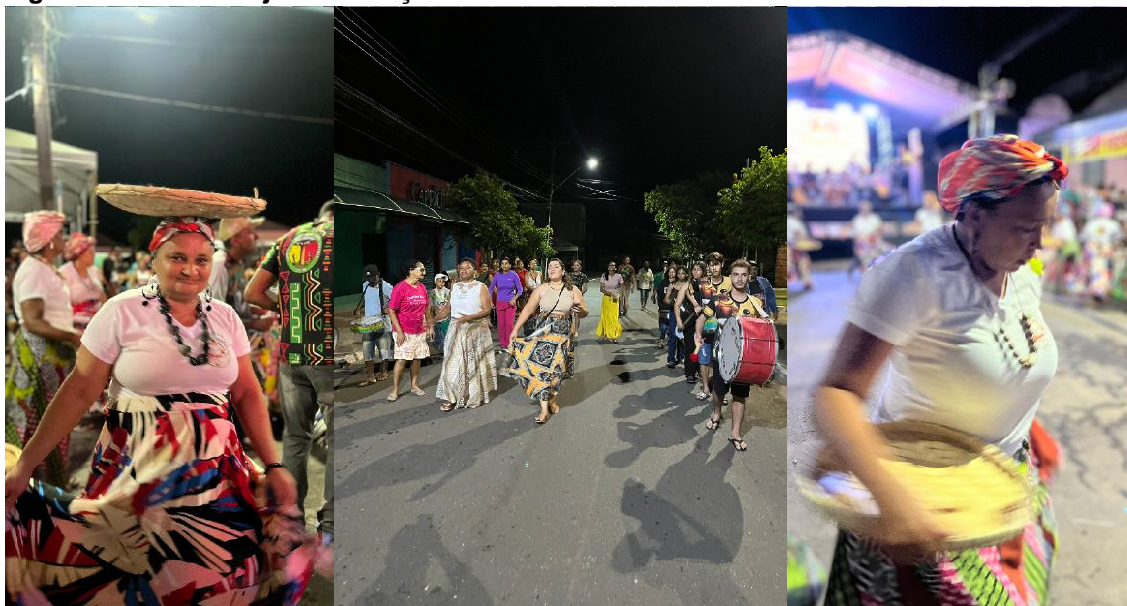


Fonte: o autor. Muricilândia, 12 de maio de 2024.

Tudo se inicia com a Alvorada às quatro horas da manhã, que é o anúncio do dia. Cortejo, cantoria, percussão e foguetes: é assim que Muricilândia acorda no dia 13 de maio. O dia segue com uma celebração religiosa às três horas da tarde, seguida pela preparação do Teatro da Abolição, momento em que se representa a vida dos escravizados diante do sistema e a assinatura do ato que pôs fim à escravidão. Após o anúncio da abolição, os "negros libertos" saem em cortejo, comemorando e dançando a conquista. As músicas que retratam a libertação e a dança do "rebolado" — como chamava Dona Juscelina — são caracterizadas por movimentos muito próprios de grupos negros originários da transatlântica.

A festa não tem como objetivo mostrar a abolição sob a ótica do colonizador, mas sim destacar a "alegria" dessa parte do Maranhão ao receber a notícia da liberdade. Era isso que Dona Juscelina sempre queria lembrar: a festa, o "rebolado", a alegria ao cantar e dançar representam o próprio povo negro. A etnicidade, o movimento, transmitido pelo Atlântico-Mãe, move a cultura em uma pequena cidade, em uma comunidade quilombola, na transição entre os biomas Cerrado e Amazônico, no norte do Tocantins, por meio e a partir da mobilidade transmigrada.

Figura 22 - 51º Festejo da Abolição do Quilombo Dona Juscelina de 2024



Fonte: o autor. Muricilândia, 13 de maio de 2024. [da esquerda para direita: dança do Grupo Negras Mariamas; Cortejo e percussão durante a Alvorada; Betânia – a Figura inértica que mostra o movimento]

As trajetórias das comunidades quilombolas Pé do Morro e Dona Juscelina revelam que identidade, cultura e território se entrelaçam em um contínuo processo de recriação e resistência. A transmigração — tanto aquela que atravessa o Atlântico quanto a que percorre o próprio território brasileiro — conforma uma memória viva, consolidada nas expressões culturais e religiosas que sustentam o pertencimento do grupo. O catolicismo, ressignificado em rezas, penitências e festejos, torna-se uma linguagem simbólica que traduz a experiência de deslocamento e a busca por um lugar — não apenas da terra cativa, mas das heranças coloniais que ainda marcam a vida desses grupos. Assim, o território deixa de ser apenas espaço físico e se converte em território de devoção, de memória e de afirmação étnica.

Ao dialogar com a noção de quilombos da romaria, recorro à elaboração proposta por Manoel Filho Borges (2022), que os compreende não como remanescentes fixos ou categorias cristalizadas no passado, mas como processos territoriais produzidos no interior das mobilidades devocionais. A partir de sua análise, torna-se possível entender que tais quilombos emergem de deslocamentos orientados pela devoção, pelas narrativas e pelas experiências coletivas dos romeiros, em que a romaria assume um papel estruturante na organização social e na produção do território. Nessa

perspectiva, o território deixa de ser concebido apenas como destino geográfico e passa a ser interpretado como espaço vivido, simbolicamente orientado e continuamente construído. As Bandeiras Verdes, conforme problematiza o autor, operam como uma narrativa geográfica que guia movimentos, expectativas e decisões, configurando uma espacialidade que se constitui tanto no plano material quanto no plano cosmológico. Assim, ao adotar essa chave interpretativa, reconheço que os quilombos da romaria podem ser analisados como expressões de uma territorialização dinâmica, na qual devoção, memória, reciprocidade e identidade coletiva se entrelaçam.

Ao se compreender o quilombo como agrupamento de continuidade histórica, as práticas das comunidades tornam-se expressões de um modo de vida ancestral que se reinventa a cada geração. Nos festejos, nas ladainhas e na transmissão oral dos saberes, o passado e o presente se articulam, formando um tecido identitário que reafirma a resistência quilombola diante das transformações sociais e territoriais. A cultura, nesse sentido é o exercício da memória como forma de manter viva a ancestralidade e de afirmar o direito ao território como espaço de existência plena. Pé do Morro e Dona Juscelina, com suas devoções, danças e conselhos de griôs, representam, portanto, a força de uma identidade negra que se move e se recria no tempo, celebrando a liberdade e a vida no lugar e no espaço onde o corpo e a devoção se encontram.

APONTAMENTOS FINAIS

Ao realizar esta pesquisa, tornou-se possível compreender que as espacialidades vivenciadas pelos romeiros revelam um modo de existência profundamente marcado pela devoção, pela coletividade e pela relação sagrada com a natureza. O observar dos espaços e práticas evidenciou que esses grupos constroem significados que ultrapassam a noção de território, transformando o ambiente em um lugar de memória, espiritualidade e trabalho compartilhado.

Dessa forma, ao retomar os principais pontos discutidos, observa-se que as espacialidades associadas aos romeiros revelam um modo de vida profundamente vinculado à devoção e à harmonia com a natureza. As práticas de preservação ambiental, o trabalho coletivo e o uso consciente da terra evidenciam uma forma de organização que une valores espirituais e cotidianos, refletindo uma vivência em que o sagrado e o trabalho caminham juntos.

Nesse sentido, o Sítio Caldeirão, no Crato, o Horto, no Juazeiro do Norte, o Pé do Morro, em Aragominas, representam expressões significativas dessa relação entre devoção, comunidade e território. A sacralização da natureza, somada ao esforço conjunto e à prática constante da oração, reafirma a força dos laços comunitários e a continuidade de tradições que mantêm viva a identidade cultural desses grupos, demonstrando como o espaço vivido se torna símbolo de resistência e pertencimento. Beatas e beatos, como Maria de Araújo, Dona Antônia, romeiras e romeiros e todas e todos dos grupos que migraram foram e são formadores de um território – um repertório de lugares – que qualificaram o espaço nas áreas das atuais cidades de Aragominas e Muricilândia.

As Bandeiras Verdes, ao serem compreendidas como uma narrativa espacial, revelam-se como guias simbólicos que orientam o deslocamento dos romeiros sem determinar locais fixos. Esse caráter de direção, em vez de localização, evidencia a centralidade da devoção, que confere sentido e continuidade à prática da romaria. O movimento dos romeiros, impulsionado

por certeza e orientação simbólica, transforma o espaço em experiência vivida, na qual o trajeto se torna tão significativo quanto o destino.

Além disso, o deslocamento dos romeiros é portador de uma riqueza cultural que se manifesta na devoção, nas práticas religiosas e nos repertórios de lugares que acompanham cada indivíduo ou grupo. Essa mobilidade não apenas reflete um processo migratório, mas também promove a circulação de saberes, geossímbolos e tradições, consolidando as práticas devocionais como um elemento estruturante das identidades coletivas e das relações sociais. Assim, a mobilidade desse grupo se configura como um espaço de construção cultural, memória e pertencimento, onde devoção e movimento se entrelaçam de maneira inseparável.

O deslocamento dos romeiros e romeiras negros em direção a Serra das Cordilheiras, referido como “entrar na mata do Araguaia”, evidencia como a espacialidade se constrói a partir da experiência e da percepção do desconhecido. A designação de mata não remete apenas à vegetação, mas à incerteza, aos riscos, compondo um território carregado de significados e misticismo. Esse deslocamento não é aleatório: é guiado pela devoção e pela esperança de encontrar uma terra que não fosse cativa, demonstrando como fé, narrativa e necessidade material se entrelaçam na trajetória do grupo.

Nesse contexto, a mobilidade do grupo atua como processo formador de identidade, ao mesmo tempo individual e coletiva, integrando espacialidades e temporalidades distintas. A viagem não é apenas física, mas cultural e simbólica, consolidando repertório de lugares que carregam experiências, saberes e símbolos.

A análise do povoamento e dos aglomerados, no período de meados do século XVIII a 1950, permite compreender como as mobilidades motivadas pela devoção influenciaram a reorganização do território e a constituição das comunidades locais. O deslocamento de grupos em busca de orientação religiosa, aliado às condições naturais e sociais da região, mostra que o espaço não é apenas cenário passivo, mas participante ativo na formação de identidades e práticas culturais. Dessa forma, a devoção emerge como elemento articulador das transformações espaciais e simbólicas no norte do Tocantins.

Aponto para a finalização da tese, mas não da pesquisa. Continuo em meu *Orí*, remoendo cada narrativa, cada entrevista, todos os mais de mil quilômetros percorridos na TO-222, entre as cidades de Aragominas [Pé do Morro], Muricilândia e Santa Fé do Araguaia. A cada percurso feito — quase exclusivamente de motocicleta —, em cada subida e descida da Serra das Cordilheiras, em cada plano da depressão do Araguaia. Sozinho, em dupla e em grupo. Em cada visão, eu sempre descobria e visualizava algo novo, ou sentia, ao olhar o grande morro e apenas o reluzir branco da capelinha sobre ele. Cada arrepio na espinha ao conseguir juntar as ideias, as narrativas e as entrelinhas. A cada olhar do espigão do complexo das cordilheiras e ao imaginá-lo sob uma mata que um dia foi adentrada por um grupo de romeiros, carregando devoção e transmigrando cultura. Isso não é a conclusão, não é o final — é apenas um passo, o último degrau da primeira escada.

Continuo apontando que a tese não está concluída também por motivos de incompletude. Em capítulos, parágrafos e linhas desta tese, há lacunas — às vezes identificadas e compreensíveis, mas que, neste momento, permanecerão assim; outras, impossíveis de serem resolvidas.

Os lugares, as espacialidades — tanto em Juazeiro do Norte, no Ceará, que revela o cerne da devoção dos romeiros, quanto no norte do Tocantins — mostram-nos que a mobilidade é carregada de devoção, necessidade, vontade e cultura. Daí concluo que todas essas junções podem ser denominadas de *transmigração*. Ora, se para Beatriz Nascimento a transmigração é a cultura e um modo de vida que atravessou o Atlântico — da África para o Brasil —, as populações negras que aqui passaram a sobreviver continuaram a carregá-la em seus deslocamentos internos. Como colocou Max. Sorre, com os movimentos dos povos há transferências de técnicas.

A devoção também gerou uma narrativa migratória. As Bandeiras Verdes engendram uma perspectiva espacial sem localização precisa. É dado um rumo, uma direção. O que a classifica como espacializada é a certeza do próprio grupo de saber onde fica: “vai saber quando chegar”. A narrativa é amarrada pela devoção — essa certeza de reconhecer o lugar é a própria devoção que a entrega. Na narrativa, observam-se também a forma e a necessidade de os grupos constituírem territórios. Terra. A conquista desse

espaço inexplorado e “sem dono”, como fuga do leste latifundiário que viria a sucumbir, restando apenas o oeste: as Bandeiras Verdes.

Essa devoção entrou de modo tão assertivo que criou uma determinação, observada em poucas áreas do país, sobretudo por causa de sua duração, extensão e significação coletiva. Isso me leva a considerar a mobilidade mata adentro como uma romaria. Uma pergunta inicial da tese continua sem resposta direta: teriam o ímpeto de adentrar aquela mata sem a devoção? Talvez a resposta nunca seja alcançada. O que se sabe é que a condição e a devoção os guiou, deu-lhes arrojo, e a vontade de uma terra livre os empurrou rumo ao morro e às Bandeiras Verdes.

Todas esses deslocamentos dos grupos, ocorridas em espacialidades e temporalidades diferentes, resultaram na formação de vilas, cidades e comunidades que, hoje, apresentam configurações espaciais e sociais distintas — por vezes únicas e, ainda, devotas e marcadas por uma condição social semelhante: comunidades negras quilombolas. Ressalto a presença da cultura transmigrada, que compõe a identidade territorial desses grupos, respeitando as ancestralidades e seguindo em continuidade, permitindo que as comunidades — agora quilombos — deem seguimento às suas trajetórias.

Um encontro comigo mesmo

Em um dia ensolarado, na casa dos meus pais, eu conversava com minha avó materna, Gustava Neres Ferreira, maranhense, negra, de 84 anos. Há vários anos, ela mora no estado do Pará, mas eu conhecia parte de sua trajetória. Sabia que sua origem era maranhense.

Não me recordo exatamente o motivo que despertou meu interesse em saber como, quando e por que a família — minha bisavó — decidiu vir para Goiás, atualmente Tocantins.

Comecei a indagá-la — ela é a filha mais velha da família e sempre conta as histórias com muitos detalhes. Não se lembra do nome exato do lugar onde nasceu, apenas que ficava às margens do rio Balsas, no Maranhão.

Recorda-se de que, por volta dos nove anos de idade, sua avó e sua mãe a pegaram, junto com sua outra irmã, tia Socorro, e partiram em viagem, parte a pé, partes montadas em um animal, por um longo trajeto. “Nós parávamos nas beiras dos córregos, por conta da água”, relembra, ela.

Atravessaram o grande rio Tocantins e chegaram ao “Coco” — ou Nova Aurora do Coco, hoje conhecido como Babaçulândia. Sua avó e sua mãe acharam o local bom e, então, sua mãe voltou para buscar os homens e o restante da família.

Vendo as proximidades e semelhanças com as narrativas que eu vinha escutando durante a pesquisa, indaguei-a mais sobre os detalhes da viagem: “Vínhamos a pé” — da mesma forma como, um dia, Dona Juscelina me relatara.

Até que toquei no ponto crucial:

- Vó, a senhora ouvia sua mãe ou sua avó falar nas Bandeiras Verdes?
- Vovó falava que a gente ia para as bandeiras do padrim.
- Ela era devota de algum santo, ou falava em Padre Cícero do Juazeiro?
- Ela tinha a imagem do padrim guardada.

Essa fala foi suficiente para que eu compreendesse que a mobilidade enfrentada pela minha avó estava atrelada à narrativa das Bandeiras Verdes, que eu vinha lendo, escutando e comentando há mais de três anos. Fiquei eufórico: como podia a trajetória da minha família ser resultado de algo que eu tanto estudava?

Em resposta à minha euforia, durante uma conversa com meu orientador, Alex Ratts, ouvi dele: “Você só está buscando você mesmo.” Naquele momento, decidi que essa narrativa seria contada aqui, nos apontamentos finais da tese, como forma de explorar e expor meus próprios percursos — o que me fez como pesquisador, meus repertório de lugares e minhas ancestralidades: mulheres que estiveram à frente de uma mobilidade rumo a uma narrativa de devoção e coragem.

É assim que finalizo este texto, mostrando que não só o grupo em estudo via a devoção como a força que os impulsionava, mas também muitos outros. Essa narrativa não é, em hipótese alguma, exclusiva desses grupos. São diversos — milhares de nordestinos — que partiram rumo às Bandeiras Verdes, em busca de algo cujo lugar sequer tinha certeza. Em sua mobilidade pelo território brasileiro, construíram lugares e fizeram cultura.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AUGÉ, Marc. **Pour une anthropologie de la mobilité**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. **Região da Estrada do Boi: usos e abusos da natureza**. Goiânia: Editora Ufg, 1997.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A Terra da Mãe de Deus: um estudo do movimento religioso de Juazeiro do Norte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

BECKER, Bertha Koiffmann. **Geopolítica da Amazônia: A Nova Fronteira de Recursos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, vol. II, 2002. p. 279-304.

BORGES, Manoel Filho. **Os quilombos da romaria: linha do tempo, protagonistas e instituições**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína, Muricilândia-TO, 2022.

BRITO, Eliseu Pereira de. **Itinerários de uma identidade territorial na invenção do ser tocantinense**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória de Milton Santos**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais. Goiânia: UFG. 2010.

COELHO, Leonidia Batista. **A comunidade Pé do Morro em Aragominas-TO**. Estado do Tocantins. 2010. 41 f.

COSTA, Kênia Gonçalves. **A Ilha do Bananal, o Povo Iny e suas representações cartográficas: dinâmicas geoambientais, territoriais e étnicas**. Tese de doutoramento. Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), Instituto de Estudos Socioambientais (IESA). Goiânia: UFG, 2014.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e Geografia**. São Paulo: Contexto, 1992.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. [L'homme et la terre: nature de la réalité géographique – 1952]. São Paulo: Perspectiva, 2015. Tradução: Werther Holzer.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1976. Tradução: Maria Yedda Linhares.

DINIZ, Priscila Ribeiro Jerônimo. **“Eu não estou aqui... Aliás, eu estou aqui!”: o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte – CE.** 2021. Tese. Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, João Pessoa, 2021.

FAGUNDES, Marcelo Gonzalez Brasil. **Fragmentos de uma história Panhã: história e território Apinajé na longa duração.** 2022. 397 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2022.

GERBER, Raquel (dir.). **Ôrí** [filme]. Brasil: Angra Filmes / Fundação do Cinema Brasileiro, 1989. Documentário, 93 min. Narração: Maria Beatriz Nascimento.

HÖFFLER, Angelica. Em busca das Bandeiras Verdes. *In.* _____ *et al.* **Padre Cícero: Mistérios da fé.** Fortaleza: Museu do Ceará / Secretária da Cultura do Estado do Ceará; Crato: Universidade Regional do Cariri, 2004. p.10-24

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros.** Vol. XXXVI – Goiás. 1958c.

IBGE. **IBGE Cidades.** 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 24 maio 2025.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo dos Municípios Brasileiros.** Rio de Janeiro, 2022.

LIRA NETO. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

LISANSKY, Judith Matilda. **Migrants to Amazonia: Spontaneous Colonization in the Brazilian frontier.** 1st Edition. Routledge. 1990.

MARTINS, José de Souza. **Caminhada no Chão da Noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais no campo.** São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano.** São Paulo: Contexto, 1997.

MOCHIUTTI, N. F.; GUIMARÃES, G. B.; MOREIRA, J. C.; LIMA, F. F.; FREITAS, F. I.. Os Valores da Geodiversidade: geossítios do geopark araripe/ce. **Anuário do Instituto de Geociências - Ufrj**, [S.L.], v. 351, n. 1, p. 173-189, 27 nov. 2012. Instituto de Geociências - UFRJ.

NASCIMENTO, Beatriz. O movimento de Antônio Conselheiro e o abolicionismo: Uma visão da história regional. *In:*_____. **Uma história feita por mão negras: Relações raciais, quilombos e movimentos.** Organização Alex Ratts. 1^o ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2021 [1981]. Páginas 193 a 212.

NASCIMENTO, Beatriz. Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 6/7, 1982, pp. 259-265.

OLIVEIRA, Izarete da Silva de. **Território e territorialidade nos limites do rural e urbano, na comunidade quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018. 183 f.

PEREIRA NETO, Marcos Antonio. **Território e Trajetórias Socioespaciais da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - Tocantins.** Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. 103 f.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Campesinato Brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1973.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Caldeirão.** Fortaleza, EDUECE, 1991.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero** - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014. 447 p.

RATTS, Alex. A Geografia entre Aldeias e os Quilombos: territórios etnicamente diferenciados. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alex. **Geografia: leituras culturais.** Goiânia: Alternativa, 2003. Cap. 3. p. 29-48.

RATTS, Alex. **O mundo é grande e a nação também: identidade e mobilidade em territórios negros.** Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. 190 f.

RATTS, Alessandro José Prudêncio. (Re)conhecer quilombos no território brasileiro: estudos e mobilizações. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Brasil afro-brasileiro.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 307-326.

RODRIGUES, Jean Carlos; COSTA, Miriam Mendes. **ESPAÇO E RELIGIÃO: presença da Congregação da Pequena Obra da "Divina Providência" no antigo norte goiano (1950-1970).** **Escritas,** Araguaína, v. 8, n. 1, p. 42-54, jul. 2016.

SADER, Maria Regina Cunha de Toledo. **Espaço e Luta no Pico do Papagaio.** 248 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significados.** Brasília: Unb/INCTI, 2015. 150 p.

SANTOS, Katiane da Silva. **Do Passado ao Presente: a festa 13 de maio da comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - TO.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018. 210 f.

SEEMANN, Jörn. Tradições Humanistas na Cartografia e a Poética dos Mapas. *In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 69-92*

SIEBRA, Firmiana Santos Fonseca; BEZERRA, Lireida Maria Albuquerque; OLIVEIRA, Maria Luiza Tavares de. A INFLUÊNCIA GEOTURÍSTICA E AMBIENTAL DO GEOPARK ARARIPE NO GEOSSÍTIO COLINA DO HORTO, CEARÁ/BRASIL. **Revista Geográfica de América Central**, vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-14 Universidad Nacional Heredia, Costa Rica.

SILVA, Judson Jorge da. O olhar de Padre Cícero sobre as relações sociedade natureza e sua importância na formação de núcleos rurais no Cariri cearense. **Vozes, Pretérito & Devir**. Ano I, Vol. I, Num. I (2013).

SILVEIRA, Josione Pereira da. **Ô de casa, ô de fora: saberes e fazeres do lindô e pagode no quilombo Cocalinho, Santa Fé do Araguaia (TO)**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudo de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Araguaína, Araguaína, TO, 2023. 104 f.

SOARES, Cláudio Smalley. De Povoado à Cidade: a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte/CE (1870-1930). *In: **Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, 2014, Brasília. p. 1-16.*

SOBRINHO, João Vasconcelos. **Catecismo e Ecologia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SORRE, Max. **Les migrations de peuples: essai la mobilité géographique**. Flammarion, éditeur. Paris, 1955.

SORRE, Max. Migrações e Mobilidade do Ecúmeno. *In: MEGALE, Januário Francisco (Org.) **Max Sorre**. São Paulo, Ática, 1994, p. 124-139.*

SOUSA, Benilson Pereira de. Elaboração de base cartográfica e levantamento geoambiental, como subsídios para criação da unidade de conservação de uso sustentável no município de Aragominas, norte do Tocantins. **Geoambiente Online**, Jataí, n. 16, p. 34-52, jun. 2011.

SUDRE, Stephanni G. Silva. *Et. al.* Elementos da visitação na Área de Preservação Ambiental do Pé do Morro em Aragominas (TO). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.12, n.5, nov 2019-jan 2020, p. 840-853.

TOCANTINS. **Perfil Socioeconômico dos Municípios do Tocantins**. Palmas. 2013.

TOCANTINS. **Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento e das Queimadas do Estado do Tocantins (2021-2025)**. Palmas. 2021.

TONINI, Quinto. **Dom Orione: entre diamantes e cristais**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1959. Tradução de: Terezinha de J. Nóbrega Foli.

VALVERDE, Orlando; DIAS, Catharina Vergolino. **Rodovia Belém-Brasília: estudo de geografia regional.** Rio de Janeiro: Fundação IBGE, 1967.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa. **À Procura das Bandeiras Verdes: Viagem, Missão e Romaria - Movimentos sócio-religiosos na Amazônia Oriental.** Tese (Doutorado) - Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. 623 f.

VELHO, Otávio G.. **Capitalismo Autoritário e Campesinato.** DIFEL, São Paulo, 1976. *Apud*, SADER, Maria Regina Cunha de Toledo. Espaço e Luta no Pico do Papagaio. 248 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

Walker , Daniel. **Pequena Biografia do Padre Cícero.** Fonte digital. Rocket Edition (1999).

CORDÉIS

1. Raul Poeta. **Megalografia de uma cidade: Juazeiro do Norte.** (sem data).
2. Raimundo Bezerra de Moura. **Nascimento, vida e morte do Padre Cícero Romão Batista e suas profecias em 1934.** (sem data).

Apêndice

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**Mobilidade espacial dos romeiros de Padre Cícero no Norte do Tocantins**”. Meu nome é **Marcos Antonio Pereira Neto**, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é a geografia. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. **Você poderá desistir da participação na pesquisa a qualquer momento e sem prejuízos.** Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) responsável(is), via e-mail **marcos.neto@discente.ufg.br** e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: **(62) 9 9326-8427**, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás**, pelo telefone (62) 3521-1215. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes. O processo de ocupação da região da comunidade se deu por um viés de fé, romeiros que buscavam uma “terra prometida” por Padre Cícero, as Bandeiras Verdes, miticamente sem localização exata, mas com um rumo, rumo ao sol poente e próximo aos grandes rios, as Bandeiras Verdes são locais onde as matas nunca secam e a água nunca acaba, um lugar inexplorado, ideal para a construção da nova vida destinada por Deus e guiada por Padre Cícero. O trabalho tem como objetivo geral identificar e compreender as mobilidades dos romeiros do Padre Cícero no norte do Tocantins a partir da década de 1950. Os resultados da referida pesquisa serão tornados públicos sejam eles favoráveis ou não. Os resultados estão disponíveis na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás após a conclusão da pesquisa e da defesa pública da tese. Os dados poderão ser publicados em revistas científicas e/ou eventos acadêmicos e em livros e/ou capítulos de livros.

A pesquisa terá como benefício à compreensão do processo de construção territorial da área estudada a partir das mobilidades dos romeiros que buscaram as Bandeiras Verdes como traçando as trajetórias socioespaciais das principais personagens do processo migratório. Assim, o resultado final desta pesquisa poderá evidenciar os espaços vividos, o repertório de lugares, e as mobilidades destes personagens, visibilizando suas lutas pelo território no intuito de serem recompensados/as de eventuais riscos no processo de realização da pesquisa.

Você será entrevistado e para isso deverá reservar um período de, pelo menos 30 minutos, para que possamos conversar. Será feita uma coleta de depoimentos com antigos moradores, registros com fotografias do local. Como as perguntas serão sobre suas mobilidades, podem acontecer desconfortos emocionais ou constrangimentos e você poderá não responder a qualquer pergunta que lhe trouxer alguma angústia. Você tem direito a ressarcimento das despesas decorrentes da cooperação com a pesquisa, e a pleitear indenização em caso de danos.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado está garantida o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. Contudo, haverá a divulgação do seu nome quando for de interesse se não houver objeção:

- Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa;
- Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa.

Em relação aos registros fotográficos e utilização das fotografias na publicação dos resultados:

- Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
- Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Em relação aos registros de áudio durante a entrevista:

- Permito a utilização de gravador durante a entrevista.
- Não permito a utilização de gravador durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado ao entrevistado o direito de ler e aprovar as transcrições:

- Autorizo o uso de minha voz em publicações.
- Não autorizo o uso de minha voz em publicações.

Em relação a divulgação da opinião do entrevistado nos resultados da pesquisa:

- Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
- Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Todos os dados coletados ficarão sob a guarda do pesquisador responsável por pelo menos cinco anos, e toda nova pesquisa a ser feita com esses dados será pedido autorização novamente aos participantes, e também submetida à aprovação do CEP institucional e, quando for o caso, à CONEP.

Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras e,

portanto, autorizo a guarda do material em banco de dados;

Declaro ciência de que os meus dados coletados podem ser relevantes em pesquisas futuras, mas não autorizo a guarda do material em banco de dados.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, _____,
abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “**Mobilidade espacial dos romeiros de Padre Cícero no Norte do Tocantins**”. Informo ter mais

de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido pelo pesquisador responsável Marcos Antonio Pereira Neto sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, _____ de _____ de _____

Marcos Antonio Pereira Neto
Pesquisador responsável

Assinatura por extenso do(a) participante

Testemunha (se participante iletrado)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MOBILIDADE ESPACIAL DOS ROMEIROS DE PADRE CÍCERO NO NORTE DO TOCANTINS

Pesquisador: Marcos Neto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 57466622.7.0000.5083

Instituição Proponente: INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.458.653

Apresentação do Projeto:

Este projeto pretende estudar “um grupo de romeiros do Padre Cícero que migrou para o norte de Goiás, atualmente estado do Tocantins. Esses romeiros estavam em busca de um morro, o qual encontrariam um cruzeiro, destinado pelo Padre, e ali fixariam moradia, pois, teriam encontrado sua terra prometida. Esse movimento ficou conhecido como Bandeiras Verdes”. Cronograma de estudos com previsão de finalização em dezembro/2024.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral desta pesquisa é “identificar e compreender as mobilidades dos romeiros do Padre Cícero no norte do Tocantins a partir da década de 1950”.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador informa sobre os riscos e benefícios da pesquisa no documento “informações básicas da pesquisa” e no TCLE. Em ambos os documentos, garante sigilo e anonimato.

Benefícios: Promover a compreensão do “processo de construção territorial da área estudada a partir das mobilidades dos romeiros que buscaram as Bandeiras Verdes traçando as trajetórias socioespaciais das principais personagens [desse] processo migratório. Evidenciar os espaços vividos, o repertório de lugares, e as mobilidades destes personagens, visibilizando suas lutas pelo território”.

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 5.458.653

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A proposta é pertinente para a área de Geografia.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo foi instruído com os seguintes documentos:

Projeto;

Folha de rosto;

Cronograma;

TCLE;

Questões norteadoras para a coleta de dados

Termos de compromisso assinado pelo proponente e seu orientador

Carta de atendimento de pendências

Início previsto para a coleta de dados: 01/10/22.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O pesquisador sanou as pendências elencadas em parecer anterior (N. 5.385.339 de 03/05/22). Protocolo Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa / CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO e lembramos que o pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1894528.pdf	20/05/2022 09:53:55		Aceito
Outros	CARTA_DE_ATENDIMENTO_DAS_PENDENCIAS_AO_CEP.pdf	20/05/2022 09:52:44	Marcos Neto	Aceito

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 5.458.653

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Marcos_TCLE_modificado_humanidade_s18_doc_2022.pdf	17/05/2022 14:30:57	Marcos Neto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Marcos_PROJETO_doc_2022.pdf	17/05/2022 14:30:13	Marcos Neto	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_MarcosNeto.pdf	28/03/2022 19:32:16	Marcos Neto	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Marcos_Termo_Compromisso_doc_2022.pdf	07/02/2022 16:01:39	Marcos Neto	Aceito
Outros	Marcos_INSTRUMENTO_DE_COLETA_DE_DADOS_doc_2022.pdf	07/02/2022 16:00:19	Marcos Neto	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 09 de Junho de 2022

Assinado por: **Marilúcia Lago (Coordenador(a))**

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br

